

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MESTRADO

RAUL VITOR RODRIGUES PEIXOTO

"AS OBRAS DE POLIENO E FRONTINO: PROPOSTA DE UMA TIPOLOGIA DOS
MANUAIS MILITARES ROMANOS NO PRINCIPADO."

GOIÂNIA

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MESTRADO

RAUL VITOR RODRIGUES PEIXOTO

"AS OBRAS DE POLIENO E FRONTINO: PROPOSTA DE UMA TIPOLOGIA DOS
MANUAIS MILITARES ROMANOS NO PRINCIPADO."

GOIÂNIA

2011

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

| | | | |
|--|--|---|-------|
| Autor (a): | Raul Vitor Rodrigues Peixoto | | |
| E-mail: | soliduspetrus@gmail.com | | |
| Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? | <input type="checkbox"/> Sim | <input checked="" type="checkbox"/> Não | |
| Vínculo empregatício do autor | | | |
| Agência de fomento: REUNI | | Sigla: | |
| País: | Brasil | UF: | CNPJ: |
| Título: | "As obras de Polieno e Frontino: Proposta de uma tipologia dos manuais militares romanos no Principado." | | |
| Palavras-chave: | Estratagemas, Manuais Militares, Frontino, Polieno, História Militar | | |
| Título em outra língua: | "The works of Frontinus and Polyaeus: Proposal of a typology of roman military manuals in the Principate." | | |
| Palavras-chave em outra língua: | Stratagemas, Military Manuals, Frontinus, Polyaeus, Military History | | |
| Área de concentração: | Culturas, Fronteiras e Identidades | | |
| Data defesa: (dd/mm/aaaa) | | | |
| Programa de Pós-Graduação: | Faculdade de História - UFG | | |
| Orientador (a): | Dr. ^a Ana Teresa Marques Gonçalves | | |
| E-mail: | anateresamarquesgoncalves@gmail.com | | |
| Co-orientador (a):* | | | |
| E-mail: | | | |

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Liberação para disponibilização?¹ total parcial

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Assinatura do (a) autor (a)

Data: ____ / ____ / ____

¹ Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo e metadados ficarão sempre disponibilizados.

RAUL VITOR RODRIGUES PEIXOTO

"AS OBRAS DE POLIENO E FRONTINO: PROPOSTA DE UMA TIPOLOGIA DOS
MANUAIS MILITARES ROMANOS NO PRINCIPADO."

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial da obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.

Linha de Pesquisa: História, Memória e Imaginários Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Teresa Marques Gonçalves.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

Peixoto, Raul Vitor Rodrigues.

P379o As obras de Polieno e Frontino [manuscrito] : proposta de uma tipologia dos manuais militares romanos no Principado / Raul Vitor Rodrigues Peixoto. - 2011. 206 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Teresa Marques Gonçalves.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de História, 2011.

Bibliografia.

1. Estratagemas. 2. Manuais Militares Romanos. 3. Polieno. 4. Frontino. 5. História Militar Roma. I. Título.

CDU: 930.85:355.01

RAUL VITOR RODRIGUES PEIXOTO

"AS OBRAS DE POLIENO E FRONTINO: PROPOSTA DE UMA TIPOLOGIA DOS
MANUAIS MILITARES ROMANOS NO PRINCIPADO."

Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestrado em História, aprovada em __/__/2011, pela banca examinatória constituída pelos seguintes professores:

Prof.^a Dr.^a Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)

(Presidente)

Prof.^a Dr.^a Renata Senna Garrafonni (UFPR)

(Membro)

Prof.^a Dr.^a Luciane Munhoz de Omena (UFG)

(Membro)

Prof.^a Dr.^a Dulci Oliveira Amarante dos Santos (UFG)

(Suplente)

Prof.^a Dr.^a Margarida Maria de Carvalho (UNESP)

(Suplente)

Em memória de Sanderson Rodrigo Campos Costa

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu a oportunidade de cursar um mestrado num país onde tantos não tem oportunidade se quer de aprender a ler e a escrever. Ele me sustentou e me guardou em todos os momentos. Sou grato pela oportunidade de continuar participando de Sua obra enquanto procedi esses estudos. Agradeço a minha família, meu pai Luiz Cláudio Peixoto, minha mãe Magaly Rodrigues Guimarães Peixoto e meu irmão Arthur Henrique Rodrigues Peixoto, o apoio deles foi fundamental pois, foram eles que me suportaram enquanto eu fazia as disciplinas, as leituras e a redação do texto; sou eternamente grato a Deus pela família que me deu.

Sou também agradecido a Professora Ana Teresa Marques Gonçalves que me orientou desde o primeiro ano da graduação. As ideias aqui propostas e defendidas acabam por se confundir com as dela. O que eu sei sobre história antiga aprendi com ela ou por intermédio dela. Sou grato pelos três anos durante os quais ela me confiou o cargo de seu monitor e pelos livros que ela me emprestou, possibilitando esse trabalho, alguns deles até mesmo se esqueceram que a ela pertencem pois, chegaram a passar mais de cinco anos em minha estante. Agradeço a Professora Renata Senna Garrafonni por ter aceitado prontamente participar dessa banca. Temos certeza de que seus apontamentos serão de grande importância para esta dissertação. Da mesma forma, agradecemos a Professora Luciane Munhoz de Omena pela ajuda que já prestou em nosso exame de qualificação e pelo que com ela pude aprender em tantas oportunidades onde ela, atenciosamente, ouviu e leu meus trabalhos.

Agradeço de uma forma muito especial a minha namorada Silvana Silva dos Santos que esteve ao meu lado na maior parte da escrita do texto dessa dissertação. Ela suportou o stress e ouviu pacientemente as minhas reclamações acadêmicas sempre com palavras e gestos de amor, carinho e incentivo. Obrigado por ser a excelente namorada que você é.

Sou muito grato também aos *Snipers*, meus amigos de todas as horas. Os agradeço na pessoa de Luis Eduardo Teixeira Figueiredo, que no dia do processo seletivo do mestrado me levou e trouxe ao campus II em tempo recorde. Eu havia esquecido o documento que me permitia fazer a prova escrita e então o prometi que isto estaria

registrado nos agradecimentos. A todos os *Snipers* a gratidão por todos os momentos de descontração onde eu podia discutir a política e a guerra da *Terra Média* e não a do Império Romano.

Agradeço a Primeira Igreja Batista em Goiânia e a *Casa Up*, onde pedi constante interseção pelo bom andamento deste trabalho que aqui se apresenta. No mais agradeço a todos vocês por serem aquilo que de fato o Cristianismo chama de Igreja.

Agradeço à toda equipe da Radio Tribal na pessoa do Pr. Artur Moraes da Costa, onde durante esse último ano tive a oportunidade de compartilhar semanalmente as minhas *pesquisas paralelas* na área de Apologética no programa de rádio *Conversações Brejeiras*. É claro não poderia esquecer do programa *Barraco* alívio semanal para o stress, meus sinceros agradecimentos a todas as figuras distintas que fazem parte daquilo que pode se chamar de “talk show”.

Não poderia deixar de agradecer também Henrique Mondanez, Rafael da Costa Campos, Dominique Vieira e Marcelo Miguel. Estes quatro amigos tiveram, cada um a sua maneira e característica, sua influencia na minha formação como Historiador. Henrique me ensinou muito do que sei sobre história militar e teve papel importante no pensar dessa dissertação. Rafael foi companheiro nos congressos, do mais perto ao mais longínquo e amigo na hora das crises profissionais. Com Dominique aprendi que filosofia, teoria da história e grego tem haver com *Fantasia Medieval*, *Street Fighter* e segunda divisão do campeonato brasileiro. Agradeço também ao Marcelo pela companhia em todas as *manobras militares acadêmicas* como a *Interceptação* e *Tocaia* de Orientador (vida longa ao P.O.M!). Com todos estes aprendi muito e ri muito.

Finalmente agradeço a todos que compareceram a esta defesa de mestrado. Obrigado por prestigiarem esse momento da minha vida. Todos que estão aqui nesse dia são direta ou indiretamente responsáveis por essa vitória. A todos meus sinceros agradecimentos.

Essa experiência não poderia ser descrita como tranquilo trabalho de um nem como a expansão triunfante do outro. É qualquer coisa de muito mais arriscado, de mais trágico; somos sempre ofegantes, humilhados, mais que meio vencidos. É qualquer coisa como a luta entre Jacob e o Anjo de Yahweh, no vale do Yabboq. Não nos encontramos sós, encontramos-nos nas trevas como um outro misterioso, realidade ao mesmo tempo sentida como terrivelmente presente e como rebelde ao nosso esforço: tentamos abraçá-la, forçá-la a submeter-se, e sempre ela acaba, pelo menos em parte, por se esquivar... A história é um combate do espírito, uma aventura e, como todos os empreendimentos humanos, só conhece êxitos parciais, muito relativos, sem proporção com a ambição inicial; como de toda a luta travada com as profundidades desconcertantes do ser, o homem volta de lá com um sentimento agudo dos seus limites, da sua fraqueza, da sua humildade.

– H. I. Marrou – Do Conhecimento Histórico

RESUMO

Este trabalho de dissertação tem como objetivo propor uma tipologia dos manuais militares romanos do período do Principado. Para isso usamos dois documentos textuais o *Stratagemata* de Sexto Julio Frontino e o *Strategica* de Polieno. Procedemos uma análise da vida destes autores, suas obras e eventos militares mais marcantes do período em que viveram e escreveram objetivando uma melhor compreensão dos motivos pelos quais a aristocracia romana produziu e consumiu este tipo de literatura.

Palavras chave: Estratagemas, Manuais Militares, Frontino, Polieno.

ABSTRACT

This dissertation work aims to propose a typology of Roman military manuals of the period of the Principate. For this we use the two textual documents *Stratagemata* of Sextus Julius Frontinus and Polyaeus *Strategica*. We conducted an analysis of the lives of these authors, their works and military events of the most remarkable period in which they lived and wrote aiming a better understanding of why the roman aristocracy produced and consumed this type of literature.

Keywords: Stratagems, Military Manuals, Frontino, Polyaeus.

SUMÁRIO

| | |
|--|-------|
| INTRODUÇÃO..... | p.14 |
| CAPÍTULO I: OS MANUAIS MILITARES: CARACTERIZAÇÃO E AUTORIA..... | p.31 |
| 1.1. POLIENO E SUA OBRA | p.31 |
| 1.2 .FRONTINO E SUA OBRA..... | p.40 |
| 1.3. O MANUAL MILITAR COMO ESTILO NARRATIVO ESPECÍFICO..... | p.44 |
| CAPÍTULO II: OS PORTÕES DE JANUS PERMANECEM ABERTOS..... | p.67 |
| 2.1. MURALHAS MARCHANTES: O EXÉRCITO ROMANO NO PRINCIPADO..... | p.68 |
| 2.2 LEITURAS DE CAMPANHA: GUERRAS TRAVADAS PELOS ROMANOS NOS TEMPOS DE FRONTINO E POLIENO..... | p.84 |
| 2.2.1 CÓRBULO E AS LEGIÕES ROMANAS NA ARMÊNIA EM 57 d.C..... | p.84 |
| 2.2.2 TITO E AS LEGIÕES QUE CERCARAM JERUSALÉM EM 70 d.C. | p.104 |
| 2.2.3 LUCIO VERO E AS LEGIÕES DISPOSTAS CONTRA O “OUTRO IMPÉRIO” | p.113 |
| CAPÍTULO III - COMPARAÇÕES POSSÍVEIS: <i>STRATEGICA</i> E <i>STRATAGEMATA</i> | p.119 |
| 3.1 MÉTODO..... | p.119 |
| 3.2 PASSAR UMA FALSA IMPRESSÃO AO INIMIGO..... | p.121 |
| 3.3 CONDUTA DE RETIRADA DAS TROPAS..... | p.132 |
| 3.4 USO DE RECURSOS NATURAIS..... | p.140 |
| 3.5 CONDUTA DE UM BOM GENERAL..... | p.145 |
| 3.6.MANUTENÇÃO DA MORAL DAS TROPAS | p.153 |
| 3.6 CONDUTA AO SITIAR UMA CIDADE OU SER SITIADO..... | p.163 |
| 3.7 TRAVESSIA DE CURSOS D’ÁGUA..... | p.174 |
| 3.8 UTILIZAR A CRENÇA NO SUPRA-SENSÍVEL A SEU FAVOR..... | p.178 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | p.190 |
| REFERENCIA BIBLIOGRÁFICAS..... | p.201 |

"AS OBRAS DE POLIENO E FRONTINO: PROPOSTA DE UMA TIPOLOGIA DOS MANUAIS MILITARES ROMANOS NO PRINCIPADO."

INTRODUÇÃO

Por detrás de toda pesquisa histórica há um interesse. Este trabalho de pesquisa, em forma de dissertação de mestrado, não poderia ser diferente. O nosso interesse por história militar tem uma história que remonta a adolescência, época na qual nem imaginava que havia um setor da história especializado nestes estudos. Passei então uma boa parte dessa adolescência lendo todo o material que conseguisse encontrar sobre o assunto, do livro didático a revistas voltadas ao grande público, e principalmente jogando todos os jogos que simulassem guerras do passado ao qual tivesse acesso. Os motivos pelos quais as grandes batalhas chamam tanto a nossa atenção são os sentimentos que elas são capazes de gerar nos homens, dentre eles a coragem, o companheirismo e a resignação são os que mais nos inspiram.

Então, nossa decisão por cursar história surgiu juntamente com esse interesse pela história das guerras e dos Impérios. Em grande parte, essa decisão foi ratificada pelas excelentes aulas da professora Simone Luline Cintra, que faziam com que a história fosse algo acessível aos alunos daquele que então era um colégio público. Essa decisão aconteceu quando cursávamos a 6º série, hoje 7º ano do ensino fundamental, e desde então nunca foi modificada. Em 2004, e iniciamos a graduação na UFG e meu objetivo era estudar o Império Mongol de Gengis Khan. Mas na ocasião fomos “interceptados” pelas excelentes aulas dadas por nossa, desde então, orientadora Ana Teresa Marques Gonçalves. Lembramos muito bem até hoje da pergunta que a professora Ana me fez quando a perguntamos se ela poderia nos orientar no assunto que desejava: “Ok filho, quando você começa as aulas de mandarim?”. Com o humor que lhe é peculiar, a professora Ana estava me advertindo para o fato de que a pesquisa sobre o Império

Mongol infelizmente demandaria um esforço que não conseguiríamos realizar, pelo menos naquele momento de nossa carreira como historiador. No entanto, a professora Ana prometeu ajuda e não apenas retirou nossas esperanças de pesquisar aquilo que desejávamos há tanto tempo. Não demorou muito e ainda no primeiro ano de graduação, já éramos orientados da professora Ana, que um tempo depois me trouxe um livro que, segundo ela, quase ninguém tinha ouvido falar no Brasil. O livro tinha um tema convidativo “*Estratagemas*” de um tal Polieno. Ao longo do curso de História Antiga fomos percebendo que se existiu uma época histórica que reuniu os maiores generais dos quais se tem notícia essa época era a Antiguidade Clássica, ao passo que resolvemos nos radicar nela como pesquisador em treinamento (coisa que acreditamos ser até hoje).

No ano seguinte, assumimos como monitor da matéria de História Antiga e já escrevemos nosso primeiro artigo sobre *Estratagemas* de Polieno. Nos anos que se seguiram na graduação, escrevemos sob orientação da professora Ana, nossa monografia de conclusão de curso: uma pesquisa acerca da obra de Polieno. Esta monografia foi o pilar para o projeto de mestrado que apresentamos no processo seletivo da UFG do final de 2007; no entanto conseguimos passar apenas como aluno especial. Continuamos trabalhando e fazendo as disciplinas que pudemos em 2008, sempre sob orientação da professora Ana, resolvemos problemas do projeto inicial e nos preparamos melhor para o processo seletivo. Assim, em 2009, ingressamos como aluno regular no programa de mestrado da faculdade de história da UFG, conseguimos o aproveitamento das disciplinas que havia feito como aluno especial e demos prosseguimento a pesquisa. Logo fomos agraciados com uma bolsa REUNI, que nos levou a ser mais uma vez monitor das disciplinas de História Antiga, oportunidade na qual tivemos o privilégio de exercer, por algumas vezes, a docência universitária.

Na pesquisa, houve muitas inovações com relação ao projeto inicial e isso nos parece bom. Resolvemos acrescentar outro manual militar, para somar ao *Estratagemas* de Polieno: tratava-se do *Estratagemas* de Frontino (no decorrer da dissertação encontram-se os nomes originais das obras para evitar a confusão, já que as traduções para o português e espanhol fazem com que as duas obras tenham o mesmo nome). A obra de Frontino inicialmente funcionaria como um contraponto a obra de Polieno. No entanto, a pesquisa nos mostraria que eles tinham muito mais em comum do que diferenças. Percebemos que havia uma espécie de “escola de manuais militares” que fazia com que obras fossem muito parecidas entre si, tanto em conteúdo quanto na forma.

O objetivo passou a ser o de demonstrar a existência desta consonância entre o pensamento estratégico durante o Principado em Roma. Pensamos que isto é possível graças ao intervalo de tempo entre Frontino e Polieno, que não é nem muito curto nem muito longo, devido também às semelhanças e citações que Polieno fez de Frontino e a permanência dos tópicos literários usados pelos dois autores em autores posteriores, como a obra de Vegécio, por exemplo. A primeira hipótese do trabalho é a de que existe uma determinada corrente de pensamento entre as aristocracias letradas romanas. Uma determinada forma de pensarem a si mesmos como comandantes, pois o manual militar apresenta a opinião aristocrática do tipo de comportamento ideal para um bom general (já que Frontino e Polieno faziam parte desta aristocracia). Pensamos que corroboramos esta hipótese a partir do momento que constatamos o caráter didático do manual militar.

Uma segunda hipótese que surgiu da leitura e análise dos dois documentos textuais foi a de que o manual militar trabalha com uma perspectiva temporal um tanto quanto diferente da perspectiva de outros textos antigos. No manual militar haveria a exortação e a forja de uma ponte ativa entre o passado e o presente. Em outras palavras, seria uma questão de atitude do leitor perante o tempo; o manual militar incentiva o seu

leitor a forjar as situações nas quais determinada estratégia daria certo ao contrário de apenas esperar que determinada estratégia possa vir a ser aplicada, caso as circunstâncias se apresentassem favoráveis. Dessa forma, nos utilizando de trechos dos manuais chamados *exempla*, demonstramos que os autores de manuais militares incentivaram esta forma mais agressiva de se lidar com os acontecimentos. Emular os grandes generais do passado não só quando a oportunidade surge, mas através da astúcia e da engenhosidade criar as oportunidades, reforjar circunstâncias para repetir os princípios que deram a vitória.

Quanto a abordagem que utilizamos ao longo da pesquisa, cremos que fica claro que não se trata de um trabalho de história militar aos moldes antigos. Estes trabalhos (que fique bem claro que não os estamos criticando, pois reconheço seu grande valor) estão voltados para uma espécie de história política da guerra. É fato que no segundo capítulo desta dissertação algo semelhante é feito, mas com objetivos claros de contextualizar as fontes e de, principalmente, demonstrar que os estratagemas contidos nos *exempla* de Polieno e Frontino eram de fato aplicáveis em seu tempo e não apenas uma coleção de feitos gloriosos utópicos e inimitáveis. Nossa abordagem está mais ligada à da história cultural, pois como já vimos nas hipóteses, estas concentram-se em áreas ligadas completamente à forma como os próprios romanos se imaginavam, lidavam com suas memórias e pensavam sua relação com o tempo. Assim, não há aqui nenhum objetivo relacionado a se determinado fato ocorreu ou não, ou se determinada batalha terminou com este ou aquele número de feridos. Voltamos a afirmar, este tipo de trabalho é de fundamental importância, mas não é nosso objetivo nesta dissertação.

A respeito da importância do estudo da guerra antiga como esta era vista pelos seus próprios protagonistas, Victor Davis Hanson afirma:

"Embora exista uma vasta bibliografia acadêmica sobre a condução da guerra no mundo antigo, muito pouco trabalho tem sido dedicado à guerra clássica como foi vista abstratamente pelos próprios pensadores gregos e romanos" (HANSON, 2007, p.5).

Interessante o comentário de Hanson, afirmando que existem muitos estudos que contemplam a forma pela qual se deram as batalhas no mundo antigo, assim também como suas implicações políticas, porém há pouco trabalho devotado a perceber como a guerra clássica era vista pelos próprios pensadores gregos e romanos.

Segundo Hanson, houve um paradoxo na historiografia militar do século XIX. Os homens mais aptos a decifrar a linguagem antiga, analisar dados arqueológicos e investigar historicamente eram os que, ao mesmo tempo, estavam o mais distante possível do conhecimento pragmático dos campos de batalha. Hanson faz este comentário, pois até o surgimento da guerra moderna, baseada primordialmente nas armas de fogo, os homens que estudaram a literatura de guerra o faziam em busca de aprendizado prático, ou seja, eram homens habituados aos campos de batalha. Isso acontecia porque as táticas e estratégias ensinadas pelos antigos ainda possuíam aplicabilidade mesmo no mundo medieval e no começo da era moderna.

Estes historiadores do século XIX, em sua maioria alemães, aplicaram um método que misturava filologia com topografia além de confronto entre fontes literárias e arqueológicas com a finalidade de reconstruir com exatidão as batalhas da antiguidade clássica. Assim, a análise da história militar nesse período esteve preocupada em responder questões bem mais pragmáticas acerca das batalhas antigas, o que refletia o positivismo latente na época. É necessário deixar claro que não estamos aqui criticando o que estes historiadores fizeram, trata-se apenas de um apontamento sobre a história militar do século XIX até nós, até mesmo por que sem o trabalho destes historiadores, que respondem a tão eminente pergunta “Como se desenrolou tal batalha?” dificilmente poderíamos nos preocupar com as questões que levantamos hoje. Diríamos que é

impossível levar a cabo um estudo que reflita, por exemplo, acerca de como a revolução hoplítica gerou bases para o regime democrático se não soubéssemos como se armavam e se organizavam os hólitas ou que espécies de batalhas eles venceram. Hanson resume o trabalho desses historiadores:

“O trabalho monumental de K. Pritchett -em muitas formas de pré-eminente historiador militar de Grécia antiga do século XX- e outros textos padrões em exércitos clássicos por FE Adcock, JK Anderson, R. Davies, L. Keppie, J. Lazenby, RE Smith, G. R. Watson e G. Webster seguiram essa tradição sagrada de identificar o vocabulário-chave, revisar o recrutamento e equipamentos com atenção para as descobertas arqueológicas, reconstruindo práticas de táticas e estratégicas de textos antigos sobre guerra e, em seguida, interpretar amplamente como um assunto do Estado” (HANSON, 2007, p.8)

Para o autor, o que se apresenta como problemático neste tipo de estudo é a forma Clausewitziana como suas interpretações são conduzidas, associando a guerra sempre à política e a um assunto de Estado. Ao não conseguirem fazer a crítica de Clausewitz estes historiadores cometeram o mesmo reducionismo que ele e trataram a guerra antiga como sendo sempre uma extensão da política que agia aonde a diplomacia falhava. Assim, ficou de fora dos estudos do século XIX toda a dimensão religiosa, cultural e social que a guerra antiga assumia no seio daquelas sociedades. Como bem comentou Hanson:

“Em nenhum destes inquéritos existe qualquer necessidade expressa de se identificar o propósito da história militar antiga. Os autores, ao contrário, supõem que a guerra sempre foi, e continua sendo, integral para a sociedade europeia, servindo assim como uma das coisas "tocáveis" para o entendimento da civilização greco-romana em geral” (HANSON, 2007, p.8).

Daí sua posição totalmente Clausewitziana em crer que toda a guerra é instrumento do Estado em extensão da política.

Com o fim da primeira guerra mundial, alguns poucos estudantes de guerra antiga, franceses, ingleses e americanos passaram a estudar a guerra em uma perspectiva diferenciada, talvez influenciados pela estruturação de novas disciplinas como a antropologia, a linguística e a sociologia.

“No entanto, essas histórias foram ainda totalmente fatos empíricos em sua fidelidade ao primado de “retirar das escavações, epigrafias e textos literários”, raramente questionando as tradições aceitas de realização de pesquisas” (HANSON, 2007, p.9).

Percebemos que esta expansão do campo foi apenas metodológica, permanecendo as ideias decorrentes delas muito semelhantes às anteriores, apesar de obtidas por métodos diferentes.

A mudança de método, aliada à mudança na forma de se questionar as fontes apareceu, de fato, na França da década de 1960. Essa mudança talvez tenha se dado por influência da antropologia e do estruturalismo. J.-P. Vernant e P. Vidal-Naquet, P. Ducreye e Y. Garlan não estavam interessados nos exércitos antigos apenas como ferramentas do Estado para matar inimigos e ocupar territórios, ou mesmo como indícios de tensões entre classes nas *poleis* e na República, mas também como ritos de passagens para jovens que estavam alcançando idade ou como vestígios dos estado pré-tribais dessas sociedades. Este novo modo de ver os assuntos militares antigos chegou aos países de fala inglesa e muito dele pode ser visto no trabalho de M.I. Finley e de seus alunos e seguidores que escreveram sobre a guerra antiga em termos de culto, ritual, religião, aspectos psicológicos e cultura em geral (HANSON, 2007, p.10). Novamente

questionando o paradigma Clausewitzano², trataram a guerra antiga não como uma extensão da política, mas como uma trágica expressão de sua própria cosmovisão.

Estes historiadores, apesar destas enormes contribuições, nunca atribuíram a si mesmos títulos como historiadores da guerra ou historiadores militares, haja vista suas terríveis experiências com as duas guerras mundiais do século XX, cuja carnificina e o impacto da destruição causada jamais podem ser comparados às guerras antigas.

“Outras razões também contribuíram para esta relutância em aceitar a história militar no sentido antigo como se tratando do negócio formal de matar entre exércitos nacionais. Dada a centenas de milhões de soldados e civis que morreram no século XX - uma carnificina horrível em comparação com a guerra menos letal de tomada do século XIX - e uma aversão crescente contra o nacionalismo, era compreensível que os tradicionais historiadores militares em todos os campos bateram em retirada.” (HANSON, 2007, p.11).

Muitos destes historiadores temeram que seus estudos, que apontavam para a guerra como uma prática universal entre os seres humanos e muitas vezes com características de inevitabilidade, fossem interpretados como apoio acadêmico a ideologias totalitaristas, que tinham na guerra e no militarismo suas principais bases de sustentação.

Este receio, possibilitou o surgimento dessas novas abordagens que trataram a guerra antiga por vieses diferentes, que não dissessem respeito às questões práticas, mas que se preocupassem em observar temas ainda pouco explorados, como as motivações da guerra fora dos campos político e econômico. O que ocorreu foi que os estudos militares até esta mudança de paradigmas da década de 1960 possuíam um viés muito pragmático, ou seja, eles de fato se pareciam com estudos de caso para se fazer a guerra. Notemos que

² O paradigma consiste em ver a guerra exclusivamente com um instrumento do Estado que é utilizado nas situações em que a diplomacia falha. Dessa forma, aqueles que pensam a guerra por este paradigma reduzem-na a uma extensão da política deixando de fora toda a extensão cultural da guerra (KEEGAN, 2006, p.29).

os primeiros historiadores civis do século XIX, que estudaram a história militar antiga, foram considerados inaptos pelos historiadores com algum vínculo militar, como já atestou o próprio Hanson em citação feita acima. Estes homens estudavam história militar da mesma forma como um romano lia *Stratagemata* de Frontino; liam e estudavam para aplicar à guerra. Pensando por este ângulo, faz todo sentido que o trabalho destes homens tenha enfrentado toda sorte de rejeição no século XX, após duas guerras mundiais. Seus estudos podiam ser vistos como verdadeiros comentários militares modernos acerca de estratégias antigas.

O maior problema foi que os tratados militares antigos, um gênero de fonte como qualquer outro, foram colocados dentro das generalizações, sendo associados injustamente aos problemas enfrentados pelo mundo no século XX, como se homens como Polieno, Frontino e Vegécio fossem responsáveis por incentivar guerras com motivações completamente díspares das levadas a cabo pelos antigos. Estes estudos não foram abandonados, mas certamente foram relegados a um segundo plano. Como comenta o próprio Hanson:

“Devido à ausência de obras de referência acessíveis, a história militar do mundo antigo, como no caso da agricultura antiga, no último meio século nunca gozou da popularidade da religião, mitologia, arquitetura ou da arte, campos repletos de magistras guias acadêmicos” (HANSON, 2007, p.12).

No entanto, o autor prossegue para constatar que, apesar do aspecto negativo gerado em volta dos estudos militares, não se pode negar que:

“A guerra, afinal, é um fato relativamente incontestável, não apenas uma construção social. É difícil argumentar sobre a realidade dos corpos ou a duvidar da existência de entulhos de cabeças, lanças e armaduras. Não há dúvida de que Heródoto, Tucídides, Xenofonte e Políbio centraram suas narrativas sobre o conflito. Por conseguinte, muito mais importante do que o emprego de novos métodos para mudar o rumo da história militar

antigos seriam outros desenvolvimentos importantes que tinham pouco a ver com ideologia.” (HANSON, 2007, p.13)

O que parece proposto por Hanson é que nós não caminhemos somente nas perspectivas influenciadas pelo estruturalismo, que praticamente descartam a existência das batalhas em si, nem em seu outro extremo, que praticamente resume a história militar à ação dos campos de batalha. Uma perspectiva mais equilibrada talvez tenha sido alcançada pelos trabalhos de Jonh Keegan na década de 1970:

“Raramente o trabalho de um único estudioso promove a criação de uma nova escola de pensamento. Mas a publicação de “A face da Batalha” de Jonh Keegan em 1976, rapidamente resultou em uma investigação dos romances gregos e romanos sob a perspectiva do “como era” para os combatentes da época. [...] Pela primeira vez, as falanges e legiões não eram vistos ou como unidades táticas ou instituições sociais por si só, mas sim como formações de jovens que pediam para matar e morrer sob as mais miserável das circunstâncias. Esse novo campo de estudos da batalha também teve o efeito de legitimar a história militar como nunca antes, como a discussão pragmática dos instrumentos de guerra e as condições de dar e receber golpes não eram vistos tanto como uma ciência cruel a serviço do Estado-nação, mas como a informação crítica em aprender o modo como soldados lutaram, foram feridos e morreram. O dilema moral inerente entre os militares antigos agora mudou um pouco, como aqueles que falaram das condições reais da guerra não eram vistos como militaristas no espírito da escola alemã do passado, mas sim como cronistas da vida das pessoas comuns que lutaram, muitas vezes por outros motivos que não o engrandecimento político ou econômico”(HANSON, 2007, p.17).

Então, nos aproximamos desta perspectiva que individualiza o combatente levando em consideração tanto o que a guerra significava psicológica e culturalmente quanto o lado do combate físico e suas implicações. A questão fica muito bem resumida por Hanson, no trecho que segue:

“As fronteiras imperiais romanos não eram meras linhas estáticas entre civilização e barbárie, mas mais zonas amorfas de osmose cultural semelhante as das fronteiras modernas com todos os paradoxos de acompanhamento social e cultural que surgem. Alexandre, o Grande não é julgado naquilo que professa ou no tamanho do império que ele conquistou, mas em termos de milhões de vidas comuns que ele alterou. Marinhas antigas não são meras ferramentas do império, mas coleções de muitas vezes frágeis barcos de madeira alimentados por centenas de escravos e pobres, sob tributação, se não as terríveis condições de serviço [...] A natureza da guerra homérica não pode ser categorizada como mero mito ou história, mas torna-se compreensível somente através do conhecimento sobre as condições da poesia oral e gênero épico [...]” (HANSON, 2007, p.19).

Como podemos ver a história cultural se aproximou da guerra desde a década de 1970. Donald Kagan, na introdução de seu livro *On the origins of war* considera as críticas ao estudo histórico da guerra. Muitas vezes essas críticas são negativas e consideram os estudos de caráter militar como sendo funestos e pessimistas. Kagan rebate essas críticas demonstrando que o otimismo em relação ao fim das guerras não encontra sustentabilidade na análise do passado humano. O autor demonstra que este tipo de pensamento encontra suas raízes em um século XVIII deslumbrado com a ciência e permeado por filosofias da história, como a idéia kantiana de progresso, além é claro do prognóstico que considerava o livre comércio e a democracia como as medidas “anti-guerra” ideais. Para o autor esses argumentos tornaram-se logicamente insustentáveis depois de casos nos quais a população de democracias e/ou economias liberais apoiaram com entusiasmo esforços de guerra, como foi o caso da população inglesa com a guerra da Criméia. Soma-se a isto o fato dos progressos científicos terem sido sistematicamente aplicados à ampliação da capacidade de destruição em massa, algo amplamente confirmado pelas experiências das Guerras Mundiais, travadas, diga-se de passagem, por nações adeptas tanto da democracia quanto do livre comércio (KAGAN, 1995, p.3-5).

Assim, o estudo das guerras e da cultura que os seres humanos produziram em torno dela, ao longo do passado, muito antes de serem encarados como pessimismo ou mesmo incitação e apologia à própria guerra, deveriam ser entendidos como esforço compreensivo por parte de historiadores em discutir as origens de um fenômeno humano inegável e tão importante quanto qualquer outro. Segundo Robert Carneiro:

“A Guerra produz ação, eventos momentâneos e mudança; ela afeta profundamente as vidas de indivíduos, comunidades e estados; ela é responsável, direta e indiretamente, pelo desenvolvimento de estruturas políticas e sociais e pelos avanços em ciências, tecnologia, e virtualmente cada aspecto da cultura” (CARNEIRO, 1981, p.15, *apud.* RAAFLAUB, 2007, p.9).

A guerra “permeou demais a história humana para ser considerada meramente uma anomalia ou uma desventura” (CARNEIRO, 1994, p.5, *apud.* RAAFLAUB, 2007, p.9).

Heródoto, considerado o “pai da história”, afirma que escreveu sua obra para que os grandes feitos de bárbaros e gregos não se perdessem da memória humana (HERODOTUS, *The Persian Wars*, Livro I). Mas intenção de Heródoto não era apenas a de preservar uma memória, mas a de responder uma pergunta “a razão pela qual eles (gregos e bárbaros) lutam entre si.” (LIMA, 2006, p.104). Interessante notar que um cálculo feito por Will e Ariel Durant em 1968 mostra que tivemos apenas 268 anos livres de guerra nos últimos 3.421 (KAGAN, 1995, p.4). Esta estatística demonstra o belicismo como quase que inerente ao ser humano, estando às atividades militares vinculadas de maneira inegável ao passado humano.

Para Lawrence A. Tritle: “De fato, não há como negar as consequências da guerra – como ela transforma aqueles que a experimentaram e como essas experiências mudam a sociedade e a cultura da qual fazem parte” (TRITLE, 2007, p.173). O filósofo grego

Heráclito de Éfeso chegou a esta conclusão há mais de 25 séculos, quando afirmou “De todas as coisas a guerra é pai, de todas as coisas é senhor; a uns mostrou deuses, a outros, homens; de uns fez escravos, de outros, livres” (HERÁCLITO, *Fragmento 53*). Heráclito havia observado muito bem que os Estados helênicos geravam toda espécie de riquezas se utilizando da guerra, no uso da qual também impunham seus interesses sobre demais *poleis* e povos estrangeiros. Mais ainda, Heráclito via no conflito a base do movimento e da mudança (HERÁCLITO, *Fragmento 10*).

Segundo Kurt A. Raaflaub, em seu texto *Searching for Peace in the Ancient World*:

“É memorável pensar o fato de que ao longo da imensa produção literária grega e romana nenhum único tratado “acerca da paz” (*Peri eirenes* ou *De pace*) tenha sobrevivido e nos sabemos de apenas um que tenha sido escrito: *Pius de pace*, de cerca do século I a.C. pelo polígrafo romano M. Terentius Varro [...]” (RAAFLAUB, 2007, p.23).

Para o autor, a busca por uma sociedade antiga pacífica foi uma utopia européia já desmascarada. A existência de sociedades pacíficas só se dá quando há adaptação do conceito de paz, como, por exemplo, considerar paz como ausência de conflitos armados diretos em determinada região por no mínimo 100 anos. Há também conceitos como “paz romana” ou “paz achamenidica” que se referem a um período em que estes Estados não se envolveram em conflitos armados com outros Estados. Estes Estados, apesar de em determinado momento promoverem uma ideologia de paz, estavam longe de serem considerados povos pacíficos (RAAFLAUB, 2007, p.4-5).

Religiosamente falando, em Roma, o conceito de paz parece ser muito importante, porém percebe-se que o entendimento romano de paz gira muito mais em torno de um acordo do que na questão da ausência de conflitos. Vê-se isto nos cultos romanos que, ao

intencionarem a “paz com os deuses”, transpareciam esta dimensão contratual que tinha a paz para os romanos. Raaflaub argumenta que uma divindade que representasse a paz personificada só surgiu tardiamente, quando o Imperador Vespasiano construiu um templo dedicado à paz. Segundo o próprio autor: “Em Roma a elevação monumental e cultural da paz veio tarde e era promovida primariamente por motivos políticos e ideológicos” (RAAFLAUB, 2007, p.14). Contrastando com esta prática, os romanos cultuavam três deuses ligados diretamente à guerra: Marte, Janus e Júpiter. Seu animal sagrado e totêmico era o lobo. Eles mesmos viam-se como descendentes de um filho de Marte amamentado por uma loba. A conclusão é que apesar da ausência de uma reflexão conceitual mais profunda acerca da paz pelos antigos, algumas de suas atitudes deixavam claro que eles tinham uma noção de diferenciação muito clara acerca de paz e da guerra, mas que esta noção foi muito diferente da nossa.

Não que os antigos não tentassem a manutenção ou restauração da paz; isso era tentado de diversas formas. Uma das mais usuais, e várias vezes recomendada por Frontino e Polieno, era a de convencer o inimigo de que era inútil resistir frente à superioridade de seu exército (FRONTINO, *Stratagemata*, Livro III, II, III) (POLIENO, *Strategica*, Livro I, 30.5). Este princípio foi posto em prática por diversos povos no mundo antigo (RAAFLAUB, 2007, p.17). Uma outra forma de se tentar conseguir a paz no mundo antigo era o arbítrio de alguma cidade a favor do fim ou mesmo do não início de um determinado conflito. Porém, este foi um método que se mostrou profundamente ineficiente, principalmente se tratando das cidades-estado gregas, que tanto prezavam por sua liberdade política. A intervenção de uma liga de cidades em questões externas a si própria causou uma guerra por desencadeamento de alianças e não uma intervenção que tenha garantido a paz. No caso romano, temos várias caracterizações diferentes ao longo das fases políticas, no entanto, podemos afirmar que, desde que submeteu outras cidades

no início da expansão republicana, Roma jamais arbitrou um conflito entre duas cidades como uma espécie de juíza justa, pelo contrário fez sempre questão de deixar bem claro que o que estava dentro de seu *limes* era por ela comandado e que lutas internas seriam encaradas como rebeliões e tratadas como tais, rapidamente suprimidas pelas legiões (RAAFLAUB, 2007, p.18).

“Mas o que leva os seres humanos à guerra?” Segundo Kagan, por muito tempo foi comum atribuir as causas da guerra a forças impessoais. Aristocracia, militarismo herdado de culturas antigas, monarquia, escravismo, são muitos os motivos alegados para explicações da guerra no mundo antigo. No mundo moderno fala-se em lutas de classes, imperialismo, corridas armamentistas e sistemas de alianças. Porém, segundo o autor, estes que são apontados como motivos parecem ser muito mais efeitos de elementos mais básicos do que explicações satisfatórias para a origem da guerra (KAGAN, 1995, p.6).

Para Kagan, os melhores estudos a respeito da guerra nos últimos tempos têm apontado para um motivo mais fundamental que produziria a guerra: a competição por poder. E dentro desse universo de teóricos que pensam a guerra como disputa por poder constituiu-se uma divisão clara entre “realistas” e “neorealistas”. Realistas acreditam que as nações buscam a maior quantidade de poder que possa conseguir, e isso é algo desejado não apenas para o que se pode fazer, mas para uma detenção própria. Já os Neorealistas acreditam que os estados buscam poder não para si mesmos, de uma forma repreensiva, mas para assegurar liberdades anteriormente adquiridas.

Apesar destas duas explicações modernas para os motivos que levam os estados a buscarem a guerra, Kagan pensa que, já no final do século V a.C., Tucídides havia dado uma “mais profunda, mais elegante e compreensiva explanação do porquê as pessoas se organizam em Estados e se movem para a guerra. Ele certamente antecipou os realistas

modernos entendendo que a guerra era uma competição armada por poder.” (KAGAN, 1995, p.7). Segundo Tucídides, pessoas vão para as guerras movidas por honra, medo e interesse (TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, Livro III, 82.1). Honra, segundo o autor, deve ser identificada no mundo antigo como fama, glória, renome e esplendor enquanto que no mundo moderno deve ser encarada como respeito, estima ou prestígio. Kagan completa dizendo como a honra, em todos estes sentidos listados, é importante na explicação do porquê as nações vão à guerra, e que por incrível que pareça é o motivo mais deixado de lado pelos estudiosos. Este comentário de Kagan em muito contribui para nossa perspectiva de análise que visa compreender a guerra principalmente em seu quesito cultural, não reduzindo sua explicação ao interesse e ao medo que geralmente fazem as análises caminharem para o economicismo e o materialismo redutores (KAGAN, 1995, p.8).

Donald Kagan endossa o estudo cultural da guerra, pois uma das teses de sua obra *On The Origins of War* é a de que motivos não político-econômicos levam estados a guerras, principalmente no mundo antigo, como é o caso por ele analisado da Guerra do Peloponeso. Desta forma, é lícito estudar a guerra não só como um acessório dos estudos políticos. A guerra é um fenômeno histórico com todas as suas especificidades e, apesar de não estar isolada, como nenhum outro fenômeno está, merece ser estudada não só nas mudanças que provoca mas também em suas mudanças próprias.

Quanto a organização este trabalho de dissertação está dividido em três capítulos. No capítulo I apresentamos os autores dos manuais militares por nós analisados bem como suas respectivas obras. Fechando o primeiro capítulo temos uma análise das características comuns aos manuais militares no que tange a sua forma de organização, tópicos literários e possíveis objetivos. O capítulo II apresenta uma contextualização das obras *Strategemata* e *Strategica*, na medida em que narra importantes eventos militares

que aconteceram no período de vida dos autores. As batalhas são descritas objetivando apontar para a sinergia que há entre as obras e os contextos onde foram produzidas. No capítulo III procede-se análise do conteúdo dos manuais escritos por Frontino e Polieno observando-se os interessantes padrões contidos e comportamentos esperados e incentivados aos comandantes leitores. Nas considerações finais estão as impressões conclusivas acerca da pesquisa com estes manuais militares, sobretudo a questão da perspectiva de tempo própria que os manuais carregam.

Enfim, esta dissertação procurou trabalhar a guerra na Roma Imperial, se utilizando como fonte, daquilo que os próprios romanos pensavam acerca desse fenômeno. Esperamos que com ele tenhamos trazido alguma contribuição para um campo que esta crescendo de forma tão promissora em nossa país.

CAPÍTULO I – OS MANUAIS MILITARES: CARACTERIZAÇÃO E AUTORIA

Neste capítulo apresentamos, em linhas gerais, três tópicos. Estes objetivam respectivamente, discorrer a respeito das biografias dos autores das obras selecionadas como fontes e em seguida estabelecem uma reflexão acerca da tipologia do gênero textual manuais militares. Assim, estabelecemos uma melhor compreensão do que são os manuais militares pelas informações acerca de quem foram seus autores e pelo estudo detalhado das características que perpassam suas obras.

1.1 POLIENO E SUA OBRA

Sabemos pouquíssimo a respeito de Polieno. Parece ter nascido por volta de 100 d.C e sua data de óbito é desconhecida. Nosso conhecimento a respeito deste autor se limita àquilo que ele mesmo diz sobre si ao longo das introduções de seus oito volumes de compêndios militares e a um verbete do *Suda*, uma enciclopédia Bizantina do século X. Ele declara ser Macedônio e ter escrito sua obra fora de idade militar, o que significa que nosso autor já tinha mais de 30 anos quando deu início ao seu exaustivo trabalho de compilação.

“Eu, um macedônio que tem por herança o poder de vencer na guerra os persas, não quero deixá-los sem minha contribuição na presente ocasião. Antes, se meu corpo estivesse na plenitude de suas forças, eu mesmo teria sido, com meu vigor macedônio, um soldado espirituoso; todavia, apesar de minha idade avançada, não quero estar totalmente fora do âmbito militar, por isso, ofereço estas provisões da ciência da estratégia [...]” (POLIENO. *Strategica*, Livro I, Introdução).

Peter Krentz e Evertt L. Wheeler (1994, p.9) apontam para que nosso autor tenha nascido na Bitínia, provavelmente em Nicéia, no entanto, não há motivos para duvidar que ele tinha ascendência macedônia, como indica no fragmento citado acima, já que permanecia muito forte na cultura oral a divulgação de árvores genealógicas que se

faziam públicas em vista de se adquirir honra e prestígio. Segundo J. E. Lendon a honra no mundo Greco-Romano, constitui-se em uma cadeia de relações sociais, que possui economia e regras próprias, servindo a homens e cidades como moeda de negociação dos mais variados bens, sejam eles econômicos, sociais e ou culturais, além de ser forma de exercício de poder. Segundo sua argumentação no livro *Honour and Influence in the Roman World*, as características principais da honra no mundo romano seria o fato de possuir receptáculos, como cartas, discursos, visitas, entre outros, poder ser adquirida de forma correta e louvável ou de forma rápida e efêmera, além de poder ser constituída pelo medo, pois, é gerada por opiniões expressas publicamente e não internas (LENDON, 2000, p.54). Assim, podemos perceber que, segundo a argumentação de Lendon, a honra pode ser trocada e/ou passada adiante em uma complexa rede que era usada para gerar obediência e legitimidade.

Ainda para o autor, não há uma fórmula única para se conseguir honra. Catão era honrado por virtudes opostas às que conferiram honra a César. No entanto, seu benefício ao longo da história de Roma é sempre muito semelhante (LENDON, 2000, p.40). Quanto a honra em si, não é um conceito muito bem definido e parece ser a junção de todas as qualidades de um homem, porém, unida em um único atributo. A honra de um homem também era compartilhada pela sua família e era vista, às vezes, como um atributo sobrenatural para o imaginário romano, já que poderia ser tangível, gerando uma espécie de escudo que protegia seu portador (LENDON, 2000, p.47). Na complexa vida social romana ter honra pressupunha capacidade de defendê-la, cabendo a cada aristocrata defender a sua ao custo de ser marginalizado se não o pudesse fazer. Os benefícios da honra na sociedade romana eram vários, indo desde uma punição menor por determinado crime a uma obra pública realizar-se em uma cidade mais rapidamente graças à honra de seu governador. Como as cidades possuem honra antropomorfizada

homens de honra poderiam usar as cadeias de favores para exercer poder sobre as cidades e vice-versa. Portanto percebemos que a honra no mundo antigo tinha aspectos muito próprios. Particularmente no caso de Polieno a transmissibilidade da honra, como vista pelos romanos, atuou como legitimador principal de sua obra, *Strategica*.

Polieno também nos deixou informações sobre que função exercia no contexto da Roma Imperial. Ele era um observador da lei³ como podemos observar no seguintes trechos: “E tudo fiz não enquanto estava ocioso, mas sim ocupado em defender pleitos em vosso nome.” (POLIENO. *Strategica*, Livro II, Introdução).

“Os ofereço sacratíssimos Imperadores Antonino e Vero, o oitavo livro da *Estratégica*, de sorte que, concluída a obra que os prometi, os desejo que tenhais com vossas virtudes militares um bom final nas guerras e para mim um voto justo de vossa parte, por que, apesar de haver elegido a vida e carreira de observador da lei, não descuidei de escrever quanto poderia resultar útil a vós mesmos, ao Império Romano e aos gregos [...]” (POLIENO. *Strategica*, Livro VIII, Introdução).

Percebemos também que Polieno dedicou todos os seus oito compêndios aos Imperadores Marco Aurélio e Lucio Vero. É muito difícil fazer qualquer afirmação sobre as intenções de Polieno na insistência dessa dedicação. Alguns apontamentos feitos por nós configuram-se no sentido de que Polieno poderia estar tentando galgar um posto político relacionado aos assuntos militares, como o de Cônsul, por exemplo. No entanto, aquilo que a fonte nos permite afirmar é que Polieno queira dar uma contribuição aos assuntos militares romanos e por ser macedônio, o autor se julga capaz de fornecer este auxílio. Polieno faz assim uma afirmação indentitária ao escrever sua obra. Como crê ser descendente de Alexandre, o Grande, sua opinião acerca dos assuntos militares deveria ser levada em consideração. Na introdução do Livro IV, Polieno diz:

³ No original *dikaían* – uma possível tradução seria advogado. Preferimos utilizar “observador da lei”, pois apresenta mais da função exercida na prática, ou seja, a observação da aplicação das leis existentes.

“Os ofereço, sacratíssimos imperadores Antonino e Vero este quarto livro da *Estratégica*. Este livro, em que aprendereis as virtudes de nossos antepassados que reinaram na Macedônia, o qual escrevi, por suposto, com mais agrado que os demais.” (POLIENO. *Strategica*, Livro IV, Introdução).

Nosso conhecimento a respeito da biografia deste autor se resume a estas poucas informações que são retiradas de sua própria obra.

Estratégica de Polieno foi escrita entre 161 e 163 d.C.. De acordo Krentz e Wheeler, o primeiro tomo teria sido publicado no outono de 161 d.C., contendo os seis primeiros livros, três quartos do total da obra, aproximadamente 300 páginas teuberianas⁴. A partida de Lucio Vero para comandar no oeste, citada no prefácio do livro VI, é a última referência cronológica de que dispomos e está datada do verão de 162 d.C. Os últimos dois livros, acredita-se, devem ter sido publicados no começo de 163 d.C. Quanto à recepção dos livros, Krentz e Wheller argumentam que Polieno dá a entender na Introdução do livro V que os Imperadores estivessem lendo seus livros, o que seria muito ousado de se dizer sem que houvesse nenhum fundo de verdade. J. E. Lendon também acredita em uma boa circulação de *Strategica*, pelo mesmo motivo apontado por Krentz e Wheller, somando-se a ele o fato de que, para Lendon, Polieno não continuaria escrevendo caso sua obra não estivesse sendo lida (LENDON, 2005, p.280). Além disso, algumas evidências nos permitem argumentar que Marco Aurélio teria uma cópia da obra *Strategica* durante as guerras marcomânicas. Depois de *Strategica*, Polieno ainda escreveu o *Tacticas*, citado no *Suda*, que infelizmente não chegou até nós (KRENTZ; WHELLER, 1994, p.12-14). Nosso autor também prometera um livro aos Imperadores Marco Aurélio e Lucio Vero em que ele narraria os feitos destes, mas este livro, se foi escrito, não chegou até nós (POLIENO. *Strategica*, Livro VI, Introdução). Quanto às

⁴ Teuberiana (*Teubner*) é o nome dado a um estilo de fonte e organização textuais usados pela *Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana*, fundada em 1849 na Alemanha (<http://www.degruyter.de/cont/fb/at/atReiEn.cfm?rc=36366>).

traduções por nós utilizadas, trata-se da de Francisco Martín Garcia do grego original para o espanhol, utilizando-se do manuscrito de J. Melber (século XVII) e a de Krentz e Wheeler, para o inglês, que utiliza como fonte, além do manuscrito de J. Melber, os excertos de *Strategica* contidos no manuscrito *Stratagemas do Imperador Léo* (século XIV). Esta segunda tradução apresenta também em sua edição o texto original em grego.

Acerca da importância da *Strategica* como fonte histórica, Krentz e Wheeler afirmam que o estudo da obra é de fundamental relevância justamente pelo motivo que Francisco Martín Garcia (1991, p.158-151) considera a obra como não confiável: os trechos sem correlação com outras obras conhecidas. Para os autores da tradução de *Strategica* para a língua inglesa, esses trechos são de vital importância para os estudiosos da Antiguidade, pois carregam fragmentos de obras perdidas. “De fato, Polieno oferece um testemunho único de muitos indivíduos e eventos, especialmente do período Helenístico, para os quais a evidência literária é escassa. (KRENTZ; WHELLER, 1994 p.6). Há de se notar as diferentes visões apresentadas pelo tradutor da língua espanhola com relação aos tradutores para língua inglesa. Porém, vale lembrar que apesar de estarmos apresentando essa discussão aqui, na qual concordamos com Krentz e Wheller, nosso foco é diferenciado e não está na validade histórica ou não dos exemplos arrolados por Polieno e sim na capacidade destes exemplos de comunicar e ensinar a ciência dos estratégias para aqueles que os lêem.

A respeito da estrutura de *Strategica*, Polieno esquematizou uma série de trechos resumidos de narrativas históricas ou mesmo míticas, que continham algum teor militar. Esses trechos serviam como exemplos de caráter pedagógico. O comandante militar leria os trechos contidos no compêndio e tomaria as situações apresentadas como exemplos a serem imitados. É o próprio Polieno quem nos indica que sua obra tem esta intenção, quando registra em vários trechos que a melhor maneira de se vencer as guerras do

presente é imitando os grandes comandantes do passado (POLIENO. *Strategica*, Livro V, Introdução).

Strategica, como citamos anteriormente, é uma obra dividida em oito volumes que podem ser apresentados, resumidamente, da seguinte forma:

O primeiro compêndio apresenta a maior introdução das oito. Neste prefácio, Polieno trata de se legitimar, apresentando seu conhecimento das obras gregas e sua ascendência macedônia. É interessante notar como os romanos praticavam e conseqüentemente aceitavam a legitimação via conexão com o passado grego. Segundo Emma Dench:

“No período de Augusto, o classicismo estava associado a uma “era de ouro” de Atenas que servia com uma marca de distancia entre o decadente mundo grego contemporâneo, e também como um ponteiro para os valores ascéticos e morais associados ao sucesso imperial: moderação e auto-controle” (DENCH, 2005, p.97).

E ainda segundo a autora, esta necessidade de se conectar o passado romano ao grego pode ser detectada nos períodos da história romana que se seguem, não sendo assim uma exclusividade do período de Augusto (DENCH, 2005, p.98).

De acordo com Erich S. Gruen “Muitas figuras públicas em Roma expressaram familiaridade, admiração e envolvimento próximo com a cultura grega” (GRUEN, 2008, p.223). Essa ligação legitimadora, no entanto, não parece ter sido uma unanimidade entre os romanos, de acordo com Gruen ela pode ter tido diversas interpretações:

Pode-se encontrar evidência para sua distinção entre a cultura grega, uma herança desejável, e os próprios gregos, uma raça indigna, ou entre gregos admiráveis do passado e seus descendentes degenerados contemporâneos, ou entre os gregos, que adotaram valores adequados e aqueles com características inaceitáveis. Em uma tese diferente, tem sido argumentado que os romanos compartimentalizaram drasticamente sua postura pública e suas preferências particulares, simultaneamente acolhedores do Helenismo nos círculos da cultura enquanto depreciativos

a nível oficial e por uma questão de política de Estado. Para alguns, os romanos caminharam para se familiarizarem com a cultura grega com um propósito pragmático, ou pelo menos consequências pragmáticas: o avanço e o sucesso do imperialismo romano no Oriente. Para outros, a combinação do helenismo visível e exercício do poder bruto sinalizou um desejo por parte do *princeps* romano para emular príncipes helenísticos. Ou então tanto a admiração e o desprezo pelas realizações gregas derivem da mesma psicologia, um sentimento de inferioridade cultural profundamente introjetado sobre o passado dos romanos. O sentimento de inadequação, naturalmente se manifesta não apenas na emulação, mas da resistência” (GRUEN, 2008, p.225).

Apesar de tantas interpretações diferentes, na literatura, como é o caso de Polieno, a busca por legitimidade na Grécia Antiga, por parte de escritores romanos, parece ser um fato amplamente aceito. Greg Woolf atesta que a “literatura latina foi em parte criada como uma resposta a literatura grega encontrada pelos romanos durante a expansão de seu poder” (WOOLF, 2010, p.314). Vimos com isso que a fonte de legitimação de Polieno, a saber seu conhecimento das principais obras do mundo Greco, consistia em uma prestigiada e eficaz fonte de legitimação entre os destinatários de sua obra. Por conta disto, ele exorta a leitura de sua obra, apresentando seu conceito de estratégia por meio de perguntas retóricas que vai fazendo ao leitor ao longo do texto. Essas perguntas têm como objetivo convencer o leitor de que a astúcia e a inteligência são as melhores formas de se vencer o inimigo. Outro aspecto interessante é que Odisseu é eleito por Polieno como um exemplo de comandante militar, já que é o personagem que, segundo Polieno, melhor utiliza a astúcia e a inteligência para resolver os problemas que enfrentou (POLIENO. *Strategica*, Livro I, Introdução). Quanto aos *exempla* arrolados por Polieno, neste primeiro volume temos estratégias de protagonistas míticos, deuses, reis e legisladores, sempre em uma clara sequência cronológica. O compêndio se arremata com diversos

tiranos gregos e feitos de comandantes atenienses e lacedemônios, que datam entre os anos de 600 e 467 a.C (POLIENO. *Strategica*, Livro I, 1-49).

O segundo compêndio apresenta em sua introdução um breve relato de Polieno acerca de sua atividade de pesquisa, que, segundo ele, demandou um trabalho duro e cansativo, que ainda teve de ser feito paralelo ao trabalho de observador da lei (POLIENO. *Strategica*, Livro II, Introdução). Iniciando-se o esquema organizativo do volume, temos *exempla* dos generais lacedemônios e tebanos com feitos que compreendem o período de tempo do século V ao III a.C (POLIENO. *Strategica*, Livro, 1-38).

Na introdução do terceiro compêndio, encontramos Polieno argumentando acerca da importância dos governantes em geral se exercitarem na política e na capacidade de prognóstico (POLIENO. *Strategica*, Livro III, Introdução). Além disto, o autor recomenda que durante a paz devem-se exercitar os pensamentos estratégicos. Os *exempla* apresentados neste livro compreendem os feitos atenienses, tanto de seus tiranos como de seus generais (POLIENO. *Strategica*, Livro III, 1-16).

O quarto compêndio é o que Polieno afirma ter escrito com maior satisfação entre os oito, pois trata dos feitos dos macedônios, povo do qual Polieno afirma ser descendente (POLIENO. *Strategica*, Livro IV, Introdução). O autor valoriza muito essa descendência, evocando-a sempre como fonte de autoridade para seus escritos. Os *exempla* concentram-se nos feitos bélicos e retóricos dos reis macedônios (POLIENO. *Strategica*, Livro IV, 1-21).

No quinto compêndio Polieno, na introdução, afirma que não é ele quem merece o louvor por escrever tão larga obra e sim os Imperadores que mesmo tão atarefados governando ainda encontram tempo de lê-la. Além disso, temos um dos trechos que mais demonstram o caráter didático dos manuais militares, no qual Polieno afirma que

conhecer as formas pelas quais os generais do passado venceram é a melhor forma de aprender com essas vitórias (POLIENO. Livro V, Introdução). Quanto aos *exempla*, iniciam-se com feitos de tiranos sicilianos dos séculos VI a IV a.C. e se encerram com feitos cartagineses (POLIENO. *Strategica*, Livro V, 1-48).

O sexto livro da *Strategica* possui, em seu prólogo, o desejo manifesto por parte de Polieno de escrever um livro narrando os feitos dos Imperadores Antonino e Vero em sua guerra contra os Partos. Polieno ainda atesta que a arte da estratégia praticada pelos Imperadores romanos é eficiente para ganhar as guerras, tanto com os próprios participando das atividades bélicas quanto se estes apenas estiverem no planejamento destas (POLIENO. *Strategica*, Livro VI, Introdução). Os *exempla* incluem governantes variados dos séculos IV a III a.C. e também estratégias que são caracteristicamente praticadas por determinado povo (ou seja, estratégias tipicamente celtas, estratégias tipicamente germânicas e assim por diante) (POLIENO. *Strategica*, Livro VI, 1-54).

Na Introdução do sétimo compêndio, Polieno alerta os Imperadores e os demais leitores a não tomarem os bárbaros por incapazes, pelo contrário, ele atesta que os bárbaros possuem toda uma ciência da estratégia, muito mais ardilosa e astuta do que a praticada por gregos e romanos. De tal forma que estes gabam-se muito mais por vencer pelos ardis do que pela força, de forma que toda a desconfiança contra eles é pouca. Assim, observando seus feitos passados não só se aprenderia a lidar com eles como também a usar suas estratagemas (POLIENO. *Strategica*, Livro VII, Introdução). Os *exempla* selecionados, então, tratam de grandes feitos bárbaros, persas, e de mulheres que tiveram comportamentos heróicos⁵ (POLIENO. *Strategica*, Livro VII, 1-50).

⁵ O fato de Polieno citar bárbaros e mulheres como personagens com os quais se pode aprender a ciência da estratégia é interessantíssimo e em nossa opinião merece estudos específicos dado a complexidade de se tratar o tema. Por estas razões e também por uma questão de recorte não trataremos especificamente destes personagens nesta dissertação. Para mais informações sobre a questão dos bárbaros em Polieno ver PEIXOTO, Raul Vitor Rodrigues. *O Bárbaro em Estratagemas de Polieno*. In: Anais eletrônicos do IV Simpósio Internacional de História: Cultura e Identidades – ANPUH-GO, 2009.

Finalmente no oitavo compêndio, Polieno apresenta o último volume de sua obra. Como prometera no início da mesma, reúne para os leitores os novecentos estratagemas (POLIENO. Livro I, Introdução). Também reafirma que mesmo como observador da lei contribuiu para a glória do Império Romano e dos gregos ao escrever a *Strategica* (POLIENO. *Strategica*, Livro VIII, Introdução). Seguem-se, então, os *exempla* que apresentam os feitos de romanos famosos e também notáveis feitos femininos, sobretudo de mulheres gregas (POLIENO. *Strategica*, Livro VIII, 1-71).

O que perpassa todos esses volumes é a preocupação constante do autor em demonstrar a superioridade da estratégia, enquanto procedimento, não só nos campos de batalha e nas situações bélicas, mas também elucidar seu uso em aspectos políticos e até mesmo na vivência do cotidiano.

Deste modo, após apresentarmos este breve resumo da obra de Polieno, passamos a expor as principais características da obra de Frontino, que serve como ponto de comparação neste trabalho de pesquisa.

1.2 FRONTINO E SUA OBRA

Sexto Júlio Frontino (35-104 d.C.) foi autor de diversos livros sobre assuntos variados, além de ter percorrido grande parte do *cursus honorum*. Graças ao prestígio de seu autor, *Stratagemata* de Frontino é bem citado dentre os manuais militares. A carreira política de Frontino foi proeminente, pois, em 70 d.C., foi Pretor Urbano e três anos depois foi eleito Cônsul. Em 74 d.C., foi nomeado governador da Britânia. É interessante lembrar que nesta época um quarto de todas as forças romanas, o que inclui quatro legiões, estava presente na província governada por Frontino. No período em que foi governador, subjuguou os Sílures e construiu uma via militar na região atual do País de

Gales, que recebeu o nome de *Via Julia* em sua homenagem. Em 78 d.C., Frontino voltou a Roma. Neste período, muito provavelmente, ele escreveu o seu *De re militare* que infelizmente não sobreviveu ao tempo. É bem provável que Frontino tenha participado das campanhas de Domiciano na Germânia e, talvez, em retribuição, o Imperador o tenha nomeado *Procursul Asiae*, posto que ocupou de 85 a 86 d.C. Tem-se um período obscuro de quase uma década acerca de Frontino, do qual não se sabe praticamente nada sobre ele. Especula-se que nesse período ele tenha escrito o seu tratado sobre agrimensura, o *Opuscula Rerum Rusticarum*.

A obra *Stratagemata* deve ter sido escrita entre os anos de 84 e 96 d.C., período em que Frontino passou também a fazer parte do Colégio dos Áugures. Já em 97 d.C., Frontino é nomeado *Curator Aquarum*, importante cargo na cidade de Roma que zelava pelo abastecimento de água. Baseado na sua experiência exercendo essa função, ele escreve *De aquis urbis Romae*, tratado em que explica como administrar os sistemas de aquíferos da cidade de Roma. Além destas informações, a obra possui embutida um caráter auto-biográfico da carreira pública de Frontino. Em 98 d.C., Frontino foi eleito Cônsul pela segunda vez e no ano seguinte teve que desempenhar suas funções militares ao lado do Imperador Trajano em uma campanha contra os Dácios, que muito provavelmente foi a última de Frontino, que em 100 d.C. foi eleito Cônsul pela terceira vez, vindo a falecer quatro anos mais tarde (MATA, 2005, p.12-14).

Quanto a seu *Stratagemata*, ele está estruturado de uma forma um tanto diferenciada da obra de Polieno, mas ao mesmo tempo muito semelhante em conteúdo. São quatro livros divididos em assuntos que tratam dos problemas recorrentes que um comandante militar enfrenta. Ao contrário da obra de Polieno, aqui não há uma ordem étnica ou mesmo cronológica. O fio condutor da obra de Frontino são as situações a serem enfrentadas. Mas é interessante notar que, assim como em Polieno, todos os temas

não são tratados de forma expositiva pelo autor, mas com a apresentação de trechos resumidos de feitos levados a cabo por comandantes famosos.

O primeiro livro apresenta uma Introdução, na qual o autor fala de suas intenções ao escrever o compêndio e fornece também uma breve instrução de como ele deve ser utilizado. É interessante notar como o autor é meticuloso em explicar seu método de organização dos volumes, como veremos mais adiante. Além disto, Frontino pede certa indulgência para com sua obra, para que ninguém o julgue por ter se esquecido de acrescentar este ou aquele exemplo, ao passo que pergunta: “Quem estaria à altura de examinar todos os registros que chegaram até nós nas duas línguas?”⁶ (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, Introdução). Ainda na sua Introdução, Frontino tem a preocupação conceitual em diferenciar “estratégia” de “estratagemas”. Segundo o Cônsul:

“Tudo o que é alcançado por um comandante, quer seja caracterizado pela visão, pela vantagem, pelo engenho ou pela determinação, pertence à <<estratégia>>; por outro lado, as coisas que se incluem nestas características são <<estratagemas>>. A característica essencial dos stratagemas, dado basearem-se na perícia e na inteligência, é que eles são igualmente eficazes caso se trate de evitar ou esmagar o inimigo⁷.” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, Introdução).

Vemos que para Frontino a estratégia é aquilo que é alcançado pelo comandante através da “visão”, “vantagem”, “engenho” ou “determinação”, mas de alguma forma as coisas que se incluem nestas características não deixam de ser stratagemas, que por sua vez têm a sua base essencial na “inteligência” e na “perícia” e por isso podem ser usados não só durante o combate, mas para evitá-lo. Assim, percebemos que para Frontino a estratégia conteria o stratagama, caso este pela inteligência e perícia fosse capaz tanto de esmagar quanto de evitar o inimigo. A nosso ver “evitar” aqui tem um sentido de não se engajar em batalhas desnecessárias para o momento e não um sentido de

⁶ Frontino está se referindo às línguas Grega e Latina (MATA, 2005, p.34).

⁷ No original: “Horum propria vis in arte sollertiaque posita proficit tam ubi cavendus quam opprimendus hostis sit.”

estabelecimento de uma possível paz. Veremos no capítulo III que é comum a exortação para que se aceitem armistícios, mas apenas para casos nos quais haja uma clara desvantagem ou a boa possibilidade de se construir determinada armadilha. Assim, segundo Frontino, a estratégia pode ajudar a vencer o combate já iniciado, enquanto o estratagema pode não só ajudar a vencer o combate já iniciado como também pode servir para que o combate nem chegue a ocorrer (FRONTINO, *Stratagemata*, Livro I, Introdução). A pergunta que fica é: qual a razão de Frontino fazer uma diferenciação tão tênue, em conceitos que quase se contêm? Talvez essa linha pareça muito vaga a nós, observadores modernos, mas se levarmos em consideração fatos como, por exemplo, o dos reis lacedemônios sacrificarem um galo para agradecer vitórias obtidas pela força e um touro para agradecer vitórias obtidas sem batalhas campais, pelo uso da inteligência, termos nossa compreensão facilitada (GUAL, 1987, p.93).

Feita essa conceitualização, Frontino passa ao índice dos temas estratégicos tratados no livro primeiro, que são: o ocultamento e o descobrimento de tropas e de informações, como projetar e sair de emboscadas, como distrair o inimigo e afastar o medo que porventura os soldados possam vir a sentir FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, 1-12). Segundo o próprio Frontino, seu primeiro livro trata dos problemas que o comandante possa vir a enfrentar antes do combate (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, Introdução).

O segundo livro contém uma breve Introdução, na qual Frontino apresenta o conteúdo que foi dividido em duas partes: o que se refere ao combate e o que se refere a depois do combate (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro II, Introdução). São tratados temas como: escolha do local de combate, disposição das tropas, como criar pânico nas tropas inimigas, ocultar reveses e fraquezas, restaurar a moral das tropas, além do momento mais oportuno para se encerrar a guerra (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro II, 1-13).

Já no terceiro livro, o autor trata de como cercar uma cidade bem como de se defender de um cerco (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro III, Introdução). Os temas compilados passam por demonstrações de como enganar os sitiados, promover a traição entre estes, provocar carência à cidade sitiada, convencer o inimigo de que o sítio será mantido, mandar mensagens secretas que passem seguras através do exército sitiante e mesmo como prover a abastecimento a uma cidade que está sitiada (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro III, 1-13).

No quarto e último livro, Frontino trata da relação do comandante com seus comandados, reunindo diversas situações que operam como conselhos do que fazer para se manter a disciplina do exército (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro IV, Introdução). Apresentam-se também exemplos de como administrar a justiça aos soldados e mantê-los sempre determinados a vencer (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro IV, 1-7).

Da mesma forma como em Polieno, percebe-se também uma intenção bastante didática nos *Stratagemata* de Frontino. O tema que perpassa a obra está centrado em como a astúcia e a precaução podem vencer as batalhas, tanto quanto ou até mais do que a própria aplicação da força.

Prosseguimos agora com uma análise mais específica do estilo de escrita que praticaram ambos, Polieno e Frontino: o manual militar. Pretendemos atentar para suas peculiaridades, que as tornam obras tão interessantes e tão úteis para a compreensão daquilo que os romanos pensavam a respeito de suas próprias atividades bélicas.

1.3 O MANUAL MILITAR COMO ESTILO NARRATIVO ESPECÍFICO

Os dois documentos textuais selecionadas para serem tratados nesta dissertação são classificados como manuais militares. Tanto Polieno quanto Frontino são autores que viveram no período imperial romano, época em que este estilo de fonte começou a ser

desenvolvido. Os manuais militares possuem não só suas especificidades textuais e organizacionais, comuns a qualquer tipologia de fonte, mas também especificidades relacionadas ao seu estudo.

A primeira destas a ser considerada é o reduzido estudo desse estilo de fonte no país. O que ocorre é que até mesmo os tradutores dos manuais militares não tratam as fontes nas suas especificidades e muito menos escrevem sobre o manual militar como um estilo de narrativa. As introduções das traduções de manuais militares trazem biografias dos autores, trajetória de tradução da fonte ao longo dos séculos e até mesmo boas descrições de como funcionavam os aparatos militares romanos, caso, por exemplo, da tradução do *Compendio da Arte Militar* de Vegécio, levada a cabo por J.G. Monteiro e J.E. Braga, mas faltam os estudos específicos acerca da tipologia da fonte. Assim, temos uma defasagem no estudo de manuais militares no Brasil proporcionada, em grande parte, pela dificuldade de se encontrar bibliografia especializada. Brian Campbell, um dos mais consagrados especialistas no assunto, faz a seguinte constatação: “Normalmente, pouca atenção é dada aos autores de manuais militares no período imperial. “Divertido embora insignificante” é um comentário que pode geralmente ser ouvido” (CAMPBELL, 1987 p.13).

Krentz e Wheeler, continuando a exemplificar as especificidades do estudo dos manuais militares, afirmam que “além disso, a defesa de Polieno de uma doutrina militar específica e sua contribuição ao pensamento militar ocidental passaram despercebidas” (KRENTZ; WHELLER, 1994 p.6). Assim, o desafio de estudar manuais militares no Brasil se apresenta de forma instigante justamente pelo fato de que uma tipologia da fonte ainda está por ser construída. Desta forma, pretendemos contribuir com os trabalhos iniciais de construção desta tipologia, esperando que diversos outros estudos, que

utilizem estes e outros manuais antigos que chegaram até nós, sejam encarados e levados a cabo, contribuindo com a área de pesquisas em história militar antiga no Brasil.

Procuramos agora caracterizar os aspectos comuns aos manuais militares aos quais tivemos acesso, com o cuidado de sempre apresentar os trechos das fontes que corroboram nossas afirmações, buscando com este exercício construir um escopo inicial de tratamento deste estilo de documentação.

O termo “manual militar” para designar este tipo de fonte advém de sua própria estrutura tópica e da tradição romana imperial de escrever manuais sobre diversos assuntos. Para Brian Campbell, é importante notar que os romanos aparentemente aceitaram o conceito de preparação para a prática de atividades através da instrução dos livros (CAMPBELL, 2004, p.13), havendo assim manuais de agricultura, retórica, veterinária, administração, entre outros.

Ao analisarmos os manuais militares é preciso se manter atento à especificidade da tipologia da fonte para que se evite cometer alguns erros. Dentre eles, o mais prejudicial, o qual gostaríamos de comentar, o erro de se tratar um manual militar como se este fosse um compêndio de história.

Graças a uma característica marcante do homem antigo, a valorização do passado como sendo a época ideal, os manuais militares têm a interessante estrutura de ensinar pelo relato do passado (o qual vamos explorar mais detalhadamente adiante) e esta estrutura pode, com certa facilidade, confundir o pesquisador que está trabalhando com a fonte, induzindo-o a tratar o manual militar da mesma forma que trata uma fonte de tipologia histórica. Esta confusão inicia uma espécie de “erros em cadeia” que muito prejudicaram os manuais militares ao longo dos anos, fomentando certo preconceito quanto a este estilo de fonte. Este preconceito pode explicar a pouca utilização dos manuais militares como documentos específicos em pesquisas de história antiga.

Ao analisar o manual militar com a mesma “lente” pela qual se analisa o gênero histórico, perdemos de vista o motivo inicial para o qual o manual militar foi escrito. Exigimos da fonte algo a que ela não se propõe. Enfim, estamos fazendo as perguntas erradas.

Uma hipótese é que este tipo de confusão tenha surgido, ironicamente, de maneira inversa, quando fontes de tipologia histórica foram utilizadas como manuais militares. Ao discutir o redescobrimto dos historiadores gregos antigos por parte dos renascentistas, Arnaldo Momigliano nos informa que historiadores como Tácito e Políbio eram utilizados como “historiadores militares”, servindo de bons guias na luta contra os turcos (MOMIGLIANO, 2004, p.78). Localizamos, então, a utilização de fontes de tipologia histórica usadas como manuais militares, ao longo dos séculos XVI e XVII. Esta utilização obviamente foi gerada pela necessidade do presente de renascentistas, como Justus Lipsius, necessidades estas que determinavam este tipo de interpretação. Não estamos aqui julgando estes homens, mas há grandes chances de termos localizado o início da confusão entre estes dois estilos de fonte. Relatos históricos sendo usados como manuais militares e o ato de se demandar dos manuais militares informações que escampa à constituição de seu estilo.

O que ocorre é que há evidências textuais muito fortes e claras nos manuais que nos permitem afirmar que os seus próprios autores tinham consciência de estarem fazendo algo diferenciado do gênero histórico, como este era entendido na antiguidade. Assim, cobrar do manual militar correspondente factual para todas as estratégias elencadas é cometer enganos, como fez Francisco Martín García em suas notas de tradução de *Strategica* de Polieno (GARCIA, 1991, p.147-166).

Como pode ser comprovado pelos trechos que arrolamos a seguir, são os próprios manuais militares que se propõem a um caráter didático e não um registro dos fatos selecionados:

“Deste modo, os comandantes terão ao seu dispor exemplos de sabedoria e visão, que aumentarão a sua capacidade de conceber e executar feitos semelhantes. Outra vantagem adicional é a de que o general não rezeará o desfecho de seu estratagema, se o comparar com experiências anteriormente levadas a cabo com sucesso.” (FRONTINO, *Stratagemata*, Livro I, Introdução).

A nosso ver, fica claro no trecho que há uma intenção didática nos manuais militares. O autor acima citado não estava apenas registrando os feitos dos homens para que eles fossem lembrados pela posteridade. Estava registrando para que eles fossem repetidos rapidamente no presente⁸. Evidências textuais também apontam para fatores que diferenciem basicamente os manuais militares dos compêndios de história, apesar de seus objetivos didáticos em comum. Frontino discorre, por exemplo, sobre seu método de escrita. O próprio considera o seu método diferente do método dos historiadores. Segundo Frontino, o manual militar necessita ser conciso, sucinto, pois seu público alvo não dispõe de muito tempo para a prática da leitura (FRONTINO, *Stratagemata*, Livro I, Introdução). Frontino, então, deveria levar em consideração a especificidade de seus possíveis leitores para que seus escritos fossem de fato eficientes. Devemos manter sempre em mente que estes homens passavam grande parte de suas vidas em campanhas

⁸ A título de exemplificação, buscando mostrar que existem padrões que perpassam manuais militares de diferentes períodos e autorias, selecionamos trechos de Vegécio e Enérias, o Tático. Estes autores, apesar de não fazerem parte do objeto inicial da pesquisa contribuem com suas obras para um entendimento mais amplo acerca dos manuais militares, principalmente no que diz respeito a suas características organizacionais, que são por nós utilizadas para construção de uma tipologia dos manuais militares. Feitas esta explanação inicial vamos ao texto: “Por conseguinte, tentamos mostrar por partes e capítulos qual o costume antigo sobre a escolha e o treino dos recrutas. Não que para ti, Imperador Invicto, estes assuntos pareçam desconhecidos, mas para que tu reconheças aquelas matérias que outrora os fundadores do Império Romano conservaram e que tu tens à tua disposição de livre vontade, em prol do bem-estar da República, e para que encontres neste pequeno livrinho o que quer que seja que tu acreditas que deve ser procurado sobre os temas mais importantes e sempre necessários.” (VEGÉCIO, *Compêndio da Arte Militar*, Livro I, introdução).

muito longas, submetidos sempre a rotinas estafantes que permitiam a leitura apenas depois de cumpridas uma série de obrigações que eram muito rígidas, que existiam mesmo para os que tinham cargos de comando. Para Krentz e Wheeler (1994, p.16), a narrativa excessivamente abreviada das coleções de estratagemas de fato não apresenta uma preocupação com os detalhes historiográficos, porém, a falta desses detalhes se dá, como pudemos ver textualmente (VEGÉCIO, *Compêndio da Arte Militar*, Livro I, introdução), pela necessidade de proporcionar uma leitura rápida e de fácil acesso. Assim, temos um fator diferenciador entre manuais militares e compêndios de história embora ambos tenham objetivos didáticos em escalas diferenciadas.

Além dessas evidências textuais, para corroborar essa diferenciação entre o gênero de manuais militares e o gênero histórico antigo, queremos suscitar os argumentos de Luis Costa Lima, que ao diferenciar o gênero histórico antigo da poesia épica em *História.Ficção.Literatura* (2006), faz um traçado das especificidades de ambos os gêneros. Utilizamos, então, este traçado para especificar o gênero histórico antigo em comparação ao manual militar, fazendo um paralelo deste com a poesia épica.

Inicialmente, Costa Lima já valida o argumento textual como primeira evidência de que gêneros de fonte se diferenciem. Para o autor, Tucídides e Heródoto estariam fazendo algo diferenciado de Homero inicialmente porque se propuseram a fazê-lo diferenciadamente (LIMA, 2006, p.36). Baseados nisto também, utilizamos o argumento textual presente nos autores de manuais militares, pois estes apresentam seus escritos com uma proposta diferenciada daquela formulada pelos historiadores antigos. Mas quais seriam essas diferenças apresentadas por Costa Lima?

Segundo o autor, poesia épica e história se diferenciam, pois:

“a procura de dar conta do que houve e por que assim foi é o princípio diferenciador da escrita da história. Ela é a sua aporia. Analiticamente,

porém, cabe mostrar os poros que nela se infiltram assim como que a *alétheia* não se esgota no plano da factualidade” (LIMA, 2006, p. 37).

Este compromisso com o plano da factualidade ao qual a história se propõe e a poesia épica, por sua vez, não o faz, é que se torna uma das principais diferenciações entre esses gêneros e que, por sua vez, também ajuda a delimitar uma especificidade do gênero histórico, que nos interessa em questões de comparação com o manual militar.

Segundo Costa Lima, inicialmente o poema épico “re-acontece” no presente. Sempre que o aedo o canta “seu resgate por *mnemosyne* o converte em pleno presente. Eis que se precisa a diferença entre os dois modos discursivos.” (LIMA, 2006, p.58). Quando Heródoto relata o passado há uma consciência de que este não voltará a estar presente. Pensamos que aí há uma noção de presença da ausência.

Para Costa Lima, a história tem seu lugar exclusivo no passado como acontecimento dado, enquanto a poesia épica acontece novamente ao ser declamada pelo aedo. De maneira semelhante, a tese que queremos defender é a de que o manual militar também quer fazer esta ponte entre o passado e o presente, buscando a forja do re-acontecimento do passado no presente. A questão aqui não é afirmar que o compêndio histórico não faça esta ponte, pois a nosso ver também o faz, no entanto a ponte estabelecida pelo manual militar é diferenciada. A relação que o manual militar engendra com o passado é ativa e não passiva. O leitor não deve ler, aprender e aguardar um momento para utilizar o que aprendeu, ele, como um comandante militar, deve forjar o momento para que possa utilizar o que aprendeu. O comandante deve fazer a situação estratégica que se deu no passado re-acontecer no presente. É por isso que Polieno e Frontino narram tantos episódios parecidos, mas que se diferenciam pelo personagem que os protagoniza e pelo local e tempo em que acontecem, como veremos no capítulo III. A

nosso ver, a intenção é justamente demonstrar que era possível levar o projeto a cabo, ou seja, forjar o re-acontecer vitorioso do passado no presente .

O segundo argumento diferenciador seria o fato da história tratar apenas do que os homens fizeram. Na poesia épica, o aedo cantava também o que faziam os deuses. Assim, para Costa Lima (LIMA, 2006), os personagens do gênero histórico são os homens, e somente eles, o que sabemos não se aplicar aos manuais militares, pois, em diversos trechos, são apresentados estratégias levados a cabo por personagens míticas. Mesmo que o autor deixe claro que sabe diferenciar os mitos daquilo que ele crê real⁹, no caso de Polieno, ele não os deixa de citar, porque como o caráter do manual militar é didático, conforme tese de Brian Campbell que apoiamos, não importa quem levou o estratégia a cabo. Importa se é possível fazê-lo re-acontecer ou não. Um homem sozinho não pode desviar o curso de um rio, como Polieno relata que fez Hércules¹⁰, mas um general à frente de milhares de homens pode imitar o princípio de ação usado por Hércules dispondo destes muitos homens (POLIENO. Livro VII, 6.5).

No entanto, há aspectos que se apresentam com semelhanças e diferenças tênues entre os manuais militares e os compêndios de história. A fonte de autoridade dos discursos é um exemplo. A fonte da autoridade do poeta épico são as musas; a fonte de autoridade do *histori* é sua própria investigação (HARTOG, 2003, p.57) enquanto que a

⁹ “E eu quanto a Proteo, o que se metamorfoseava em toda classe de animais e plantas, estimo que esses animais e plantas jamais puderam existir, se não que Homero revestiu em forma de mito a modalidades de suas artimanhas por ser hábil em dominar com o engano a quem queria” (POLIENO, *Strategica*, Livro I, Introdução). Fica claro textualmente que Polieno não cria na existência de tais seres. No entanto, ele os cita de toda forma, pois, para o autor, é uma das formas existentes de se ensinar um estratégia, e para a tarefa proposta é isto o que importa. Como o próprio Polieno afirma ter feito Homero, reveste-se um estratégia com a roupagem de um mito.

¹⁰ “Hércules, em guerra com os minas – eram os minas especialistas em combater a cavalo em planícies -, como não se atreviam a engajar em combaté, os cercou acima do rio. Este rio era o Cefiso, limite de dois montes, o Parnaso e o Hedilio. Após dividir a Beocia pela metade, o rio, antes de desembocar no mar, corre para um abismo e fica invisível. Construindo com grandes rochas uma muralha em torno desse abismo, desviou o rio até a planície, onde os minas estavam acampados com sua cavalaria, e como a planície havia ser tornado uma lagoa, a cavalaria era inútil aos minas. Hércules, uma vez vencido estes, derrubou as muralhas do abismo e o Cefiso voltou ao seu antigo curso.” (POLIENO, *Strategica*, Livro I. 8). Polieno sabia que os comandantes que leriam seus compêndios não teriam a sorte de ter Hércules em suas fileiras, no entanto, o princípio observado no trecho é perfeitamente aplicável, a saber, a inutilização das vantagens inimigas.

do manual militar é a pessoa do próprio autor aliada a força do passado como *exempla*. Ainda sobre esta diferenciação, Costa Lima afirma que ao

“[...] contrário do que sucede no discurso ficcional porque este não postula uma verdade, mas a põe entre parênteses [...] a historiografia tem um trajeto peculiar: desde Heródoto e, sobretudo, Tucídides, a escrita da história tem por aporia a verdade do que houve. Se se lhe retira essa prerrogativa, ela perde sua função. Torna-se por isso particularmente difícil ao historiador não considerar prova aporética o que resulta do uso de suas ferramentas operacionais.” (LIMA, 2006, p.21).

Deste modo, a questão da autoridade do escrito difere em parte nos manuais militares em relação ao gênero histórico, assim como este se diferencia da poesia épica. Como afirmam Costa Lima e François Hartog, a autoridade do gênero histórico antigo está no ouvido e no visto. A guerra do Peloponeso aconteceu porque Tucídides a viu e registrou aquilo que viu. Assim, lê-se a obra de Tucídides porque se acredita em seu testemunho, ele tem a autoridade de ter visto os acontecimentos, ele não foi inspirado por uma musa, sua narrativa não foi revelada a ele por Hermes. Esta é a aporia da verdade da qual nos bem fala Costa Lima. Já a autoridade do manual militar não passa pela questão do “ter ouvido” ou mesmo do “ter visto”, bem como não está atrelada também a uma revelação por parte das musas ou deuses. A legitimação do manual militar está embasada na autoridade de seu autor. De fato “ter visto” e “ter ouvido” fazem parte da autoridade de Tucídides e de Heródoto, o que estamos afirmando é que a autoridade do autor de manuais não passa pela questão do visto e ouvido. Mesmo Frontino tendo visto e ouvido diversas guerras, ele não usa nenhuma destas como *exempla*. A autoridade passa pela questão da compilação dos *exempla* que o passado oferece.

Iniciamos a corroboração desta hipótese analisando as fontes de legitimidade suscitadas por Polieno em sua obra *Strategica*. A nosso ver, o autor utiliza-se de duas prerrogativas para legitimar seus compêndios, as quais apresentamos na ordem em que

aparecem no texto. A primeira diz respeito à erudição¹¹ do autor, que utiliza os, já na época aclamados, poemas homéricos como fonte de legitimação, como podemos observar nos seguintes trechos:

“A primeira qualidade de um general perito é conseguir a vitória sem risco, e é excelente também o engenhar-se para que a decisão obtenha a vitória antecipando o fim do combate. E me parece que isto também é o que aconselha Homero, pois muitas vezes canta:

... ou com a astúcia ou pela força,

Não exorta outra coisa que a valer-se de artifícios e estratégias contra os inimigos”

“E isto o atesta novamente Homero:

Quando chegou ao Paraso junto a Autólico e seus filhos, nobre pai de sua mãe, que superava aos homens na arte de roubar e em perjúrios; um deus em pessoa é Hermes...”

“Por certo que os estratégias que empregou contra os inimigos, Homero os cantou muitas vezes”

(POLIENO. *Strategica*, Livro I, Introdução).

Polieno cita também *Odisseu Louco*, uma tragédia perdida de Sófocles, e fragmentos de *Palamedes* de Eurípedes:

“Como, por exemplo, aquele estratégia de Odisseu que os trágicos cantam: a Palamedes venceu Odisseu no tribunal dos Aqueus, introduzindo em sua tenda ouro bárbaro. E aquele que era o mais prudente dos gregos, foi condenado por traição com este astuto estratégia” (POLIENO. *Strategica*, Livro I, Introdução).

¹¹ Martín García, considera a erudição de Polieno como sendo “ingênua”, opinião da qual discordamos sistematicamente, pois observamos que esta erudição é garantidora da autoridade do discurso (MARTÍN GARCÍA. 1991, p.155).

Polieno elenca, então, uma série de obras conhecidas e respeitadas por seus contemporâneos, formando assim uma base sólida de legitimação para sua *Strategica*, fortemente influenciada pelo movimento da Segunda Sofística¹². Esta legitimação intelectual é uma exceção no caso da obra de Polieno, em comparação aos outros manuais militares, mas isto não invalida o padrão, pois se trata também de um atributo do autor e por isso a legitimação da obra continua atrelada à autoridade do mesmo.

Em segundo lugar, e principalmente, Polieno conclama sua ascendência macedônia como fonte legitimadora de seu tratado militar. Para o autor, estaria em seu próprio sangue a capacidade de vencer batalhas, como podemos observar nos trechos que se seguem:

“Eu, um macedônio que tem por herança o poder de vencer na guerra os persas, não quero deixá-los sem minha contribuição na presente ocasião.” (POLIENO. *Strategica*, Livro I, Introdução).

“Este livro, em que aprenderéis as virtudes de nossos antepassados que reinaram na Macedônia, o qual escrevi, por suposto, com mais agrado que os demais.” (POLIENO. *Strategica*, Livro IV, Introdução).

Lembre-mos de que para o homem antigo a consanguinidade transmitia muito mais do que apenas características biológicas. A ideia de que certas habilidades eram compartilhadas de maneira inata por pais e filhos era bastante difundida. Sabemos que o

¹²Ao “despontar da tradição literária grega (no Império Romano) foi dado o nome de Segunda Sofística, expressão cunhada por Flávio Filóstrato. O termo aparece pela primeira vez na obra filostratiana *Vida dos Sofistas*, datada entre os anos de 231 e 237 d.C., e desperta a imaginação e a curiosidade dos estudiosos sobre o sentido dessa nomenclatura. Não obstante as muitas discussões sobre a essência e a finalidade da Segunda Sofística no Império, estudiosos concordam que a Primeira Sofística teve seu berço na Grécia clássica, embora vejam em diferentes níveis a sua influência na sofística surgida à época imperial [...] A Segunda Sofística é vista como um fenômeno cultural-identitário dos gregos no Império romano, de acordo com Whitmarsh, também relacionado à “linguagem do exílio”. O autor esclarece que alguns escritores do período imperial edificam não uma identidade, mas identidades gregas, pois suas concepções identitárias correspondem a um processo de interação entre o indivíduo e a sua cidade. A Segunda Sofística é definida pelo autor com um fenômeno sustentado por um pequeno grupo de intelectuais gregos, advindos da parte oriental do Império, que se destacavam por deter acurados conhecimentos de retórica, e de apresentar pleno domínio da fala e da escrita áticas. Dentro desse fenômeno, havia um grupo de exilados que intentava além da construção de uma identidade literária grega, o estabelecimento de uma autoridade cultural dos gregos frente aos demais povos. As diretrizes desse grupo repousam não somente em suas estratégias de auto-representação, mas ainda no decisivo contexto da Segunda Sofística que representa a expressão de um momento de reinvenção da literatura e dos valores praticados na Atenas clássica” (SILVA, 2007, acessado em <http://vereda.saber.ula.ve/sol/praesentia8/maria.htm>).

simples fato de alguém ser descendente de macedônios não o capacita a praticar a guerra numa visão atual, no entanto, estamos aqui analisando as fontes de legitimação de tratados militares entre romanos, os leitores para os quais esses compêndios foram direcionados. Devemos manter sempre em mente, muitas vezes, durante o trabalho heurístico, estamos lendo aquilo que não nos foi destinado. Vale lembrar também que os cargos de comando eram distribuídos na Roma antiga não por um concurso que avaliasse a capacidade do indivíduo de realizar determinada tarefa e sim pelo seu prestígio social e posição dentro do *cursus honorum*, o que resultava na existência de diversos homens que assumiam cargos de comando militar sem nenhum tipo de experiência prévia, que para nós beira o absurdo era normal para os romanos que acreditavam ser as virtudes o que de fato era realmente necessário para se prestar um serviço a Roma (ROSEINSTEIN, 2007, p.138). Observando dessa perspectiva, nossa compreensão de como um homem que nunca foi à guerra escrever um manual militar é facilitada, pois os romanos não possuíram, em nenhum momento de sua história, um tipo de academia militar para formar seus comandantes. Assim, se pensarmos que havia muitos comandantes designados que não tinham nenhuma espécie de experiência e nem treinamento prévio, levaremos em conta que qualquer ajuda seria bem vinda, incluindo a do manual militar. Percebemos, então, que para os comandos militares, aos quais Polieno realmente direcionou seus escritos, o fato deste ser descendente de macedônios faz toda a diferença, já que a perspectiva de qualificação para exercer determinado cargo, no mundo romano, é completamente diferente da nossa (GOLDSWORTHY, 2007, p.53-55).

Desta maneira, observa-se mais uma vez que a legitimação do manual militar está na voz autorizada do autor. Ora, Polieno não aconselha que leiam seus livros porque ele viu e ouviu tudo aquilo que compilou, ou porque já comandou muitas tropas, pelo contrário, ele atesta que o poder de vencer a guerra está em sua descendência, ou seja,

nele mesmo, em sua voz autorizada. Não que a voz do *histórei* não seja autorizada, mas como vimos é autorizada por uma metodologia muito própria ao compêndio de história e que se diferencia em alguns pontos da legitimação dos manuais.

Não podemos negar que a autoridade dos trechos compilados é fornecida em parte pela tradição do passado glorioso das vitórias antigas, mas os autores dos manuais militares não viram a imensa maioria dos estratagemas que narraram, logo a sua fonte de legitimação não poderia ser a mesma que a dos *histórei*, a saber o “ter visto” e “ter ouvido” . Era necessária uma outra fonte de legitimação, como a que já apareceu em Polieno e agora vemos em Frontino.

Os *Stratagemata* de Frontino estão amplamente solidificados no *cursus honorum* do próprio autor. Frontino não cita em momento algum de seus *Stratagemata* a sua profícua carreira militar, talvez para transparecer algum tipo de humildade ou até mesmo como uma forma de afirmar que sua fama como militar não necessitava ser citada, pois todos a deveriam conhecer. O que sabemos é que Frontino teve uma virtuosa carreira como homem público e que a despeito de não ter incluído seus feitos nas introduções de seus compêndios, isso não significa que a fonte de legitimação de seus escritos não esteja na sua carreira. É provável que a carreira de Frontino fosse conhecida pela maioria de seus contemporâneos dado os altos cargos de magistratura que ele desempenhou. Tendo Frontino exercido por tantas vezes a mais alta magistratura militar romana, não é de se estranhar que ele tenha achado desnecessário dispor essa informação na introdução de sua obra. No entanto, é interessante observar que apesar de ter visto e ouvido, como o *historei*, Frontino, para conservar o estilo que caracteriza o gênero, prefere não narrar suas próprias experiências em batalha, optando pelos *exempla* advindos do passado. Mais uma vez observamos que a legitimação do manual militar se dá numa mescla da autoridade do compilador e do conteúdo compilado. Apesar de arrolar uma série de feitos

que não lhe foram revelados pelos deuses e nem por ele vistos ou ouvidos pessoalmente, *Stratagemata* continua um livro plenamente confiável para o romano, porque foi escrito por um homem que por três vezes foi Cônsul e apresenta em seu conteúdo o valor de um passado considerado glorioso. Para corroborar essa discussão é interessante notar o caso de “De Bellum Gallica” de Caio Julio César. A obra contém o relato de diversas batalhas, levadas a cabo por um general de carreira incontestável, porém, em questões tipológicas, não é considerada um manual militar. Desta forma, se pensarmos na hipótese de Frontino ter escrito um livro narrando suas experiências como comandante ele estaria escrevendo sua auto-biografia e não um manual militar. A intenção de cobrir o maior número de assuntos possíveis, oferecendo *exemplas* para as mais diversas situações, impediam o autor de manuais militares de usar apenas os fatos que ele presenciou como “matéria-prima” destes *exempla*. Para a intenção totalizante de oferecer ajuda as mais diversas situações fazia-se necessário o uso de toda experiência disponível no passado, o manual militar não poderia apresentar somente aquilo que o comandante havia presenciado mas também tudo aquilo que a tradição oferecia e que parecesse ao autor merecer a compilação.

Vegécio, (que como citamos anteriormente, usaremos para exemplificar as características que permaneceram neste estilo de fonte) por sua vez foi um criador de cavalos com grandes habilidades veterinárias¹³ e administrador das finanças da guerra.

¹³ Tudo o que sabemos sobre Vegécio é o que pode ser deduzido de suas obras, que são o manual militar *Epitoma rei militaris* e *Digesta Artis Mulomedicinae*, um tratado veterinário sobre doenças equinas. O *Digesta Artis Mulomedicinae* é assinado por “P. Vegeti Renati”, homem que a maioria dos estudiosos acredita ser o mesmo autor de *Epitoma rei militaris* dado diversas semelhanças filológicas, como os paralelos verbais e lingüísticos apontados em 1888 por C. Schnöner. Ainda segundo Peter Russel, o costume medieval de copiar o *Epitoma rei militaris* e a *Digesta Artis Mulomedicinae* juntos em um mesmo codex ajuda a confirmar que as duas obras são do mesmo autor (RUSSEL, 1997, p.49-63). O aparecimento do nome “Renati” associado ao “P. Vegeti” é explicado pelo costume dos cristãos da época de adicionarem o cognome “Recém-nascido” ou “nascido de novo” a seus próprios nomes, representando sua conversão ao cristianismo (MONTEIRO, 2009. p.87). “Esta interpretação é confirmada pela leitura do *Epitoma*, no qual Vegécio dá conta de sua simpatia pela religião cristã (que um édito de 391, do Imperador Teodósio, tornou a religião oficial do Império Romano). Por exemplo, logo no Prólogo do Livro I, no qual Vegécio se refere a Deus e ao Imperador; ou no Livro II, cap. V, no qual se diz que os recrutas devem jurar por Deus, por Cristo e pelo Espírito Santo, e também pela majestade do Imperador (que deve ser amado e adorado logo a

Tudo leva a crer que ele acompanhou diversas campanhas militares, administrando recursos e butim, além de ser o chefe dos estábulos, cuidando para que os cavalos estivessem sempre saudáveis e fortes para a batalha. A proximidade de Vegécio com a guerra, apesar de não ser um guerreiro ou general propriamente dito, o possibilitava a autoridade para escrever tal obra. Sua experiência em dar suporte, tanto administrativo quanto técnico, aos exércitos foi a fonte de legitimação do seu *Compêndio da Arte Militar*.

Enéias, o Tático, (que utilizaremos aqui para demonstrar as características que os manuais militares, objetos desta dissertação, herdaram do passado) teve uma vida intensamente ligada ao exercício das armas, o que a nosso ver também liga a legitimação de seus escritos as suas magistraturas como *Estratego*. Fortes indícios apontam para que Enéias tenha sido um importante *Estratego* arcádio a quem se credita a conquista de Sición, em 367 a.C.¹⁴ Além disto, a *Poliorcética* de Enéias é uma das mais antigas obras

seguir de Deus); ou no Livro II, cap. XVIII, no qual o autor do *Epitoma* fala em vencer os bárbaros pela vontade divina e pelas sábias medidas do Imperador; ou no livro IV, cap. XXXV, no qual Vegécio se refere à festa da navegação – o domingo da Páscoa; ou ainda no Livro IV, cap. XL, no qual o autor disserta sobre os astros e a vontade do criador. O fato de ser favorável à religião cristã terá favorecido em muito a divulgação do *Epitoma rei militaris* no mundo ocidental, ao longo de toda a Idade Média” (MONTEIRO, 2009, p.88-89).

¹⁴ A. Hug e Hunter Huterford são os maiores defensores de que Enéias, o Tático seja a mesma personagem histórica que Enéias de Estínfalo. Eles fizeram estudos baseados na busca de dados que confirmassem a identidade do escritor e estrategista, tanto em fontes externas como na própria obra. “Em primeiro lugar, observaram que o nome Enéias aparece ligado a Arcádia tanto em fontes literárias como em inscrições, incluindo diferentes lendas locais que o relacionam ao herói troiano, provavelmente, por intento de distinção das famílias locais. Por outro lado, encontramos em Xenofonte referência a dois estrategistas estinfalos: em *Anabasis* IV 7, Enéias de Estínfalo é um dos dois capitães de contingente arcádio na expedição dos dez mil (401 a.C.); em *Helênicas* VII 3, 1, outro Enéias de Estínfalo é o estrategista arcádio que tomou a acrópolis de Sición (367 a.C.), o que se identifica com nosso autor. Em consequência, poderia se aparentar os dois Enéias citados por Xenofonte e admitir a existência de uma família de tradição militar; provavelmente, Enéias foi um dos numerosos chefes de tropas mercenárias que proliferaram na Grécia do século IV a.C. e que, em sua maioria, eram Peloponésios, e sobretudo, arcádios. Em segundo lugar, apesar da *Poliorcética* não proporcionar dados concretos sobre o autor, uma leitura cuidadosa nos permite inferir certa informação sobre sua pessoa e sobre sua particular visão do contexto histórico, especialmente sobre a situação do Peloponeso entre 370 e 350 a.C. Se pode entrever o jogo de tensões entre a hegemonia tebana e a espartana, e o intento da Liga Acadiana de se tornar independente frente à tirania de Licomedes [...] Sición é uma boa mostra de conflito entre os grupos. O regime tirânico de Eufrón foi derrubado pela aliança dos setores democráticos da cidade aliada a tropas acádias sobre o comando de Enéias de Estínfalo, que depois de fortificarem a acrópolis, estabeleceram um governo democrático (367 a.C.). Na *Poliorcética*, não encontramos referências concretas a este episódio, porém no cap. XXIX. 12, se menciona a captura da baía de Sición pelo tebano Pammenses (369 a. C.). Esta alusão não é uma prova definitiva, mas é certo que já em 369 existia uma estreita relação de nosso autor com Sición, que se confirmaria com

do gênero que chegaram até nós, e pode ter sido uma das fundadoras do estilo, imprimindo certos padrões, como, por exemplo, a legitimação da obra sobre os ombros da experiência de seus autores e sobre a experiência do passado.

Analisemos agora, de maneira mais aprofundada, algumas especificidades dos manuais militares quanto ao seu padrão organizativo. Seu texto é organizado de maneira diferenciada tanto da poesia épica como do gênero histórico. Os manuais militares estão organizados de forma que facilitem tanto a leitura quanto a consulta de seus trechos, o que elimina deles os textos longos e com poucas ou nenhuma divisão em tópicos. É perceptível nos manuais militares a preocupação com o pouco tempo que os comandantes militares dispõem para o exercício da leitura, como se pode comprovar no trecho a seguir:

“Não ignoro nem nego o fato de que diversos historiadores também incluíram esta característica nas suas obras, nem que vários autores já registraram, de um ou de outro modo, todos os exemplos famosos. Mas eu pensei que deveria privilegiar a concisão, por respeito aos homens que têm seu tempo muito ocupado. Procurar os diferentes exemplos espalhados pelo vasto corpo da história é um processo entediante, e aqueles que elaboram seleções de feitos notáveis esmagaram o leitor com a massa do material reunido” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, Introdução).

Neste trecho de Frontino aparece muito claro a preocupação em ser sucinto, uma clara adequação do estilo a seu público alvo¹⁵. Com este trecho também podemos inferir

sua muito provável intervenção em 367. Hunter-Huterford crê ademais, que, quando Enéias escreveu seu tratado, teria em mente como seus leitores os sicionios. Em qualquer caso, é lógico considerar que Enéias, o Tático fora um soldado profissional com grande conhecimento da arte da guerra e da psicologia das tropas, experimentando muitos conflitos, além de pertencer a uma família de larga tradição militar.”(VELA TEJADA, 1991, p. 13-15).

¹⁵ “[...] é lícito que nessa obrzinha não sejam necessárias nem a harmonia de palavras, nem a sutileza do espírito, mas sim um trabalho diligente e fiel, para que aquelas matérias que estão encerradas, dispersas e escondidas junto de diversos autores históricos e junto daqueles que ensinam a disciplina das armas sejam apresentadas em público, em benefício dos Romanos. Por conseguinte, tentamos mostrar por partes e capítulos qual o costume antigo sobre a escolha e o treino dos recrutas. Não que para ti, Imperador Invicto, estes assuntos pareçam desconhecidos, mas para que tu reconheças aquelas matérias que outrora os fundadores do Império Romano conservaram e que tu tens à tua disposição de livre vontade, em prol do bem-estar da República, e para que encontres neste pequeno livrinho o que quer que seja que tu acreditas que deve ser procurado sobre os temas mais importantes e sempre necessários” (VEGÉCIO. *Compêndio da Arte Militar*, Livro I, Introdução). Veja que para Vegécio deve ser “procurado” no livro os “temas que são

que o autor de manual militar se utiliza da história, mas de maneira muito específica, pois faz claramente uma seleção dos trechos que quer arrolar não dando importância à narração completa de determinado acontecimento. Como vemos no capítulo III, as batalhas e eventos que carregam o ensinamento estratégico em questão são apresentadas, mas os eventos que se seguem a elas simplesmente não eram narrados, a exceção de continuarem apresentando um feito a ser imitado. Isso nos permite inferir que o manual militar e o compendio histórico antigo seguem lógicas narrativas diferentes. Enquanto no manual busca-se exemplos isolados, que proporcionem ensinamentos estratégicos, no compendio de história há uma cadeia causal de acontecimentos visto que o fato narrado aparece colocado entre antecedentes e efeitos.

Polieno, por sua vez, também frisa a questão dos resumos, como se pode ver no trecho a seguir:

“Os ofereço sacratíssimos imperadores Antonino e Vero, este segundo livro dos *Estratagemas*, e vos dou a ajuda de um resumo, que sem dúvida alguma, estais capacitados a compreender com quanta investigação e quanto trabalho os reuni” (POLIENO. *Strategica*, Livro II, Introdução).

Sobre esta e outras características do gênero manual militar, Krentz e Wheeler, em seu comentário da obra de Polieno, fazem asseveração com a qual concordamos:

“Se a sua técnica narrativa excessivamente abreviada de suas fontes ou seu corte de importantes detalhes históricos, e se a sua composição precipitada levou a uma confusão de pessoas com nomes semelhantes, ele pode sofrer justamente o desprezo de críticos modernos treinados em uma historiografia que exige mais precisão. Mas a crítica moderna deste tipo é equivocada: Polieno não escreve como um historiador. Cícero observou que o retórico tem o privilégio de adaptar o *exemplum* histórico para se adaptar a seu propósito” (KRENTZ; WHEELER, 1994. p.16).

mais importantes”, aos quais são atribuídos a ideia de que são constantemente necessários, ou seja, a nosso ver aparece aí, a noção de livro que deve ter seus trechos permanentemente consultados e não apenas lido de capa a capa.

Para facilitar ainda a questão da consulta veloz ao compêndio, adiciona-se um índice de assuntos muito específicos e muito bem detalhados, como pode ser visto no *Stratagemata* de Frontino¹⁶. Seguem trecho em que esses índices detalhados aparecem:

“Os que se referem ao combate estão divididos nas seguintes classes:

- I. Sobre a escolha do momento certo para entrar em combate.
- II. Sobre a escolha do local de combate.
- III. Sobre a disposição das tropas para o combate.
- IV. Sobre criar pânico nas tropas inimigas.
- V. Sobre emboscadas.
- VI. Sobre deixar o inimigo escapar, para evitar que ele, vendo-se encurralado, renove o combate com maior denodo.
- VII. Sobre esconder os reveses.
- VIII. Sobre restaurar o moral pela firmeza.

Dos assuntos que são merecedores de atenção após o combate, considero que existem as seguintes classes:

- IX. Sobre terminar a guerra após um recontro bem sucedido.
- X. Sobre reparar nossas perdas após um revés.
- XI. Sobre garantir a lealdade daqueles de quem desconfiamos.
- XII. O que fazer para defender o acampamento, caso o comandante tenha pouca confiança nas tropas que dispõe.
- XIII. Sobre retirar.” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro II).

Percebe-se que os temas das subdivisões são bem específicos e ao mesmo tempo auto-explicativos, corroborando para a hipótese de que a intenção destes autores era a de que estas obras fossem consultadas constantemente, com rapidez e prática.

¹⁶ Esta característica foi mantida em manuais posteriores, como podemos ver no *Compendio da Arte Militar*: “COMEÇAM OS CAPÍTULOS DO LIVRO TERCEIRO

- I. Que tamanho deve ter o exército.
- II. Como deve ser controlada a saúde do exército.
- III. Com que cuidado devem ser aprovisionados e conservados as forragens e os cereais.
- IV. Que cautelas se deve ter para que os soldados não se amotinem.
- V. Quantos tipos há de sinais militares.
- VI. Que cuidados se deve ter quando o exército se movimenta com o inimigo por perto.
- VII. Como devem ser atravessados os maiores rios.
- VIII. Como deve ser disposto o acampamento.
- IX. O que se deve avaliar para decidir se se deve combater por meio de ataques imprevistos e de emboscadas ou por meio de uma batalha campal.” (VEGÉCIO. *Compendio da Arte Militar*, Livro III).

Nos *Estratagemas* de Polieno uma organização em tópicos não aparece em um sumário, porém, ela também está claramente presente ao longo do texto¹⁷. No caso de Polieno não há tópicos, mas os livros contam com uma minuciosa organização dos trechos ordenada por povos e por cronologia.

Assim, os manuais militares se diferenciariam e se aproximariam dos compêndios históricos em alguns aspectos principais. O primeiro diria respeito à própria declaração textual dos autores destes manuais, que afirmam, a nosso ver, claramente, que estão se propondo a produzir um texto com características diferenciadas do material selecionado e relacionado para composição de obras do gênero histórico antigo.

Em segundo lugar, o manual militar se apresenta como um texto que narra fatos que tiveram seu início, desenvolvimento e final no passado, porém assim como a poesia épica, estes fatos teriam a capacidade de re-acontecerem no presente, com a diferença de que a poesia, segundo Costa Lima, re-acontece no declamar do Aedo (LIMA, 2006, p.58), enquanto os trechos compilados no manual militar deveriam re-acontecer no plano movediço e incerto da guerra, por intermédio da capacidade do comandante de conseguir colocá-los em prática.

O terceiro aspecto diz respeito a alguns manuais militares tratarem de personagens míticos e deuses, aspecto este que ele compartilha com a poesia épica de uma maneira específica, mas que o diferencia de alguns compêndios do gênero histórico.

Em quarto lugar está o aspecto da fonte de legitimidade do escrito, que vimos ter semelhanças, mas também diferenças com o manual militar, se legitima na pessoa do autor e de sua competência em escolher e compilar os *exempla* do passado.

Ainda um quinto aspecto diz respeito à forma de organização textual do manual militar. Diferente da poesia épica e da narrativa histórica, ele configura-se como

¹⁷ No caso da obra de Enéias, o Tático, os tópicos estão lá, como por exemplo, “Sobre Contra-senhas” (ENÉIAS. *Poliorcética*, IV, 1), ou mesmo “Precauções a serem tomadas acerca dos aliados” (ENÉIAS. *Poliorcética*, XII, 1).

compêndio de resumos fora de um esquema narrativo com início, meio e fim, além de ser organizado de forma seccionada para facilitar a consulta.

Reconhecemos que a linha que diferencia manuais militares de compêndios de história antigos é tênue. Diferenciações como a questão da autoridade do autor às vezes parecem muito movediças, porém cremos que as semelhanças entre gêneros não são motivos para que deixemos de pensá-los de forma específica, optando por um modelo mais genérico que englobe diversos gêneros que possuam semelhanças. Assim, nossa preocupação em demonstrar a especificidade dos manuais militares é uma tentativa de evitar que a fonte seja alvo de utilizações erradas, mitigando assim os enganos cometidos por alguns autores com relação a este tipo de documentação. Comentários de Martín García como, por exemplo, “Este episódio é uma pura invenção [...]” (nota de rodapé nº45 livro II) “A história não é outra coisa senão uma bruta desfiguração dos trechos” (nota de rodapé nº62 do livro II) inferiorizam a obra, que é claramente tratada de maneira pejorativa em outros trechos, que em nossa opinião demonstram que o autor faz uma exigência de veracidade factual à fonte, tarefa esta que a própria fonte não se propôs a realizar. Vejamos trecho da Introdução, no qual Martín García discorre sobre as fontes de Polieno:

“[...] abordamos a análise dos oito livros e chegamos a conclusão de que, com a exceção dos livros IV e VII, onde utiliza boas fontes, mesmo que desconhecidas, para a maior parte de sua obra recorreu a coleções de escasso valor ou a fontes desconhecidas.” (MARTÍN GARCÍA, 1991, p.158). “[...] os demais livros com suas irregularidades e contínuos vãos e vens nas datas revelam que Polieno seguiu uma fonte medíocre, possivelmente de tipo anedótico, junto a outras de menor qualidade.” (MARTÍN GARCÍA, 1991, p.159).

No trecho a seguir fica clara uma exigência da parte de Martín García para que Polieno tivesse mais cuidado com as fontes que utilizava:

“[...] o que revela que Polieno quando escrevia sobre um tema conhecido não se incomodava em usar fontes contínuas, se não coleções que mencionam um personagem homônimo. O mesmo pode ser aplicado àqueles capítulos cujos primeiros parágrafos derivam de uma fonte ruim, como I 20, 1 ou I 21,1.” (MARTÍN GARCÍA, 1991, p.160).

A nosso ver o tradutor não entendeu muito bem o propósito pedagógico com os quais os manuais militares eram escritos e tratou um deles, no caso a *Strategica* de Polieno, como uma espécie de tentativa de uma “História dos Estratagemas”, uma forma de registro para que ficassem para a posteridade os vários feitos heróicos de astutos personagens. Contudo, não é esta, a nosso ver, a intenção inicial dos manuais militares. Eles são sim registros históricos, mas o são para determinado fim específico, a saber, a reconstituição no presente das glórias e vitórias militares do passado.

Krentz e Wheller corroboram nossas afirmações, quando postulam que:

“Além do mais, o gênero de coleções de estratagemas (paradoxalmente ao que pode parecer) não exige exatidão histórica. A coleção de Frontino contém vários erros e ela foi muito criticada pelos analistas romanos antigos. Em uma coleção de estratagemas a ênfase está em ensinar princípios de comando ardiloso, e para isso exatidão histórica em mínimos detalhes não é necessária” (KRENTZ; WHELLER, 1994, p. 16).

Manuais militares não foram escritos com o rigor de registros históricos; eles podem e são utilizados por nós como fontes históricas (a despeito das imprecisões, confusões e relatos míticos), mas seus autores (Polieno, Frontino, Enéias, o Tático, Vegécio e outros) não objetivaram um relato do passado com metodologia semelhante a que Heródoto ou Tucídides utilizaram e, por isso, não podem ser considerados a partir dos mesmos critérios. Os manuais se valeram do relato do passado para ensinar aos generais de seu presente como emularem as vitórias do passado, conforme podemos ver claramente no trecho que se segue:

“Os ofereço, sacratíssimos imperadores, Antonino e Vero, este quinto livro dos *Estratagemas*, não me considerando a mim pelo ato de escrevê-lo tão digno de elogio como vós, que estais a frente de um império tão grande, pelo ato de se dar ao trabalho de ler tantos escritos, e sobre tudo, por suposto agora, quando não só presidis os deveres da paz, como também os da guerra e, naturalmente considerais um estratagema da vitória também este: o aprender aquilo pelo qual venceram os generais antigos, pois, cremos que para os reis ocupados na guerra convém conhecer a gestas heróicas. Desde logo, o estudo de relatos é uma coisa muito útil para os que estão estacionados; mas para os que estão à frente dos exércitos o conhecimento das gestas é o melhor mestre do que se deve fazer para emular os que venceram antigamente. Assim pois, os próprios estratagemas os ensinarão como emular as virtudes e vitórias dos antigos” (POLIENO. *Strategica*, Livro V, Introdução).

Nesse sentido, o manual militar se aproxima da definição da poesia épica, segundo Costa Lima, pois sua intenção é semelhante (LIMA, 2006, p.58). Enquanto a da poesia épica é recriar pela memória o passado mítico, a intenção do manual militar é recriar por meio da memória relatada a situação vencedora. Com o manual militar a intenção não é fazer o passado apenas conhecido, mas é fazer o passado presente e útil para vencer novamente.

Quando consideramos o manual militar em sua especificidade, entendendo sua proposta pedagógica e seu tipo de relação com o passado, estamos aptos a questioná-lo de forma mais profícua. As questões que este tipo de fonte pode nos responder passam desde, obviamente, por nossas dúvidas sobre a cultura militar romana até questões como o papel das mulheres nas guerras ou mesmo as relações dos romanos com os considerados bárbaros. No entanto, a nós interessa, utilizando primariamente os *Strategica* de Polieno e os *Stratagemata* de Frontino, estabelecer uma comparação que nos permita entender mais de perto a tipologia desta tão curiosa fonte. Além deste padrão a ser corroborado, pretendemos também provar nossa hipótese de que este tipo de fonte nos revela uma interessante e diferente perspectiva de se ver e lidar com o tempo

histórico. Porém, antes de fazermos este estudo mais detalhado dos trechos das obras queremos nos deter em uma contextualização que vise demonstrar como os *exempla*, muitas vezes retirados de passados longínquos eram na realidade atuais e aplicáveis ao contexto dos comandantes que viveram e comandaram contemporaneamente a Polieno e Frontino.

CAPÍTULO II – OS PORTÕES DE JANUS PERMANECEM ABERTOS

Na Roma antiga, quando se estava em guerra, abriam-se os portões do templo do deus Janus. Havendo paz, fechavam-se as portas do templo do deus. O fato é que durante toda a história de Roma essas portas foram fechadas pouquíssimas vezes¹⁸. Isso nos permite chegar a seguinte constatação: o Império Romano foi um Império constantemente em guerra. Neste capítulo fazemos uma breve análise dos contextos político-militares da época em que foram escritas ambas as obras aqui estudadas, ou seja, o final do século I d.C., período em que Frontino escreveu seu *Stratagemata*, e o final do século II d.C., período em que Polieno redigiu sua obra *Strategica*.

Escolhemos tratar especificamente do contexto político-militar, dada a natureza das fontes que utilizamos neste trabalho. Como se tratam, ambas, de manuais militares pensamos ser apropriado apresentar um resumo das principais guerras travadas pelos romanos durante este período. Para isso, procuramos utilizar do que há de mais recente na historiografia a respeito do tema, sempre tomando o devido cuidado do cotejamento da opinião de diversos autores, especialistas no tema.

Por mais que os manuais militares em questão pouco utilizem exemplos do seu próprio presente, eles foram escritos para serem usados naquele presente e com pretensões de alcançarem também a posteridade. O fato de Polieno e Frontino buscarem a maioria de seus exemplos na Grécia antiga e na era republicana, a nosso ver não é uma justificativa para que contextualizemos essas eras e não as em que viveram os autores.

¹⁸ O Templo de Janus foi construído durante do reinado de Numa Pompílio, período no qual permaneceu fechado. Quando Tulio Hostilio assumiu a monarquia ele abriu os portões em virtude da guerra contra Alba Longa, a partir de então os portões permaneceram abertos até o final da primeira Guerra Púnica, perfazendo um total de mais de 400 anos. T. Manilius Torquato fechou os portões em 235 a.C., no entanto, ele só permaneceu fechado por oito anos, quando eclodiu a guerra com os gauleses no norte da península itálica. Desta vez ele só foi fechado pelo Imperador Augusto em 29 a.C., após as mortes de Antonio e Cleópatra. Outros dois Imperadores aos quais se creditam o fechamento dos portões são Nero e Vespasiano. Durante todo período restante assume-se que os portões permaneceram abertos. Dado a importância simbólica que seu fechamento tinha para os romanos, aliado as outras tantas fontes que confirmam os longos períodos de campanha empreendidos pelos romanos, podemos deduzir que enquanto não foi registrado o contrario os portões permaneceram abertos (SYME, 1979, p.188).

Por mais que um passado glorioso fosse buscado, posto em voga e exortada a emulação, estes homens não estavam desatrelados de seus presentes, como se pudessem viver alheios dele ou numa espécie de suspensão anacrônica. Se *Stratagemata* e *Strategica* querem amalgamar passado e presente, esse é um desejo ao qual nossa pesquisa não pode se render. Assim, justificamos a contextualização tratar das guerras do tempo em que estes autores viveram e não das guerras das quais vieram seus *exempla*. É de suma importância, manter sempre em mente que estes autores procuravam auxiliar o presente com seus escritos (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, Introdução). O manual militar configurou-se inicialmente como um esforço para o auxílio aos generais de sua própria época, ficando a posteridade como um objetivo não tão primário (POLIENO. *Strategica*, Livro I, Introdução).

2.1 MURALHAS MARCHANTES: O EXÉRCITO ROMANO NO PRINCIPADO

Segundo Nigel Pollard:

“O exército romano era uma fonte crucial de poder imperial e seu apoio fez e quebrou imperadores. Seus membros eram os mais numerosos representantes do Estado romano e executaram muitas das tarefas básicas necessárias para executar o Império. Foi o maior ônus financeiro do Estado, presentes em cada província. Ele era composto por indivíduos de todos os grupos da sociedade romana e agiu como um meio de mobilidade social para alguns. Os seus membros formaram um grupo distinto institucional no seio da sociedade romana, mas, como representantes do poder romano e da cultura, interagiam diariamente com os membros de cada cultura local no império. Por todas estas razões, alguns conhecimentos do exército romano são cruciais para a compreensão do Império Romano” (POLLARD, 2006, p.206).

Daí podemos inferir qual a importância de se tratar de uma das mais poderosas organizações que o mundo já conheceu. Depois das Legiões romanas, somente os cavaleiros arqueiros de Gengis Khan conseguiram abranger tão largas conquistas, mesmo assim sendo o tempo de manutenção dessas conquistas ínfimo, se comparado aos séculos de dominação mantidos pelo Império Romano. Obviamente um Império não se faz apenas de coerção militar; não é este o discurso que estamos defendendo aqui, mas, se outra série de aparatos são utilizados para se manter uma dominação é porque anteriormente houve uma conquista e esta foi proporcionada pelo uso do aparelho militar.

As Legiões romanas, responsáveis por essas conquistas, tiveram configurações diferenciadas ao largo da história da cidade de Roma. O que podemos afirmar, a título de generalização, é que na maioria do tempo em que existiram como organização, as Legiões romanas foram caracterizadas pela sua organização básica em linhas contendo infantaria pesada. O que passou disso foi considerado como tropa auxiliar, que assim como a própria base de infantaria pesada variou muito ao longo do tempo.

Durante o período republicano, as Legiões eram compostas por aproximadamente 4.200 homens de infantaria e 300 cavaleiros. Essa força estava dividida basicamente em quatro linhas, que se diferenciavam tanto em seu armamento quanto em sua experiência em combate. A primeira linha que se dispunha em campo de batalha contava com os *velites*, infantaria ligeira composta por cidadãos pobres, mas que tinham condições de se armar com javelinas¹⁹, um pequeno escudo oval, espada curta, às vezes adaga, e cobrir-se com uma pele de animal selvagem, geralmente de lobo. Goldsworthy, baseado em Políbio, afirma que essas peles serviam para que os centuriões soubessem diferenciar os soldados. Dessa forma, após a batalha poderiam ser punidos ou recompensados. Ainda segundo o autor essa pele de lobo também pode ter significado totêmico

¹⁹ Javelinas são lanças de arremesso mais baratas e leves que os *pila*, e eram usadas por unidades auxiliares no exército romano (BAËNA, 2010, p.348).

(GOLDSWORTHY, 2007, p.27). Sabe-se que os *velites* arremessavam sua munição (javelinas) na linha inimiga como fase inicial do combate, com o objetivo de fustigar o inimigo. Nesta fase do combate, os *velites* corriam por entre os manípulos de *hastati*, pois não estavam aptos ao combate corpo-a-corpo, no qual engajavam somente numa situação drástica. Portanto, a pele de lobo utilizada pelos *velites* poderia ter também uma utilização bem mais prática, uma forma dos *hastati* diferenciarem seus companheiros dos inimigos. Os *velites* somavam em média 1200 homens e não eram contados como parte da legião, pois a mesma não tivera caráter apenas militar prático, mas era também um meio de circulação política e social, daí a exclusão dos mais pobres do status de legionário no período republicano.

Assim, a segunda linha de homens na legião republicana era a que de fato compunha a primeira linha da legião no imaginário dos romanos. Essa linha era composta pelos *hastati*, ou seja, pelos homens mais novos, com cerca de 20 anos. Os *hastati* eram a primeira linha a de fato se chocar com o inimigo, já que em situações normais os *velites* recuavam por entre suas linhas. Cada duas centúrias de *hastati* formavam um manípulo de 120 homens. A palavra centúria, deve-se lembrar, nunca significou exatamente cem homens, constituindo um perigoso falso cognato. O maior número de homens em uma centúria chegou a 80 no período imperial; isso significa que uma centúria no período republicano consistia em 60 homens.

O manípulo é, segundo Laurence Keepie, a estrutura militar de desenvolvimento basicamente romano, que possibilitou o avanço com relação aos sistema hoplítico grego. Ao invés de lutarem em uma imensa linha compacta, a partir do século IV a.C., os romanos adotaram uma formação que possuía “quebras” pré-definidas nas linhas. Essa descompactação das linhas, que antes significavam a derrota eminente do exército, passaram a permitir ao exército romano uma capacidade de movimentação e de atuação

extras. Para Keepie, essa inovação proporcionou aos romanos um enorme salto bélico em relação a gregos e macedônios (KEEPIE, 1998, p.7).

Havia, então, 10 desses manípulos de 120 *hastati* compondo a primeira linha de choque com o inimigo; cada manípulo destes era comandado por dois centuriões e referenciado por dois porta-estandartes. Subsequentes a estes estavam os *princepes*, homens com idade entre 25 e 30 anos, considerados pelos romanos como o melhor momento da vida dentro do exército. Os *princepes* eram homens que já possuíam alguma experiência e por isso ocupavam, na concepção dos romanos, a segunda linha na disposição do exército em campo, na prática essa seria a terceira linha de homens por conta dos *velites*. Também estavam organizados em 10 manípulos de 120 homens cada, ou seja, duas centúrias, perfazendo um total de 1200 homens. O armamento dos *princepes* só se diferenciava do dos *hastati* em questões de qualidade. Como os *princepes* já haviam lutado mais campanhas era natural que tivessem mais condições financeiras e por isto armamentos melhores, mas isto não era via de regra, já que um *hastatu* poderia ser membro de uma família muito rica e ter um equipamento singular, a riqueza, entretanto não traria nenhuma regalia ao legionário republicano além de um equipamento melhor (GOLDSWORTHY, 2000, p.50).

A terceira fileira de homens na legião republicana, que consistia na quarta fileira de unidades disposta em campo de batalha, era formada pelos *triarii*. Compondo a retaguarda eles eram recrutados entre os soldados mais experientes, que já tinham lutado em diversas campanhas e possuíam geralmente mais de 30 anos de idade. Os *triarii* estavam dispostos em 10 manípulos de uma centúria cada, perfazendo um total de 600 homens. O menor número de homens nessa linha é explicado pelas dificuldades de se chegar a essa idade com possibilidades reais de combate. Além do mais, os *triarii* lutavam apenas quando eram necessários, ficando de sobreaviso em suas posições,

ajoelhados atrás de seus escudos e com as lanças apoiadas no chão e apontadas para o inimigo. Essa característica desta unidade deu origem à interessante expressão romana “Chegou aos *triararii*”, usada para descrever uma situação que já estava para sair do controle (GOLDSWORTHY, 2000, p.51). Os *triararii*, como já dito, possuíam armamento ofensivo diferenciado em relação às outras unidades (os armamentos ofensivos e defensivos serão explicitados logo mais). Cada manípulo era comandado pelo centurião mais velho que se alinhava na ala direita e era apoiado por um oficial (*optio*), um porta-estandarte (*signifer*) e um oficial de guarda (*tesserarius*). O segundo centurião, alinhado à ala esquerda, assumiria o comando na ausência do primeiro. A legião republicana não tinha um líder militar central, seu comando estava nas mãos de seis tribunos militares organizados em pares e que se alternavam nas funções de comando. Essa forma organizacional demonstra bem os ideais republicanos refletidos na organização militar. Dispostas nos flancos esquerdo e direito da Legião Republicana estavam as *alae*. Uma *ala* era um contingente de aliados romanos vindos de outras cidades e que por possuírem suas próprias características bélicas eram dispostos nos flancos em manípulos separados das tropas romanas. As *alae* eram sempre comandadas por três prefeitos romanos (*praefecti sociorum*) que suplantavam a autoridade do comandante original daquele destacamento estrangeiro. Os armamentos, tanto ofensivos quanto defensivos dos *alae*, variavam de acordo com a cultura e a tecnologia militar de seu povo de origem. Segundo Goldsworthy, as *alae* eram geralmente grandes contingentes de cavalaria dado o reduzido contingente de cavalaria da própria Legião Republicana (GOLDSWORTHY, 2007, p.27-28).

Terminando de compor a linha, no extremo de ambos os flancos estava a cavalaria romana (*equites*). Composta por 300 homens a cavalo, divididos em 10 companhias de 30 cavaleiros comandadas cada uma por três decuriões (literalmente comandantes de dez

homens). Ser um cavaleiro era motivo de alta distinção social na República romana e o posto era ocupado apenas pelos mais ricos, que tinham condições de manter seu próprio cavalo de guerra (SIMKINS, 2005, p.24). Por conta desta especificidade, quando o Senado entendia que uma legião maior que a de 4200 homens deveria ser formada, o aumento do contingente dava-se pela adição de *hastati*, *princepes* e *velites*, e nunca pela adição de cavaleiros ou *triarii*.

Hastati e *princepes* carregavam, como equipamento ofensivo, obrigatoriamente, dois *pila* e um gládio e alguns deles levavam, por escolha própria, um *pugio*. O *pilum* era composto de uma haste de madeira de 120 centímetros, em média, unida a uma haste de metal de cerca de 60 centímetros com uma triangular ponta afiada; no setor onde se uniam as hastes era formado um peso que era encarregado de conferir velocidade e capacidade de penetração ao *pilum*, quando este fosse lançado. Os *pila* eram arremessados contra as fileiras inimigas antes do engajamento em combate corpo-a-corpo e estudos recentes mostram que estes poderiam alcançar com eficiência máxima à distância de 25 metros (BISHOP, apud: SEKUNDA, 2007, p.350) . A intenção era a mesma das javelinas (*hasta velitaris*) arremessadas pelos *velites*, estas, porém, eram mais leves já que os *velites* deveriam carregar várias delas e atacar o inimigo a longas distâncias (SIMKINS, 2005, p.23). Calcula-se que a *hasta velitaris* poderia atingir com eficiência alvos a 40 metros de distância (CONNOLLY, apud: SEKUNDA, 2007, p.351).

O gládio (*gladius hispanienses*), de origem hispânico-celtica, adotado muito provavelmente durante a primeira Guerra Púnica, era a arma ofensiva por excelência não só da Legião Republicana, mas para as legiões dos próximos cinco séculos. Sua eficiência tanto para perfurar quanto para cortar era muito apreciada pelos guerreiros romanos. Seu tamanho mais curto, cerca de 60 centímetros, permitia o uso combinado com o escudo e o combate em fileiras cerradas sem causar danos aos companheiros de linha. Diversas

inovações tecnológicas davam ao gládio essa proeminência sobre as demais espadas do mundo antigo; seu cabo, geralmente de osso ou de madeira, se amoldava ao punho fechado graças aos sulcos para acomodar os dedos, o que dava uma empunhadura que aproveitava ao máximo a força do legionário. O pomo de cobre, ao final do cabo, equilibrava o peso da lâmina tornando o gládio extremamente rápido em relação às outras espadas da época. Os cavaleiros carregavam uma versão um pouco mais longa do gládio, que chamavam de *spatha*; ela era dotada das mesmas tecnologias do gládio e por seu tamanho só era utilizada por guerreiros montados. A *spatha* não era obrigatória ao *equite*, que tinha como arma usual a lança, arma esta que mais que otimizava a carga da cavalaria (SIMKINS, 2005, p.22).

O *pugio*, por ser uma arma optativa, variou bastante de acordo com o legionário. Miguel Sanches de Baêna, aponta que o *pugio* tinha seu uso no dia-a-dia das campanhas, sendo usado mais para pequenos reparos em madeira, descarnar uma caça e/ou auxiliar no forrageamento (BAÊNA. 2010, p.347). A lança, por sua vez, era compartilhada pelos *equites* e *triarii* e mantinha as mesmas características hoplíticas, sendo uma haste de madeira com algo entre 2,5 e 3,0 metros de comprimento e uma ponta metálica losangular.

O conjunto do equipamento defensivo era composto de peitoral, capacete e grevas²⁰ de bronze, ao passo que os membros mais ricos do exército poderiam usar a couraça de malha metálica (SEKUNDA, 2007, p.350). O escudo, nesta época, era de bordas ovais e tinha 120 centímetros de comprimento por 76 de largura. Era composto por três placas de madeira fixadas recobertas por uma capa de couro cozido, fixadas as bordas do escudo por placas de ferro. No meio, possuía uma semicircunferência de ferro

²⁰ As Grevas eram sandálias com proteção para as canelas, geralmente de bronze ou couro batido, amarradas as pernas por tiras de couro. Era a proteção para os pés comuns no conjunto da armadura do hóplita grego e foi adotada pelos romanos. Com a profissionalização do exército as grevas foram substituídas pela bota militar romana, já que o escudo legionário oferecia proteção para toda a extensão das pernas (SINKINS, 2005, p.23).

que concedia estabilidade e capacidade de absorção de impacto. Reconstruções de especialistas mostram que o *scutum* chegava a pesar 10 quilos (BAËNA, 2010, p.340-342).

A Legião passou a ter uma formação diferenciada após as reformas de Caio Mario, que, eleito Cônsul em 107 a.C., profissionalizou o exército romano. Mario precisava formar novas legiões para fortalecer o exército na África e como contava com forte oposição no Senado a ele foi permitido recrutar apenas voluntários. O Cônsul então, em uma estratégia nunca antes utilizada, convocou os cidadãos pobres para comporem as fileiras da infantaria pesada, ou seja, da Legião romana. Os *capite censi* (contados por cabeça) responderam veementemente à convocação e a partir de então a relação obrigatória entre propriedade e serviço militar havia se desfeito para sempre em Roma. Com a reforma de Mario, bastava a cidadania romana para se alistar na Legião que, paulatinamente, passou a possuir cada vez mais cidadãos pobres em suas fileiras. Segundo Goldsworthy, alguns pesquisadores, que eles não cita quais, crêem que a mudança não tenha sido assim tão repentina. Talvez Mario só tivesse oficializado algo que já vinha acontecendo a algum tempo dentro da instituição. Porém, é largamente aceito que a reforma de Mario tenha sido o passo decisivo para a transição do exército romano de miliciano para profissional. Após a Guerra Social²¹, a cidadania romana foi

²¹ A Guerra Social (91 a.C.- 88 a.C.) foi uma guerra ocorrida entre os romanos e algumas das cidades da península itálica, com as quais os romanos tinham alianças. “Os problemas começaram com a agitação no seio da comunidade das pessoas que normalmente proviam mais das tropas romanas. Nem todos os assuntos do Estado romano era tratado de forma igual. Havia pelo menos cinco níveis na sociedade cada um com direitos diminuindo em relação a anterior, deveres e privilégios: tribos romanas, o latim intimamente relacionado com os romanos, os italianos do continente sul do par norte da península, o povo das ilhas principais (Sicília e Sardenha), e os lígures e celtas na CisalpinaItália (a parte da península norte do rio Rubicão e ao sul dos Alpes). O problema não foram os latinos, que compartilhavam a maior parte dos benefícios que revertem a favor da guerra, o bem comum, ou os habitantes da ilha, ou mesmo os celtas (tanto mal tratados) mas as tribos italianas do centro e do sul, alguns, os samnitas, por exemplo, tinham sido amargos inimigos de Roma no passado. Inicialmente, os aliados italianos (os chamados *socii*) tinha previsto que os soldados formavam se não numero igual ou até mesmo o dobro da contribuição romana (para a infantaria e cavalaria, respectivamente). De acordo com uma estimativa recente, constataram as legiões com cerca de 80 mil soldados aliados contra 50 mil romanos, no período de 200-179 a.C. e uma média de cerca de 54.000 contra 45.000 na década que se seguiu. Especificamente, os números mostram que 65.000 romanos contra 45.600 *socii* legionários servindo em 169 aC, 76.440 contra 58.200 em 168 a.C. dados para

expandida para praticamente toda a península itálica e com ela também o direito ao alistamento legionário. Na prática tática essa medida provocou duas grandes mudanças: em primeiro lugar ela extinguiu as *alae*, já que todos os aliados de outras cidades passaram a ser cidadãos e assim foram incluídos na Legião de forma organizacional idêntica. Em segundo lugar, a disposição do exército em campo de batalha foi completamente alterada, não existindo mais as unidades republicanas características (*princeps*, *hastati* e *triarii*). As novas legiões eram muito mais permanentes, e

os anos seguintes, até a virada do século, são menos confiáveis. P. A. Brunt argumenta que o complemento de soldados aliados aumentou durante o período da Gracos [...]O compromisso *socii* à política de guerra romana não terminou com a prestação de serviço da maioria dos soldados. Eles foram também forçados a apoiar pagando seus soldados e as necessidades alimentares através de impostos (os cidadãos romanos eram isentos de impostos desde o início com a Terceira Guerra da Macedônia, 171-167 a.C. Além disso, o Tesouro dos aliados não fora renovado com o espólio do inimigo, como foi o caso com o tesouro público romano. E quando ocorreu a divisão dos despojos no campo de batalha, os aliados foram novamente enganados em benefício dos soldados romanos. Políbio cita quatro casos de distribuição de despojos no período 201-167 a.C.. Em um caso, pelo menos, em 177 a.C. os aliados receberam apenas a metade do espólio concedido aos cidadãos romanos soldados. Quatro anos mais tarde os seus lotes de terra nas colônias romanas foram menores que os concedidos para os romanos. Embora aliados lutassem ao lado de Roma, na linha de batalha, os mais altos oficiais eram romanos; seus próprios chefes não eram necessariamente parte do conselho de guerra. É provável também que os aliados eram distribuídos de forma exposta nas batalhas. A desigualdade também se refletiu na distribuição de alimentos. Segundo Políbio, aliados e lacaios romanos receberam o mesmo contingente, mas aliada a cavalaria coletados apenas cinco porções de alimentos, não os habituais sete mais um e um terço de feno. Às vezes, indivíduos e instituições romanas abusaram, definitivamente, dos italianos. O Senado poderia intervir em todas as seus principais assuntos políticos, e Líderes romanos poderiam ignorar os direitos dos cidadãos italianos. Por exemplo, em 173 a.C. um cônsul romano pediu comida e alojamento a partir de um aliado da cidade, Praeneste, que foi uma ação ilegal segundo o costume. Outro Cônsul chicoteou publicamente um magistrado principal de outra cidade [...] Outro bom exemplo de mão pesada de Roma foi a sua supressão do culto popular dos bacanais, que homenageavam o deus Dionísio. No final, porém, a principal razão para a eclosão da Guerra Social foi o confronto entre Roma e os itálicos centrais e do Sul em 90 a.C., foi a questão da cidadania, que Roma tinha firmemente se recusado a conceder aos *socii*. Inicialmente, os aliados líderes sociais e políticos se opuseram à concessão de cidadania a seu povo, temendo que isso pudesse aumentar o êxodo de suas população não nobre para Roma” (SANTOSUOSSO, 2001,p.30-34). Os líderes dos *socii* mudaram de opinião quando fazer parte do Império Romano passou a ser mais compensatório do que ser livre em relação a Roma, no entanto perceberam também que só iriam conseguir o que desejavam a força, a guerra tinha se tornado sua única alternativa quando se tratava de conseguir compartilhar o poder político exercido pelos romanos. A guerra estourou em 91 a.C. e nem todas as cidades aliadas insurgiram contra os romanos, “incluindo o latinos, etruscos e úmbrios; nem mesmo entre os mais ferozes inimigos dos romanos como os samnitas, partilhavam da opinião de seus líderes. Por exemplo, na cidade de Hirpini Aeclanum (o Hirpini foram um dos grupos formidáveis entre os samnitas), um cidadão de liderança, Minatius Magius, manteve-se do lado romano. Outros, como os cidadãos de Nápoles e Heraclea, apegados as suas raízes gregas, preferiu manter os seu antigo status de independência ao invés de aproveitar a cidadania romana. A guerra continuou até os romanos, finalmente, concluírem que estavam errados, e em 88 a.C. Roma estendeu a cidadania a maioria das pessoas do sul da península italiana .A partir de então, não havia distinção entre um romano e um soldado aliado. A longo prazo, isto foi benéfico para a força do exército, mas a curto prazo, acrescentou à confusão e à guerra fratricida entre os exércitos de Marius e os de Sila” (SANTOSUOSSO, 2001,p.34).

mantinham sua nomenclatura e identidades institucionais ao largo de toda sua existência. Para os legionários profissionais, ao contrário dos legionários milicianos, a guerra era uma carreira e não uma interrupção da vida cotidiana, isso fez com que os legionários profissionais pudessem adquirir uma lealdade institucional muito forte (GOLDSWORTHY, 2007, p.46-47). O exército romano havia ganhado muito em eficiência com esta mudança, pois não só aumentou seu número, mas também sua eficiência, tanto em aspectos tático-estratégicos quanto em aspectos de material humano.

A alienação da propriedade com relação ao recrutamento fez com que as armas e armaduras dos legionários se padronizassem; a partir de então era o Estado romano que forneceria aos homens todo seu equipamento. A cavalaria e a infantaria ligeira se desvaneceram, visto que todos os legionários passaram a ser infantaria pesada armados com *pilum* e gládio. As centúrias passaram de 60 para 80 homens e o manípulo foi substituído pela coorte. A coorte era composta por seis centúrias, perfazendo um total de 480 homens. Dez coortes formavam uma Legião profissional, essas se dispunham em três linhas com espaçamentos variantes entre si de acordo com a estratégia a ser aplicada. As duas primeiras linhas possuíam 3 coortes, cada uma enquanto a terceira linha contava com 4 coortes. Esta formação, em *triple axes*, era muito superior taticamente à formação adotada anteriormente pela milícia, além é claro do aumento de eficiência em comando, garantido pela diminuição dos antigos 30 líderes de manípulo para os 10 líderes de coorte (CAGNIART, 2007, p.86). A profissionalização ainda garantiu um vertiginoso avanço técnico em questões de engenharia de cerco e fortificações em geral, pois estes conhecimentos passaram a ser compartilhados dentro das próprias Legiões, que por sua vez usufruíam de sua permanente formação. As Legiões milicianas perdiam esses conhecimentos técnicos práticos sempre que se desfaziam após o fim das campanhas (GOLDSWORTHY, 2007, p.48).

No entanto, até que cheguem ao período no qual Frontino e Polieno escreveram suas coleções de estratégias, a Legião romana passou por mais uma mudança, que ficou conhecida como a Reforma de Augusto. Sobre esta reforma, Nigel Pollard afirma:

“Ao ganhar o controle exclusivo do mundo romano em 31 aC, Otaviano enfrentou uma série de problemas. Estes incluíram a necessidade de desmobilizar os exércitos cheios de guerras civis sem causar agitação excessiva, a necessidade de centrar a lealdade das forças remanescentes sobre o estado (ou melhor, em si mesmo, como líder do estado), e para evitar outros indivíduos ambiciosos de conquistar a lealdade dos soldados, como ele mesmo tinha feito em sua ascensão ao poder. Otávio chegou ao poder da mesma forma como potentes republicanos (Marius, Sulla, Pompeu e César) que o precederam - a saber, assegurando o apoio das tropas que eram leais a ele e não a república ou a qualquer outro general - e pelo sucesso na batalha, derrotar a frota de Antonio em Actium. Escritores antigos e modernos têm expressado dúvidas sobre a bravura e capacidade militar pessoal Otaviano (Suet, *Aug.* 16.), mas seu gênio não estava em ganhar batalhas, mas na reforma do exército romano, de uma forma que garantiu que ele não fosse substituído da mesma forma que ele chegou ao poder (para um exame geral útil Keppie ver 1984: 145-71). Augusto reduziu o tamanho dos exércitos inchados pela guerra civil, profissionalizou os restantes os revigorando e centrou a sua lealdade ao imperador [...] As reformas de Augusto também forneceram ao Império Romano uma força permanente efetiva para guarnecer um enorme império. A essência dessas reformas suportou fornecer o quadro estrutural do exército até os finais do século III dC. (POLLARD, 2006, p.207).”

Essa diminuição do número de homens proporcionou uma concentração da capacidade logística, tanto em questões de abastecimento quanto em questões de comando e manutenção da lealdade. Estima-se que no final da guerra entre Antonino e Otaviano havia 60 legiões formando um contingente de aproximadamente 300,000, um número de homens que tornava muito difícil a administração da lealdade e que era mal visto pela aristocracia romana. Segundo Kate Gilliver:

“os romanos viram a existência de grandes exércitos leais aos generais individuais ao invés de ao Estado como um fator que contribui determinadamente para o conflito civil na república tardia, pois eles também foram evidências claras de crise política (Dion Cássio 52,27)” (GILLIVER, 2007, p.184).

Augusto teve então de lidar com a destinação de milhares de veteranos, tomando o devido cuidado para evitar revoltas e insatisfações que o atrapalhassem a manter o controle e a lealdade dos homens que pretendia manter em serviço. Segundo dados de Pollard, Augusto gastou 150 milhões de denários em terras itálicas e 260 milhões em terras em províncias para promover o assentamento desta massa de veteranos (POLLARD, 2006, p.207). Ao final do processo Augusto havia conseguido baixar o número de Legiões para 28 (GOLDSWORTHY, 2007, p.50).

Em 5 a.C., o tempo de serviço dos homens no exército foi mudado de 16 anos para legionários e 12 para pretorianos, respectivamente, para 20 e 16 anos, mas há de se notar que tornou-se comum legionários servirem por 25-26 anos, quanto mais a profissionalização do exército foi tornando o serviço militar uma carreira sólida a ser seguida dentro do Império. Para Pollard, umas das maiores contribuições de Augusto para o exército romano foi, a partir da profissionalização, transformar as legiões em um exército composto por voluntários e não mais por conscritos. Da reforma de Augusto em diante, homens foram convocados à força apenas em situações de calamidade, como, por exemplo, na derrota de Varrão em 9 a.C. na qual duas legiões foram exterminadas. Foi a consolidação da separação clara entre o civil e o militar, iniciada na reforma de Caio Mário. O exército se tornou paulatinamente uma carreira profissional a ser seguida e não mais um serviço que se prestava à pátria de tempos em tempos.

“No entanto, esse processo foi claramente um processo gradual que continuou pelo menos até o período Júlio-Claudiano. Augusto também regularizou o estatuto, serviço e implantação da marinha romana, com o

estabelecimento de grandes bases de Misenum e Ravenna (Suet. Aug. 49, Tac. Ann. 4.5).” (POLLARD, 2006, p.207).

Para Gilliver:

“A potencial recompensa pela dissolução (de uma Legião) foi um dos principais fatores que incentivou a lealdade dos soldados aos seus generais, em vez de ao romano Estado, e contribuiu para as guerras civis que terminaram a república. Através do estabelecimento fixo recompensas que estavam disponíveis apenas após a conclusão do comprimento mínimo estabelecido de serviço, Augusto foi capaz de romper a dependência financeira entre soldados e generais e alguns dos laços de lealdade” (GILLIVER, 2007, p.185).

Percebemos neste fato mais uma mudança crucial provocada pela reforma de Augusto, que foi caracterizada por ser muito mais uma reforma administrativa do que tática, ou seja, não houve mudança na forma como o exército se dispunha em campo de batalha e nem mesmo nas unidades que o compunham, permanecendo assim a disposição da reforma de Caio Mario. Porém, foram feitas mudanças administrativas que possibilitaram maior controle estatal sobre as tropas, a saber a diminuição da quantidade de tropas e a conseqüente diminuição nos gastos públicos com o exército e, a tão importante quanto, questão da administração da lealdade das tropas.

A única adição significativa na forma do exército em questões de unidades foi a institucionalização das *auxiliae*. Com o fim das *alae*, depois da Guerra Social, os generais romanos tiveram de encontrar o complemento necessário para suas tropas em aliados e mercenários vindos de povos vizinhos, ou seja, infantaria leve e cavalaria. Augusto institucionalizou estes aliados sob o nome de *auxilia* (tropas auxiliares).

De acordo com Goldsworthy, havia três tipos de unidades auxiliares: infantaria, cavalaria e unidades mistas (GOLDSWORTHY, 2007, p.56). A infantaria auxiliar era composta, geralmente, por unidades com capacidades diferenciadas das Legiões em si,

como por exemplo, quaisquer tropas que possuíssem poder de fogo com alcance superior ao do *pilum*. Estas capacidades justificavam seu alistamento Raramente um contingente de *auxilia* seria uma tropa de infantaria pesada, pois nesse aspecto, a Legião não possuía nenhuma carência (GILLIVER, 2007, p.193). As *auxiliae* de infantaria eram organizadas também em coortes, quinquagenárias ou miliares. As *auxiliae* compostas por cavaleiros eram chamadas de *alae*, em virtude da manutenção da tradição tão cara aos romanos, e estavam formadas por 512 cavaleiros divididos em 16 tropas de 32 homens cada (GOLDSWORTHY, 2007, p.57-58).

Assim, as duas principais vulnerabilidades deixadas pela reforma de Mario foram supridas pela de Augusto. Vertiginosas derrotas romanas, como a de Crasso para os Partos em Carhae no ano 53 a.C., por exemplo, podem ser explicadas, em parte, pela ausência de tropas auxiliares que pudessem responder com o disparo de projéteis de alcance maior que o do arremesso do *pilum*. A institucionalização das *auxiliae* fazia com que Legiões não pudessem mais, pelo menos em tese, sair em campanha sem o apoio dessas unidades que se mostraram fundamentais. Antes desta reforma os contingentes de aliados eram opção do comandante.

Durante o Principado, uma legião romana tinha entre 5 mil e 6 mil homens, sendo todos estes soldados de infantaria pesada. Tende-se a crer que a estrutura e número das legiões não mudou muito do início do Principado até a metade do século III d.C., mas um exame minucioso comparando o relato de Tácito em 23 a.C. e o de Dion Cássio em meados do terceiro século nos mostra que algumas coisas mudaram com o tempo (POLLARD, 2006, p.209). Devemos manter sempre em mente que o desejo romano por manter as tradições muitas vezes não conseguiu suplantar as necessidades de mudança, tantas vezes inexoráveis, ainda mais se tratando de assuntos militares. Houve o aumento do número de legiões graças à expansão territorial do Império, o que gerou naturalmente

a necessidade de mais tropas para guardar os territórios recém conquistados, além de combater as diversas sublevações que ocorreram em territórios que já pareciam estar com suas conquistas consolidadas. Diversos casos como este aconteceram no governo de Marco Aurélio e são constantemente citados nas introduções de Polieno²².

Quanto ao aumento do número de legiões no período do Principado, podemos listar duas novas legiões criadas por Marco Aurélio, a II e III *Itálica*, formadas para servir nos Bálcãs, já que as províncias lá localizadas foram constantemente pressionadas durante o século II d.C.. Porém, o maior aumento no número de legiões deu-se com Septímio Severo, que criou três novas legiões com o nome de *Parthica* para guarnecerem a nova província da Mesopotâmia. No entanto, somente duas dessas legiões foram utilizadas com este propósito ficando uma delas estacionada na península itálica. Desta forma Pollard conclui o seguinte (demonstrado em tabela) para o número total de legiões durante o Principado:

²² “Os ofereço, sacratíssimos imperadores Antonino e Vero, este sexto livro dos *Estratagemas*, com o desejo de escrever também as muitos e belos estratagemas de seu valor e de vossas vitórias nas guerras. Pois quanto sois melhores que os generais de antemão em poder e fortuna, tanto, em efeito, vantajais a todos em experiência e arte, com as que haveis levado já a término muitas guerras contra muitos bárbaros, bem planejadas em companhia de vosso pai, dado que os mauritanos foram submetidos, os britânicos o estão sendo e os getas caíram. Eia pois, indo contra os persas e os partos, mostraram a sua arte, com a ajuda dos deuses, [...]” (POLIENO. *Strategica*, Livro VI, Introdução).

Tabela 1.1 A distribuição das Legiões no Principado (POLLARD, 2006, p.210).

| Província/Região | Tácito. Anais 4.5 (23 d.C.) | Dión Cássio. 55.23-4 (Severiano)* | ILS 2888 (Antoninos e pós-severianos)** |
|-------------------------|--------------------------------|--------------------------------------|--|
| Reno/Germânia | 8 | 4 | 4 |
| Britânia | N*** | 3 | 3 |
| Spania | 3 | 1 | 1 |
| Africa/Numídia | 2 | 1 | 1 |
| Egito | 2 | 1 | 1 |
| Arábia | N | 1 | 1 |
| Judéia | (com a Síria) | 2 | 2 |
| Síria | 4 | 3 | 3 |
| Mesopotâmia | N | N | 2 |
| Capadócia | N | 2 | 2 |
| Dácia | N | 2 | 1 |
| Panônia | 2 | 4 | 4 |
| Moesia | 2 | 4 | 5 |
| Dalmácia/Ilírico | 2 | 0 | 0 |
| Noricum | 0 | 1 | 1 |
| Raetia | 0 | 1 | 1 |
| Itália | 0 | 0 | 1 |
| Total de Legiões | 25 | 30 | 33 |

*Dio 55,23-4 reflete a situação antes da criação por Septímio Severo das três legiões *Parthicae*, implantadas em sua nova província da Mesopotâmia (2) e Itália (1).

**ILS 2288 (CIL VI.3492) é uma inscrição na base da coluna erguida em Roma na qual originalmente estão inscritos os locais das legiões no governo de Marco Aurélio, com as três novas legiões severianas acrescentadas posteriormente.

***"N" indica que esta província não era parte do Império (ou era um reino-cliente) durante esse período.

Tivemos até aqui, em linhas gerais, uma pequena história e caracterização do exército romano para compreendermos a forma como este se apresentava nos tempos em que Frontino e Polieno escreveram suas coleções de estratagemas. Agora que já conhecemos um pouco melhor a forma da Legião romana, vejamos em que guerras ela lutou enquanto nossos autores em questão trabalhavam em suas obras. Nossa opção é por apresentar uma contextualização essencialmente militar, pois se trata de uma pesquisa nesta área. No entanto, sabemos que aspectos como política, religião e economia não se dissociavam no mundo Antigo. Portanto, temos consciência de que esse recorte é feito por motivações didáticas e de extensão da pesquisa em si.

2.2 LEITURAS DE CAMPANHA: GUERRAS TRAVADAS PELOS ROMANOS NOS TEMPOS DE FRONTINO E POLIENO.

O recorte histórico das quatro guerras que vamos apresentar foi determinado pelo tempo de vida dos autores de *Stratagemata* e *Strategica*. Frontino nasceu em 35 d.C. e veio a falecer em 104 d.C., assim sendo ele viu, ou pelo menos foi contemporâneo, das legiões comandadas por Córbulos na Armênia em 57 d.C. (sendo este citado pelo próprio Frontino), e da campanha de Vespasiano em Jerusalém, no ano de 70 d.C.. Polieno nasceu por volta de 100 d.C. e a data de sua morte é desconhecida, porém *Strategica* foi escrita entre 161 e 163 d.C., o que nos permite afirmar que Polieno foi contemporâneo à guerra contra os partos, empenhada por Marco Aurélio e Lúcio Vero, pois ele mesmo cita esta campanha em seus escritos (POLIENO, *Strategica*, Livro I, Introdução). Assim, nossa contextualização girou em torno de um recorte que levou em conta a vida dos dois autores que tem suas obras pesquisadas e o tema do qual seus escritos falam, ou seja, os assuntos militares.

2.2.1 CÓRBULO E AS LEGIÕES ROMANAS NA ARMÊNIA EM 57 d.C.

Gneio Domício Córbulos era membro de família poderosa. seu pai havia sido cônsul em 39 d.C. e sua meia-irmã, Milona Cesênia foi a última esposa de Calígula. Era descrito como homem grande e viril, com características não só de comandante, mas de soldado também. Em 47 d.C., foi nomeado pelo Imperador Cláudio como seu legado na província da Germânia Inferior, onde resolveu os problemas relacionados a incursões de saqueadores dos povos caucos e resolveu o problema de tropas desmotivadas e/ou indisciplinadas. O que ocorreu é que, para a invasão da Britânia em 43 d.C., grande parte

do exército estacionado nas duas Germânias foi destacado para esta operação, o que somava três legiões e muitos auxiliares. Isso fez com que os melhores soldados e os oficiais mais obstinados fossem deslocados para este esforço, ficando estacionados na Germânia Inferior somente os auxiliares considerados como piores (GOLDSWORTHY, 2009, p.338). Córbulo teve então de re-disciplinar os soldados que ficaram disponíveis para ele e o método utilizado lhe rendeu a citação de Frontino: “Domício Córbulo dizia que a arma com a qual ele vencia o inimigo era a picareta” (FRONTINO, *Stratagemata*, Livro IV, 7.2).

Segundo Goldsworthy, Córbulo empregava constantemente os soldados fora de campanha em diversos serviços públicos, como abertura de canais e construção de fortes, o que mantinha os homens em forma e afastados de motins e atitudes consideradas pelos romanos como displicentes, assim, o comandante mantinha a sua autoridade disciplinando os soldados pelo trabalho (GOLDSWORTHY, 2009, p.340-341). Daí Córbulo dizer que a arma com a qual ele vencia o inimigo era a picareta, ou seja, a principal ferramenta de trabalho nas obras realizadas por soldados. Graças à fama que fez ao resolver problemas endêmicos na Germânia Inferior, se utilizando literalmente de restos de tropas, Córbulo foi enviado como comandante para a província que abrangia os territórios da Capadócia e Galácia, onde enfrentou o também endêmico problema da disputa entre Roma e Pártia pela região da Armênia.

Torna-se necessário apresentar uma breve história militar-política do povo parto em suas relações com os romanos, visto que a monarquia pártica se tornou um Império, e este por mais de um século impediu sistematicamente o avanço do *limes* romano.

O reino parto surgiu no oriente, por volta do terceiro século antes de Cristo, em uma parte do reino Selêucida. As tribos nômades que deram origem ao reino situavam-se

inicialmente entre os mares Cáspio e Aral. Por volta de 250 a.C., Arsaces I tornou-se o primeiro rei da Pártia (reinando de 247 a 217 a.C.) ao levar este povo, na época conhecidos como “Parnios”, até a província de Parthava, situada a oeste do mar Cáspio. A iniciativa desta primeira campanha foi tida como tímida e parecia ser apenas mais uma das insurreições contra o decadente reino selêucida. No entanto, os reis arsácidas foram firmes em suas resoluções e o reino selêucida, confrontado a oeste por Roma, e enfrentado ainda outras dificuldades, não conseguiu resistir aos partos (DIGNAS;WINTER, 2007, p.9).

A Pártia se torna então um Império na acepção do termo no reinado de Mítiridates II (124/3-88/7 a.C.) quando seu avanço militar logra êxito na submissão da Mesopotâmia e da Armênia. Essas conquistas foram o início das disputas de força nas relações internacionais entre romanos e partos. Além dos romanos, o Império parto estava rodeado por diversos rivais. A oeste havia as tribos árabes livres do deserto sírio. No norte, para o oeste do Mar Cáspio, além dos povos armênios, iberos e albaneses, que estavam todos, mais ou menos, debaixo do protetorado ou influência pártica, temos os Sármatas bem-organizados e poderosos belicamente, possuindo um exército estruturado de forma muito parecida ao dos partos e especialmente os Alanos que com seus segmentos no Cáucaso do norte sempre tiveram oportunidade para invadir as terras dos partos por um dos dois “portões” Caucasianos (Darial e Derbend). A leste do Cáspio parto, havia os iranianos nômades, tribos conhecidas pelo mundo ocidental geralmente pelo nome de Scitios. Mais além, para a posição oriental, os sucessores dos gregos bactrianos, o reino crescente de Yüen-chin que separava a Pártia do grande Império chinês da dinastia Han e, finalmente, para o sul-leste e sul, as fronteiras da Índia (COOK;CHARLESWORTH, 1969, p.110). Percebemos assim que, apesar de seu maior rival ter sido claramente o Império romano, este esteve longe de ser a única preocupação da realeza pártica.

Das lutas dos partos contra seus inimigos ao norte, ao leste e ao sul relativamente pouco é conhecido. As evidências são mais amplas nas relações do Império Parto com Roma. Estas informações chegam até nós por meio de fontes romanas e representam o ponto de vista romano a respeito dos partos. O Império Parto e o Império Romano se enfrentaram pela primeira vez na disputa pelos despojos da monarquia Selêucida. Desde então a Pártia teve consideráveis embates com o Império Romano; nessas lutas as legiões nem sempre contaram com o favoritismo tático-estratégico com o qual estavam habituados. O fato é que o povo pártico obteve várias vitórias em cima do exército romano, obtendo assim um local privilegiado na galeria de inimigos valorosos do Império Romano.

O Estado Pártico e sua forma de organização são por nos conhecidos pela mediação das obras de Flávio Josefo e Estrabão, além de várias cartas escritas por oradores romanos, dentre eles o próprio Cícero. Este Estado se caracterizou por um governo monárquico, de sucessão geralmente hereditária, que organizava seu espaço físico em *Satrapías*, espécie de províncias, que eram governadas por um *Marzaban*, um homem de confiança do Rei, subordinado a ele, que, sabemos, acumulava funções não só políticas, mas também militares. Nessas *Satrapías*, havia unidades administrativas menores, os grandes latifúndios, onde a maioria da população do Império residia e trabalhava, num sistema servil de pagamentos de tributos pelo uso das terras, sob o domínio dos aristocratas párticos. Estes, por sua vez, gerenciavam e protegiam suas terras e tributavam a *Satrapía* mantendo assim o erário real. Além disso, justamente por ser aristocrática, a nobreza pártica tinha o dever de formar as fileiras do exército imperial, o que geralmente fizeram pessoalmente. Em suma, o poder na Pártia poderia ser descrito, de baixo para cima, da seguinte forma: aristocratas latifundiários governadores de suas

próprias terras, *Marzabans* governadores das *Satrapías* e, finalmente, detendo todo o comando, o rei pártico (COOK;CHARLESWORTH, 1969, p.113).

As cidades de origem grega sob o domínio dos partos mantinham seus próprios sistemas de governo, tendo que prestar contas apenas de caráter tributário à *Satrapía* a qual pertenciam. Essas cidades de origem grega no extremo oriente eram resultados inicialmente da colonização grega e da desagregação do Império Selêucida. É interessante notar que o governo pártico não solicitava os homens de origem helênica para compor as fileiras de seu exército.

O Zoroastrismo²³ era a religião da casa real pártica e a partir do reinado de Vologases I (51 a 77 d.C.) foi oficializada com a edição e comentário do *Avesta*. Os *Magi* formavam a classe sacerdotal pártica, responsáveis pela manutenção dos Templos-do-

²³ O Zoroastrismo foi uma religião fundada por Zarathustra, que nasceu por volta do ano 1000 a.C. e viveu na região do atual Irã. Essa fé foi oficialmente adotada pelos Arsácidas e posteriormente também pelos Sassânidas, sofrendo perseguição drástica por parte do Islamismo a partir do século VII d.C. Não há nenhum relato escrito ligado diretamente a Zarathustra e o nosso conhecimento a respeito desta religião esta pautado em sistematizações posteriores feitas pelos reis persas que se converteram ao Zoroastrismo. Essas fontes escritas no idioma pálvavi são: o *Yasna* que é o livro da liturgia; o *Gathas* que são os hinos atribuídos ao próprio profeta; *Vispered* que possui a descrição dos rituais; o *Yashta* que possui os hinos dirigidos aos *Yazata* e as emanações de *Ahura-Mazda*; o *Vendidad* que contem o relato da criação do universo realizada por *Ahura-Mazda* e o *Khorda Avesta* que é um compêndio de orações breves. O Zoroastrismo prega que só existe uma divindade suprema chamada *Ahura-Mazda*, de maneira que todas as divindades adoradas anteriormente à difusão da religião são emanações ou mesmo servos e mensageiros de *Ahura-Mazda*. Ele é o criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, ao passo que é um ser não criado e eterno (*Yasna* 30.3, 45.2). Os princípios engendrados por *Ahura-Mazda* têm claros desígnios e bases fortes e eternas enquanto o “princípio da destruição” (*Angra Mainyu*) ocorre cegamente, temporariamente e muitas vezes por puro acaso. Assim, o Zoroastrismo se caracteriza como uma religião Dualista, no qual todos os princípios estão em uma antítese entre bem e mal, caos e ordem, *Asha* e *Druj*. Na doutrina Zoroastrista, o *Asha* é o princípio da verdade, diretamente ligado a *Ahura-Mazda*. A partir deste princípio todas as coisas materiais foram criadas e ordenadas, o movimento dos corpos celestes, a subsequência das estações do ano, do dia e da noite, a rotina do homem do campo, são todas consequências do ordenamento deste princípio da verdade; ao passo que o *Druj* é o princípio do caos, avesso a todas as coisas boas e ordeiras criadas por *Ahura-Mazda*. Violar a ordem era violar a natureza que redundava em uma violação ao criador. Apesar deste dualismo, *Ahura-Mazda* é caracterizado como tendo criado apenas as coisas boas (*Yasna* 31.4), tendo o mal uma origem confusa e não muito clara na doutrina zoroastrista. O Zoroastrismo possui também uma forte escatologia, ou seja, uma doutrina das últimas coisas. Segundo o ensinamento atribuído ao próprio Zarathustra, após cerca de 3000 anos, contados a partir de seu nascimento, *Ahura-Mazda* julgará todos os seres segundo suas ações, sendo os que conservaram seus caminhos segundo os princípios do *Asha* recompensados e os que seguiram caminhos pautados pelo *Druj* castigados. O Zoroastrismo possui também um extenso e complexo sistema de classificação de seres espirituais, sendo os *Yazata* e os *Hamkars*, mensageiros e agentes de *Ahura-Mazda*, em oposição aos *Daevas*, praticantes do caos e promovedores de atos malignos. O Zoroastrismo influenciou varias religiões dentre elas o Judaísmo, principalmente no que diz respeito a sua angeologia e demonologia (CHAMPLIN, 1991, p. 724).

fogo, grandes *Zigurates*²⁴ que possuíam em seu topo uma fogueira que deveria ser mantida acesa indefinidamente. Não é possível fazer afirmações contundentes sobre as crenças da maioria da população do Império Pártico, mas acredita-se que pelo tamanho e força da classe sacerdotal, indicado pelos resquícios da cultura material, grande parte dos indivíduos prestava cultos a *Ahura-Mazda* (DIGNAS; WINTER, 2007, p.210-213).

Em questões militares, o exército pártico possuía uma configuração baseada quase que exclusivamente no uso intensivo da cavalaria, seja ela arqueira ou de choque. Exatamente ao contrário dos exércitos clássicos das civilizações do entorno do mediterrâneo, que tiveram seus exércitos baseados no uso massivo da infantaria pesada, que utilizavam cavalaria, quando utilizavam, como uma unidade de apoio à infantaria.

Essa característica, de possuir a grande maioria das tropas em destacamentos de cavalaria, é comum ao exército de vários povos mesopotâmicos, como os Armênios e Sármatas, por exemplo. Segundo Giovanni Brizzi, o exército organizado pela dinastia Arsácida “se baseava quase que exclusivamente na eficiência de suas excelentes forças montadas.” (BRIZZI, 2003, p. 115).

Essas forças montadas eram compostas pela alta aristocracia do reino, seus nobres mais ricos, ou membros da nobreza menor e pela própria família Arsácida. Estes homens que possuíam uma vasta riqueza, proveniente da administração de latifúndios e da taxaço de rotas de comércio, formavam verdadeiros esquadrões de lanceiros encouraçados. Os chamados *hippeîs katáphraktoi*²⁵ lutavam revestidos de pesadas e caras couraças, constituídas de lâminas ou escamas de bronze ou ferro cuidadosamente costuradas num suporte de couro batido. O cavalo, por sua vez, também era revestido

²⁴ Um Zigurate é uma construção piramidal composta por uma grande base quadrada ou retangular na qual se erguem outras menores sucessivamente até que se configure o último andar da estrutura. Esta possui, geralmente, uma escadaria central que permite ao sacerdote subi-la com mais facilidade. Os Zigurates são característicos na cultura material dos povos Mesopotâmicos.

²⁵ Literalmente “Cavaleiros Encouraçados”.

com uma armadura de constituição idêntica a de seu cavaleiro, principalmente em sua cabeça e flancos. Ofensivamente o armamento do *katáphrakta* era composto principalmente por uma longa lança, empunhada com ambas as mãos no momento da carga, vindo secundariamente um sabre pesado, um machado de guerra ou um bastão de ferro, todos estes suspensos aos flancos do cavaleiro. Este equipamento, porém, variava conforme a riqueza do cavaleiro e principalmente pautado na não existência de uma cobrança do Estado Pártico com relação a um equipamento específico, como ocorria, por exemplo, nas cidades-estado gregas. No entanto, os vários relatos (Estrabão, Flávio Josefo e algumas cartas da época de *Carrhae*) nos levam a crer que, no que tange à armadura e à lança, os *hippeis katáphraktoi* eram unânimes, pois deste equipamento dependia sistematicamente sua principal manobra: o ímpeto da cavalaria²⁶.

O peso total do equipamento portado pelo cavaleiro e seu animal aperfeiçoava a força do impacto provocado pela companhia encouraçada, que cavalgava quase que se tocando pelos cotovelos, tamanha era sua coesão. Brizzi dá como certo que os aristocratas Arsácidas montavam quase que exclusivamente os fortes e robustos cavalos naturais da planície de Nissa, na região da Margiana, pois segundo o autor somente estes animais, de compleição física naturalmente melhor, teriam condições de executar tal manobra (BRIZZI, 2002, p. 116). Fontes da época atestam sobre os *hippeis katáphraktoi*: “aliás, se fossem dotados de uma resistência semelhante à força de ímpeto resultariam invencíveis.”²⁷ Porém, a eficiência máxima desse destacamento do exército

²⁶ Manobra ofensiva que consistia em aproveitar-se da força dos cavalos aliado ao peso de todo o equipamento bélico para produzir uma força de choque que literalmente esmagava o inimigo, sobretudo as tropas de infantaria que não dispusessem de grandes lanças (BRIZZI, 2002, p. 116). Uma boa analogia para entender essa manobra é imaginar o efeito que uma bola de boliche causa nos pinos quando é contra eles lançada, a intenção da carga da cavalaria encouraçada pártica era causar esse efeito nas formações de infantaria inimigas.

²⁷ “*certum intolerandi forent, si quanta his est impetus vis, tanta et perseverantia esset.*” (C.f. Plutarco, *Crasso*, 18; Heliodoro, *Aethiopica*, 9, *apud*: BRIZZI, 2003, p. 116).

pártico só era possível em grandes planícies, o que os acabava limitando a seu próprio território.

Estes nobres eram acompanhados e apoiados por uma divisão bem mais numerosa, formada por membros da nobreza menor que dispunham de instrumentos de seu uso cotidiano, o cavalo e o arco, para fazerem a guerra. Estes eram conhecidos como *hippotoxótai*²⁸, os hábeis cavaleiros arqueiros párticos. Estes homens habituados à caça em regiões planas e a montar a cavalo possuíam, além de treino cotidiano de sua pontaria, a tecnologia, provavelmente vinda das estepes, do arco composto. A fabricação desta arma (que até nossos dias tem fabricação semelhantemente manual nas estepes da Mongólia) é o que a torna muito útil. O arco não é composto somente por um pedaço de madeira, mas por vários pedaços que são intercalados com outros diversos materiais resistentes à torção, como lâminas de chifres; no fim é enrolado com tendões de animais e revestido por verniz e laca. Esse arco, muitas vezes menor que os arcos compostos europeus, pode ser esticado à abertura plena de braços. Esta operação quase sempre era executada pelos *hippotoxótai* montados e em movimento. Exímios cavaleiros eram capazes de atacar circulando²⁹ o inimigo e executavam uma técnica mortal que ficou conhecida como “Flecha de Parto”, que consiste em um tiro certeiro nas costas enquanto o inimigo estava em fuga.

A união dessas duas companhias, os *hippeis katáphraktoi* e os *hippotoxótai*, constituía a força bélica do povo parto. Das vitórias que o exército pártico obteve sobre o romano talvez a mais emblemática tenha sido a da Batalha de *Carrhae*, combatida no

²⁸ Literalmente “cavaleiros flecheiros”.

²⁹ O “Círculo Katrabano” é uma tática comum entre os povos das estepes, praticada também pelos Párticos Sármatas, sendo usado até muito posteriormente pelos exércitos de Gengis Khan no século XIII d. C.

início de julho de 53 a.C, na qual o *Marzaban* Surena derrotou vertiginosamente as legiões comandadas por Crasso³⁰ (POLIENO. *Strategica*, Livro VII, 47).

A morte de Crasso nesta batalha configurou-se como fator de extrema importância nos rumos da disputa de poder entre os membros do Triunvirato, pois, a partir de então, dividiram o poder César e Pompeu. Segundo Brizzi, este evento veio a corroborar com um elemento simbólico já bem anterior, que caracterizava a Ásia como um território inóspito e perigoso, que não havia sido completamente dominado nem mesmo por Alexandre, o Grande (BRIZZI, 2003, p.119). Os Partos, então, passaram a figurar como uma das principais preocupações romanas.

Com a consolidação do processo de implantação do Império em 27 a.C., Otavio Augusto assumiu o poder. O novo Imperador Romano solicitou que o então rei da Partia, Phaaratés, devolvesse os estandartes das legiões derrotadas em *Carrhae* e os respectivos prisioneiros capturados. A solicitação foi aceita e cumprida. Então, Augusto, diplomaticamente em retorno à concessão obtida, decidiu dar ordens para que se interrompesse o suporte que Roma dava a uma família pártica dissidente liderada por Tiridates, que tinha pretensões de se insurgir contra Phaaratés e tomar-lhe o trono. Desta maneira, Phaaratés e Augusto iniciaram as relações entre o Império Romano e o Império

³⁰ Nesta batalha, que ganhou este nome por ter sido lutada próximo à cidade de *Carrhae*, Crasso dispunha de uma força de mil e trezentos cavaleiros, cinco mil arqueiros e oito coortes de infantaria, o que perfazia um total de cerca de 40000 homens. Do lado oposto estavam os partos liderados por Surenas, com nove mil cavaleiros arqueiros e mil katraphactas, cerca de 10000 homens. A vertiginosa derrota dos romanos, que deu origem à expressão ‘erro crasso’, ocorreu da seguinte forma: Crasso dispôs suas tropas em uma longa fileira oblíqua de maneira a evitar o poder da famosa carga dos katraphactas partos, no entanto essa longa fileira de infantaria pesada tornou-se altamente vulnerável ao constante ataque das chuvas de flechas párticas. Os cavaleiros, extremamente leves e certos, faziam os ataques e batiam em retirada ficando assim fora do alcance da infantaria romana e também da pequena cavalaria romana, que não os podia perseguir por causa da proteção oferecida pelos katraphactas. Crasso continuou marchando em busca de um ambiente apto para formar suas tropas ao passo que Surenas, que dispunha de centenas de camelos para reabastecer com projéteis seus arqueiros, repetiu a tática anterior até que o exército romano tivesse baixas suficientes para nem conseguir mais formar em campo de batalha. A partir deste momento os katraphactas atacaram, descendo de terrenos elevados, multiplicando vertiginosamente o poder destrutivo de sua carga e assim dando cabo do que restou do exército de Crasso. Na batalha, cerca de 20000 romanos morreram e 10000 foram capturados (BIVAR, 1983, p.45-55).

Pártico durante o Principado Romano. A questão que se seguiu após esse evento está centrada principalmente em dois fatores: questões relativas ao estabelecimento de rotas de comércio e a questão do controle político-militar da região da Armênia.

O estabelecimento de trocas comerciais de produtos orientais entre Roma e Pártia foi uma constante que resistiu inclusive aos inúmeros conflitos armados entre os dois Impérios. As grandes caravanas mercantes párticas conectavam comercialmente o mundo ocidental com os produtos raros e exóticos provenientes de reinos longínquos e quase que desconhecidos pelos romanos. Essa prática de estabelecimento de caravanas trouxe sempre muita riqueza para as regiões mesopotâmicas. Criou-se, então, uma espécie de acordo político-comercial entre partos e romanos que determinava o rio Eufrates como fronteira e a cidade de Palmyra como um “território comercial neutro”, onde as caravanas párticas podiam encontrar os mercadores romanos em um grande bazar para negociarem seus produtos (DIGNAS;WINTER, 2007, p.195). Tibério acabou por oficializar essa prática durante seu governo, apenas como forma de registro do que já ocorria extra-oficialmente. De fato, essas rotas de comércio foram extremamente lucrativas para o Império Pártico, já que as *Satrapías* estabeleceram um sistema de tributação sobre os superfaturados produtos orientais que as caravanas traziam (COOK;CHARLESWORTH, 1969, p.105).

No entanto, apesar de firmado um acordo comercial de fronteiras, uma questão de extrema importância acabou por ficar sempre pendente na relação entre os dois Impérios: o território Armênio. A importância estratégica da Armênia é um consenso militar até os dias atuais. Uma Armênia independente era inaceitável tanto para romanos quanto para partos.

A Armênia em mãos romanas significava para Pártia uma ameaça constante à Mesopotâmia e suas cidades, que estavam crescendo graças às caravanas que por lá passavam. Mais ainda, a Mesopotâmia era a chave para se chegar à Babilônia; perder essa região era equivalente a abrir mão de todas as *Satrapías* párticas ocidentais. Por sua vez, Roma não estava disposta a deixar a Armênia para os partos, pois isso abriria a eles um acesso fácil para o Mar Negro, os permitindo uma supremacia sobre a Albânia e assim o comando de mais uma importante rota comercial com o leste. Essa rota conectava o Império Parto com regiões como a Capadocia, Pontia e Comanagene. Além de tornar possível uma aliança entre os Partos e os Sármatas, que eram os grandes rivais de Roma no nordeste. Assim, a questão da Armênia se configurou como o obstáculo principal a uma paz duradoura entre os dois Impérios e conduziu várias vezes a guerras e conflitos diplomáticos.

Augusto e Tibério tentaram resolver o problema armênio, fazendo da Armênia um estado-província romano sob a condição de ele ser governado por um rei outorgado por Roma. Phraatés aceitou esta solução e devido a este posicionamento acabou arruinando sua reputação na Pártia, já que os principais clãs aristocráticos párticos foram abertamente opostos a esta decisão. Os desdobramentos dessa decisão levaram à eliminação do sucessor de Phraatés, Phraataces, e conseqüentemente, o afastamento da linhagem real dos Arsácidas na Pártia.

O curto reinado de Vonones chamou a atenção dos Partos para o perigo de se tornarem uma província romana. Houve então uma reação da aristocracia Arsácida que deu o trono a Artabanus, devolvendo assim o poder a uma linhagem Arsácida. Uma das características de Artabanus foi sua imediata tomada de decisão a respeito do problema Armênio. Para o então regente parto, a Armênia deveria ser governada por um membro da linhagem Arsácida. Porém, Vonones, o soberano anterior, rival de Artabanus e

possuidor de prestígio entre uma parte da realeza pártica, estava susceptível a um acordo proposto por Roma. Vonones foi então conduzido ao trono da Armênia com a ajuda de Roma, declarando-se como um rei neutro (COOK;CHARLESWORTH, 1969, p. 107).

Obviamente este acordo não foi muito duradouro, pois Vonones tinha o constante apoio da política romana e sua “neutralidade” pendia vertiginosamente para o lado latino da balança. Assim que Artabanus venceu, com superioridade, guerras importantes no leste, sentiu-se fortalecido novamente, renovando a sua reivindicação de que a Armênia fosse regida por um membro ou aliado da casa Arsácida. No entanto, Artabanus viu seus intentos serem retardados uma segunda vez. Tibério havia usado membros de famílias rivais e até mesmo alguns Arsácidas para forçar Artabanus a deixar seus planos de lado. Esta é considerada uma das maiores vitórias diplomáticas de Tibério: a Armênia, território fundamental para a manutenção da integridade do Império, estava nas mãos de Vonones, um príncipe da dinastia submetida a Roma.

Uma solução duradoura para a problemática da Armênia não poderia ser estabelecida em tal base, afinal, no último acordo firmado, o Império pártico saía em profunda desvantagem e a questão da Armênia continuava sem solução. Em 52 d.C., Vologeses I da Pártia aproveitou-se do período de confusão na Armênia, provocado por intrigas palacianas que resultaram no assassinato do então rei, para entronizar seu próprio irmão Tiridates. O Imperador romano Cláudio, já avançado em idade nesta época, não reagiu a essa movimentação da política pártica. No entanto, Nero, seu sucessor, tomou a decisão de confrontar a retomada da Armênia por parte dos partos, enviando para lá Gneio Domício Córbulo.

Assim, depois dessa contextualização, que se faz necessária, pois Marco Aurélio e Lucio Vero (de quem falamos mais adiante) também enfrentaram os Partos, vemos como

se deu a primeira campanha romana de maior impacto a ocorrer no período de vida de Frontino.

Córbulo foi enviado à Arménia com *imperium* procursular e recebeu duas das quatro legiões que estavam estacionadas na Síria. Somou-se a este contingente metade das tropas auxiliares das províncias da Capadócia e da Galácia. Os reinos clientes próximos a esta região também ficaram comprometidos a enviar tropas em auxílio a esta campanha. Inicialmente tinha-se esperança de que fosse encontrada uma solução diplomática. Para o governo de Nero, a questão seria resolvida se Tiridates fosse até Roma e lá recebesse o reino da Armênia diretamente das mãos do Imperador em uma cerimônia formal. Em conformidade com a política do Imperador, Córbulo enviou embaixadores a Vologeses, mas não deixou de preparar suas tropas para o caso das iniciativas diplomáticas não surtirem efeito. Enquanto estas tentativas diplomáticas ocorriam, Córbulo teve de lidar com a má condição em que se encontravam as tropas Sírias. Segundo Adrian Goldsworthy, de fato temos de advertir quanto a um tópico literário comum ao mundo romano: o de que tropas estacionadas no Oriente ou com recrutas orientais logo perdiam sua eficiência, tornavam-se incompetentes para o combate e cheias dos vícios orientais. No entanto, há boas razões para se crer que Córbulo realmente teve um problema com a qualidade das tropas sírias. Não se tratava apenas do “clichê” literário que apresentava o brilhante general que chega ao comando encontrando tropas insubmissas e destreinadas e logo as tem em perfeito estado combativo. Para o autor, há de se considerar que a fama de Córbulo advinda de sua passagem pela Germânia era exatamente esta, como vimos na própria citação de Frontino a respeito deste general, no entanto existem boas evidências para crer que o que ocorreu no trato com as tropas sírias fosse além de um tópico literário (GOLDSWORTHY, 2009, 348-349).

O que ocorreu foi que as tropas sírias passaram por um longo período sendo utilizadas de maneiras diferenciadas da habitual. Destacamentos pequenos de homens faziam um serviço de policiamento, esta situação fazia com que o exército sírio raramente tivesse oportunidade de lutar formado em manípulos. Assim, percebemos que apesar do motivo para a inoperância das tropas sírias não ser os determinismos geográficos comuns aos julgamentos romanos, a deficiência de fato existia e teve de ser enfrentada por Córbulos.

O general escolheu levar as tropas para treinar em um ambiente parecido com o que iriam encontrar nas terras altas da Armênia. Levou-as para as montanhas, onde submetidas a intenso frio e a castigos e punições mais severas do que as habituais, as tropas sírias foram sendo reeducadas para o combate, sempre ao lado de Córbulos, que de acordo com Tácito, apresentava-se:

“levemente vestido e de cabeça descoberta, movia-se constantemente por entre as tropas na coluna de marcha ou acompanhando os seus trabalhos, louvando os esforços e encorajando os fatigados, agindo como um exemplo para todos” (TÁCITO, *Anais*, 13.35).

Com essas atitudes, Córbulos fez com que a *III Gallica* e a *IV Ferrata* ficassem aptas para a provável guerra contra os partos.

Inicialmente parecia que a solução diplomática de Nero daria certo pois Vologeses respondeu aos diplomatas de Córbulos libertando prisioneiros romanos. No entanto, Tiridates, apoiado por seu irmão, se recusou a ir até Roma receber o reino diretamente das mãos de Nero. As tensões voltaram a crescer no ano seguinte. Um Centurião *primus pillus* cedeu às pressões de uma *turmae* que havia chegado há pouco tempo e liderou um ataque inicial mal sucedido às fronteiras armênias. O ataque foi muito mal sucedido, pois subestimou os armênios, que ao contrário do que se pensava, estavam sim bem preparados. Os homens romanos, desbaratados, fugiram de volta para os fortes e espalharam o medo para o grosso das tropas. Segundo Goldsworthy, “uma derrota, ainda

que em escaramuça menor, é o pior começo possível para uma campanha, ainda mais quando se trata de um exército inexperiente” (GOLDSWORTHY, 2009, p.350). Córbulo, para tentar minimizar o máximo possível o dano causado por esta derrota, ordenou que os homens que restaram dessas *turmae* fizessem seu acampamento do lado de fora das fortificações do acampamento principal, o que constituía uma humilhação simbólica e também uma questão estratégica. Ao afastar os derrotados dos demais soldados, talvez Córbulo pretendesse também evitar que o medo do inimigo se espalhasse entre o exército. Fora de contato com as histórias dos sobreviventes, os legionários mantinham a ideia de que seu comandante queria que tivessem acerca do inimigo e não a imagem que os derrotados tinham construído. Mais a frente, no capítulo III, vemos como o ato de manipular a imagem que as tropas têm dos inimigos é algo importante nas visões de Frontino e Polieno.

Frontino compila dois trechos desse episódio de disciplinamento de tropas sírias insubordinadas:

“Quando estava na Arménia, Domício Córbulo ordenou a dois esquadrões e três coortes – que tinham recuado perante o inimigo perto da fortaleza de Inícia – que acampassem fora dos entrincheiramentos, até que, por meio de trabalho diligente e incursões bem sucedidas, pudessem expiar sua culpa” (FRONTINO, Livro IV, 1.21)

“Quando Domício Córbulo estava em campanha na Arménia, um certo Emílio Rufo, prefeito da cavalaria, cedeu perante o inimigo. Ao descobrir que Rufo mantivera um esquadrão inadequadamente equipado com armas, Córbulo disse aos lictores para lhe rasgarem a roupa nas costas, e estipulou que o culpado ficasse junto ao quartel-general naquele estado vergonhoso até ordens ao contrário” (FRONTINO, Livro IV, 1.28)

A utilização dos fatos ocorridos com Córbulo como *exempla* demonstra que os manuais militares não foram construídos apenas com material de um passado muito

distante e glorioso, o que colocaria em risco sua lógica de apresentar exemplos que pudessem ser copiados (esta lógica está melhor explorada no capítulo II). Pelo contrário, temos Córulo figurando entre as figuras dignas de imitação, mesmo ele tendo vivido paralelamente a Frontino.

Resolvidos esses problemas de disciplina, Córulo teve de começar a lutar contra os destacamentos do exército de Tiridates que tentavam dissuadir pela força algumas cidades da fronteira armênia que apoiavam a ideia de que o país fosse um reino cliente de Roma (WIEDEMANN, 2008, p.248). O general romano tinha então um compromisso, mesmo que não oficial, com essas cidades aliadas e não poderia deixar de auxiliá-las em sua luta contra Tiridates. É mais fácil compreender estas cidades aliadas a Roma quando lembramos que Tiridates era um rei pártico e não armênio, provavelmente as aristocracias armênias líderes dessas cidades tencionavam ao menos ter um rei cliente de seu próprio povo. Se Tiridates aceitasse a solução diplomática de Nero, os aristocratas armênios acabariam por ser dominados duas vezes: um rei pártico sob a tutela de um outro Império, a saber o romano. Com esse socorro às cidades aliadas, Córulo esperava também forçar Tiridates a uma batalha campal e decisiva, aos moldes das em que os romanos tinham vantagens óbvias; no entanto, o rei pertencente à família real pártica sabia muito bem da fórmula e abusou do uso da mobilidade de suas tropas de formação praticamente idêntica a dos partos. Essas operações deram-se no ano 56 ou mesmo 57 d.C., não se sabe ao certo. Os romanos contaram nesta época com a ajuda do rei do Comageno que foi instruído por Córulo para realizar incursões de saque fronteira adentro na Armênia. Outro grande ganho diplomático foi a aliança com os moscos, uma tribo que fazia fronteira oriental com a Armênia, o que permitiu que se realizassem ataques a Tiridates por duas frentes completamente distintas (WIEDEMANN, 2008, p.249). Há de se observar que esta tribo não tinha a menor capacidade de conquistar a Armênia ou de

causar maiores danos mesmo às fronteiras, mas com o exército todo concentrado na fronteira ocidental para fazer frente ao romano, os moscos se tornaram uma ameaça real.

A situação ficou complicada para Tiridates quando revoltas internas irromperam na Pártia e Vologeses ficou fora de condições de enviar qualquer ajuda a seu irmão. Com este fato, Tiridates mandou embaixadores perguntando o motivo de estar sendo atacado, ao passo que Córbulos respondeu apenas reforçando as ordens de Nero: que ele fosse a Roma receber seu reinado diretamente das mãos do Imperador. Marcou-se um encontro para que as negociações ocorressem, mas Córbulos não atendeu às exigências de Tiridates e se apresentou no local do acordo com a maioria do seu exército, e não apenas algumas dezenas de legionários desarmados, ao passo que o então rei da Armênia não quis se apresentar ao longo do dia e os dois exércitos voltaram para seus acampamentos para pernoitar. Tiridates destacou uma parte de seu exército e mandou um ataque surpresa às linhas de abastecimento romanas, que passavam por uma cadeia de montanhas e iam até um porto no Mar Negro. Córbulos, por sua vez, estava preparado e tinha constituído uma série de fortins que guardavam as vias de abastecimento. Após este ataque mal sucedido às linhas de abastecimento romanas, Tiridates sofreu outros pesados reveses. Córbulos organizou uma série de ataques, quase que simultâneos a diversas fortalezas armênias. O mais bem documentado foi ao da fortaleza de Volando, este ataque sendo comandado pelo próprio Córbulos. O fogo artilheiro armênio, composto por arqueiros e fundibulários, foi evitado por formações em casco de tartaruga³¹ que ao chegarem às muralhas cavaram suas fundações com pás e picaretas, minando assim sua estrutura. Ao mesmo tempo, escadas romanas eram encostadas às muralhas e em poucas horas Volando havia sido conquistada sem nenhuma baixa mortal para os romanos. O butim foi distribuído entre os

³¹ A formação em “casco de tartaruga”, em latim *testudo*, consistia em que os legionários se dispusessem uns ao lado dos outros, quase que ombro a ombro, mantendo seus escudos acima da cabeça e em contato. Assim, os legionários formavam uma “carapaça protetora”, semelhante a de uma tartaruga, que os permitia se aproximar de muralhas protegidos contra diversos tipos de projéteis (CAMPBELL;HOOK, 2005, p.55).

soldados e mulheres e crianças vendidos como escravos. As outras fortalezas caíram facilmente de igual modo. A fama dessas batalhas correu rapidamente e as cidades próximas renderam-se a Córbulo sem lutar, temendo enfrentarem o mesmo destino dos fortes (GOLDSWORTHY, 2009, p.352-353).

Reunindo-se após as conquistas das fortalezas, o exército romano marchou contra a cidade de Artáxata. Tiridates esperou que Córbulo utilizasse a ponte do rio Araxes, mas este prevendo a emboscada, aliás um tópico padrão em Polieno e Frontino, alonga sua marcha para atravessar o rio em um local vadeável. Tiridates retirou-se, então, para o interior. Quando os habitantes de Artáxata souberam da retirada de seu soberano abriram os portões ao exército romano, que os deixou em liberdade, porém queimou a cidade. T. J. E. Wiedemann acredita que Córbulo não dispunha de exército suficiente para destacar uma guarnição que vigiasse Artáxata e que, portanto, não restou alternativa sensata que não destruir a cidade (WIEDEMANN, 2008, p.250).

Na sequência, Córbulo partiu para a conquista de Tigranocerta, através de um caminho difícil para suas tropas. Os líderes da cidade não sabiam ao certo se deveriam render-se ou resistir aos romanos. Um dos *exempla* de Frontino nos informa acerca de como Córbulo “convenceu” os líderes da cidade a se render:

“Quando Domício Córbulo sitiava Tigranocerta e os Armênios pareciam determinados a resistir obstinadamente, Córbulo executou Vadando, um dos nobres que capturara, e atirou as sua cabeça sobre as fortificações com uma balista. Quis o destino que a cabeça caísse no meio de um conselho que os bárbaros estavam a realizar nesse momento (como se fosse um presságio), e deixou-os tão consternados que eles apressaram a render-se” (FRONTINO, Livro II, 9.5).

A conquista de Tigranocerta resolveu temporariamente os problemas de abastecimento que os romanos vinham enfrentando, pois esta situava-se em uma planície fértil. Após a conquista de uma guarnição chamada Legerda, os romanos de fato não

enfrentaram mais nenhuma oposição realmente significativa executando, sucessivas pequenas vitórias até Tiridates ser amplamente derrotado e bater em retirada para a segurança do palácio de seu irmão na Pártia. O Imperador Nero enviou um príncipe da casa real capadócia, que havia sido mantido refém por muito tempo em Roma e era considerado de confiança por Nero. Por coincidência, ele também se chamava Tiridates. Córbulo finalmente pode se retirar para Síria, provavelmente em 60 d.C., deixando cerca de 1000 legionários, três coortes de infantaria auxiliar e duas alas de cavalaria para auxiliarem Tiridates capadócio (que chamaremos assim simplesmente para evitar a confusão).

Porém, em 61 d.C., Tiridates, irmão de Vologeses, cunhou uma aliança com o senhor de Adiabene, que nesta época era um reino tornado em Satrapía pártica, e assim obteve forças para tentar voltar para o trono armênio. Córbulo respondeu a essa tentativa enviando a *IV Scythica* e a *XII Fulminata* para a Armênia, legiões que foram designadas para proteção das principais fontes de água potável. Foi então que Córbulo escreveu a Nero solicitando um novo legado para supervisionar a guerra na Armênia, pois para um homem só já havia se tornado impossível fazer isto e ainda proteger a Síria (TÁCITO, *Anais*, 15. 1-3).

O líder do destacamento Adiabeno, Moneses, conduziu seu exército contra Tigranocerta, mas encontrou esta bem guardada pelos romanos deixados lá no ano anterior por Córbulo e também bem aprovisionada, graças às planícies férteis onde a cidade se encontrava. Os cavaleiros partos não tinham experiência em guerras de cerco; a própria constituição do exército, formado pela nobreza, impossibilitava cercos longos e ainda somava-se a estes fatores a necessidade de forragem em quantidades imensas já que cada unidade do exército estava montada e portanto tinha de alimentar seus cavalos. Vologeses estava em Nisibis com seu exército, a cerca de 60 quilômetros de

Tigranocerta, mas com o insucesso de Moneses e incentivado pelo envio de um Centurião embaixador, da parte de Córbulo, ordenou que Moneses se retirasse de volta para Pártia. Houve então uma rodada de negociações, mas os partos não cederam a receber direto de Nero seu poder sobre a Armênia e a guerra recomeçou em 62 d.C. (GOLDSWORTHY, 2009, 357-359).

O outro Legado Imperial, que foi solicitado por Córbulo, chegou neste mesmo ano; tratava-se de Cesénio Peto. Este assumiu o comando da *IV Scythica*, *XII Fulminata* e da recém chegada *V Macedonica*. Córbulo manteve consigo o comando das legiões que havia disciplinado e treinado, ou seja, a *III Galica*, *VII Ferrata* e *X Fertensis*. Peto, por sua vez, não submeteu seus homens a nenhum programa de treinamento e avançou de forma temerária sobre a Armênia, onde acabou sendo derrotado em diversas pequenas escaramuças até ter de se render formalmente em Rhandeia, em virtude de montar acampamento mal planejado em local vulnerável e conseqüentemente desprotegido. Córbulo foi obrigado a sair da Síria em socorro de Peto, que após esta série de derrotas foi destituído por Nero de seu cargo. Em seu lugar foi colocado o próprio Córbulo, ao passo que outro homem foi mandado para governar a Síria. Córbulo reuniu as seguintes legiões: *III Galica*, *V Macedonica*, *VI Ferrata* e *XV Apollinaris*, além de todo um contingente de *vexillationes* (destacamentos) das legiões estacionadas no Egito. Tal reunião de forças só vem comprovar o receio romano quanto aos partos, que desde *Carrhae*, nunca foram subestimados. Quando tamanho exército cruzou as fronteiras armênias, Vologases e seu irmão Tiridates não viram outra alternativa a não ser negociar. Tiridates foi recebido por Córbulo entre os dois exércitos formados, lá havia uma estátua de Nero perante a qual ele depositou sua coroa e logo em seguida aceitou ir a Roma aonde deveria recebê-la de novo das mãos do próprio Imperador (GOLDSWORTHY, 2009, p.360-362).

Ao serem convidados para uma festa, Tiridates e sua comitiva foram apresentados pelo próprio Córulo a toda estrutura de organização, rotina e treinamento do exército romano. Para Goldsworthy:

“Tal exibição do poder de Roma foi, e permaneceu, uma das marcas da diplomacia romana por muitos séculos. Na perspectiva dos romanos, estes encontros não eram nunca uma reunião entre iguais, mas antes enfáticas celebrações da supremacia romana” (GOLDSWORTHY, 2009, p.362).

Finalmente os romanos tinham conseguido seu objetivo: estabelecer sua influência oficialmente na Armênia. Córulo, por sua vez, não foi autorizado a estabelecer uma província na Armênia ou mesmo dali invadir a Pártia. O general retornou a Roma, onde fez parte da comitiva de Nero que viajou à Grécia. Lá ele foi convidado a se suicidar acusado de conspiração em 67 d.C. (WIEDEMANN, 2008, p.253).

A fama de Córulo foi imortalizada pelas obras de Tácito e Frontino. Suas vitórias, quando analisadas, demonstram o quanto o papel do general era de fato importante não apenas no que tange ao comando das tropas em batalha, mas em diversas outras áreas, principalmente na política. Ao longo da narrativa, vemos Córulo enviando diplomatas, que na maioria das vezes eram de fato Centuriões, inspirando seus soldados para poder discipliná-los com autoridade e utilizando-se de várias estratégias para evitar batalhas desnecessárias.

Córulo é um exemplo de que as práticas incentivadas por Frontino e Polieno em seus manuais não eram utopias irrealizáveis para os romanos, mas sim um ideário plausível de ser perseguido e levado a cabo pela alta aristocracia romana.

2.2.2 TITO E AS LEGIÕES QUE CERCARAM JERUSALÉM EM 70 d.C.

Vespasiano assumiu o poder imperial depois de um conturbado período em questões de sucessão no governo do Império Romano. Ele foi o quarto homem a se tornar

Princeps em um período de apenas doze meses. Tal condição fez com que Vespasiano tivesse de ter cuidados extras na legitimação de seu poder e uma das formas mais rápidas e garantidas de se conseguir esta legitimação na cultura romana eram as vitórias militares. Assim, a supressão da rebelião na Judéia, que havia ficado sem conclusão graças à guerra civil, deveria ser enfrentada e terminada por Vespasiano. Nas palavras de Goldsworthy, “um novo e ainda inseguro imperador não podia permitir que o seu nome estivesse associado a uma guerra que ainda não tinha resultado em categórica vitória romana” (GOLDSWORTHY, 2009, p.370).

Diante dessas necessidade políticas, Vespasiano designou seu filho mais velho, Tito, que então tinha 29 anos de idade, para ser o general comandante do que foi uma das maiores guerras de cerco registradas no mundo antigo. Os registros e detalhes ficaram a cargo de Flávio Josefo, um historiador judeu que no começo havia tomado parte na rebelião, mas que posteriormente passou para o lado dos romanos. Jerusalém, nesta época, era uma cidade com três lances de muralhas sólidas, que os romanos por cinco meses a fio tiveram que conquistar no que pareceu de fato três guerras de cerco distintas, uma para cada lance de muralha.

A rebelião na Judéia advinha, em grande parte, do choque cultural que existia entre judeus e romanos. O monoteísmo aliado ao forte sentimento identitário gerado pela religião hebraica fazia com que as elites judaicas tivessem dificuldades de se integrarem ao sistema de governo romano de províncias. Na maioria das vezes, era relativamente fácil para os romanos integrarem as elites locais ao seu sistema de administração provincial, porém a própria natureza da cultura judaica fazia com que eles fossem acusados pelos romanos de um crime gravíssimo: o ateísmo (por crerem ser *Yahweh* o único deus existente, os judeus não só apenas não prestavam culto às divindades romanas e ao Imperador, mas também afirmavam sua não existência e sua não divindade

respectivamente) (DAY, 2002, p.229). Apesar de estarem sempre divididos em diversas facções, divisões essas que aconteciam por motivos políticos e religiosos, essas diversas facções se reuniram para enfrentar o inimigo comum romano quando este cercou Jerusalém; os Zelotas sob o comando de João de Gischala e os rebeldes sob o comando de Simão protagonizaram esta aliança contra a invasão romana (GOLDSWORTHY, 2009, p.375).

Tito havia começado sua carreira como comandante relativamente jovem se comparado aos demais e na época do cerco a Jerusalém não era apenas “o filho mas velho do Imperador”, o que para os romanos já seria motivo mais que suficiente para que ele comandasse, mas já havia demonstrado que de fato tinha capacidade em comando quando desempenhou papéis decisivos nas campanhas da Galileia e Judeia, especialmente nos assaltos às cidades de Jafa, Tarquieia e Gishala – tendo sido esta última uma vitória sem batalhas, como as mais louvadas e exortadas por Frontino e principalmente Polieno em seus escritos.

Para cumprir sua missão de reprimir a rebelião e conquistar Jerusalém, Tito contou com uma formidável força militar, jamais reunida antes por seu pai. Foram convocadas quatro legiões: *V Macedonia*, *X Fretensis*, *XII Fulminata* e a *XV Apollinaris*. Além destas legiões foram enviados a Jerusalém destacamentos de mais duas legiões (*III Cyrenaica* e *XXII Deiotariana* do Egito e da Síria respectivamente) perfazendo um total de mais ou menos 2000 homens. Juntaram-se ainda à força tarefa oito alas de cavalaria auxiliar e vinte coortes de infantaria, enviados por reinos aliados próximos. Somando todo o contingente sob comando do general Tito, calcula-se entre 30000 e 40000 combatentes (JOSEFO, *Guerra Judaica*, 5.40-46) (TÁCITO, *Histórias*, 5.1). No entanto, de maneira alguma essa força poderia ser considerada um exagero; Jerusalém era

fortemente protegida, contando com muito mais que torres, fortes e três muralhas, mas também com a proteção natural de seu terreno elevado.

A campanha começou em março de 70 d.C., com o próprio Tito fazendo a inspeção da cidade de Jerusalém, acompanhado dos *singulares*, nome dado à escolta do general. Após reunidas as informações necessárias, as legiões começaram a montar seus acampamentos ao redor de Jerusalém, não sem enfrentar dificuldades. A *X Fretensis*, que teve de montar seu acampamento no Monte das Oliveiras, enfrentou uma surtida³² de rebeldes que os pegaram de surpresa e se não fosse o movimento de Tito e seus 600 *singulares* teriam sido desbaratados antes mesmo do cerco se iniciar efetivamente (JOSEFO, *Guerra Judaica*, 5.86-7). Este episódio pode ter servido de alerta aos romanos quanto ao fato de que os habitantes de Jerusalém estavam realmente dispostos a defender sua cidade. Para evitar este tipo de ataque, Tito resolveu concentrar todo o exército em apenas dois acampamentos e conjuntamente a isso aproximar estes dois acampamentos da própria Jerusalém, a cerca de apenas 500 metros das muralhas. Somente a *V Macedonia* havia ficado separada destes dois acampamentos, pois na visão de Tito, esta precisava ficar mais ao sul, em frente à torre de Hípico, uma das três grandes torres de defesa erguidas por Herodes em Jerusalém (JOSEFO, *Guerra Judaica*, 5.98-135). O general teve de abdicar de uma posição mais elevada, aonde suas tropas estavam acampadas inicialmente, em virtude de uma situação nova que estava se apresentando, no caso, as constantes escaramuças promovidas por rebeldes que saíam da cidade. É desta mobilidade de situações na guerra que os manuais militares tratam. Em situação hipotética, era completamente desaconselhável a um general abandonar uma colina para acampar a apenas 500 metros das muralhas, no entanto, Tito percebeu que era isto ou o ataque constante dos judeus.

³² Denomina-se Surtida a saída de um grupo de sitiados, contra os sitiadores. A palavra aparece também para designar uma investida repentina contra o inimigo.

Logo em seguida começaram os trabalhos de cerco. As muralhas de Jerusalém eram muito poderosas para serem derrubadas por artilharia, isso significa que tiros de balistas não surtiam efeitos contra elas. A única forma de abrir uma brecha nas muralhas era utilizar-se de aríetes. Assim, o general ordenou que as balistas e os escorpiões³³ ficassem encarregados de responder à artilharia rebelde, que tentava impedir os trabalhos de cerco, dando aos engenheiros e trabalhadores cobertura para executarem suas funções. O próprio Tito teve de liderar constantemente cargas de cavalaria que impedissem os rebeldes de alcançar o local dos trabalhos. Estes trabalhos consistiam na construção de uma rampa que permitisse o aríete de chegar até as muralhas (JOSEFO, *Guerra Judaica*, 5.275-283). Como comentamos anteriormente, Jerusalém era extremamente bem posicionada, sendo necessário subir colinas e em alguns pontos até mesmo barrancos para alcançar suas muralhas. Três torres de assédio³⁴ foram dispostas pelos romanos na retaguarda de cada um dos três aríetes e tinham a função de elevar os escorpiões e arqueiros romanos a um nível em que conseguissem repelir os combatentes que lutavam do parapeito. Apesar de todo o esforço e experiência romana neste tipo de guerra, a

³³ “[...] essas máquinas assinalam a introdução na arte da guerra das primeiras armas com um poder destrutivo maior do que o atingível pela simples força humana. Os efeitos imediatos disto foram de dois tipos. Por um lado, os exércitos greco-romanos adiantaram-se em relação aos seus adversários, já que eram praticamente os únicos a conseguir fabricar tais máquinas. Por outro lado verificou-se que nenhum equipamento defensivo pessoal (escudo, capacete, loriga) estava em condições de resistir a um projétil arremessado por este tipo de armas de guerra (FEUGÈRE, apud: MONTEIRO, 2009, p. 471) As balistas eram construídas da seguinte forma “a armação de madeira, segurada por ferro, suportava um conjunto frontal munido de um par de rolos, dispostos verticalmente para acionar os braços gêmeos. A corda era puxada para trás por um guincho dentado e presa num mecanismo de gatilho; o dardo ou tiro era colocado num sulco e arremessado através de um orifício situado na parte da frente. Toda a armação rodava no seu suporte, para permitir fazer pontaria rapidamente. As balistas pequenas podiam atirar dardos ou disparar para uso anti-pessoal no campo de batalha; as peças maiores serviam na guerra de cerco”. As balistas menores, que eram operadas por apenas um ou dois legionários, eram chamadas *scorpii*, pois, seu tiro era mortal como a picada de um escorpião e as balistas maiores, operadas por cerca de onze legionários e movidas em carros puxados por duas mulas, eram chamadas de *carrobalistae*, o princípio ativo das duas armas era o mesmo variando apenas em seu tamanho (ZIENKIENWICZ, apud: MONTEIRO, 2009, p. 473).

³⁴ Um torre de assédio era uma torre de madeira com número de andares variando de acordo com o tamanho da muralha a ser alcançada. Ela era colocada sobre quatro rodas que permitiam que ela avançasse rumo à muralha. Sua parte frontal era revestida com couro batido e outros matérias resistentes a flechas. Seu topo possuía uma pequena ponte retrátil que permita aos soldados chegarem até a muralha sem que precisasse haver um contato total da torre com esta. Os andares poderiam ter aberturas de onde se utilizava artilharia. Os romanos chegaram a utilizar *scorpii* de cima de torres de assédio. Eram necessários centenas de homens para mover uma torre de assédio (CAMPBELL; HOOK, 2005, p.35).

terceira muralha de Jerusalém demorou dias para ruir e como era de conhecimento geral dos legionários que ainda havia outras duas muralhas, Tito teve de se desdobrar para manter o ânimo de seus comandados. Após 15 dias de cerco, a terceira muralha finalmente ruiu e os sitiados rapidamente abandonaram a posição, se retirando para dentro da segunda muralha, em virtude das tropas de assalto romanas que escalaram a brecha e tomaram a posição. Tito ordenou que grande parte da muralha e todas as construções que oferecessem possibilidade de resistência fossem demolidas e então se iniciou uma espécie de novo cerco, desta vez à segunda muralha (JOSEFO, *Guerra Judaica*, 5.284-303).

Os romanos não tiveram tanta dificuldade para abrir uma brecha na segunda muralha quanto tiveram na terceira. No entanto enfrentaram uma outra dificuldade, que segundo Goldsworthy, deveu-se a um erro de Tito, mal justificado por Flávio Josefo. Ao abrir a brecha na segunda muralha, Tito avançou com seus *singulares* e cerca de mil legionários sem antes alargar a brecha. Segundo Josefo, Tito estaria tentando preservar a cidade e ao mesmo tempo oferecer uma chance de rendição aos sitiados, porém a Goldsworthy esta explicação pare “inverossímil” (GOLDSWORTHY, 2009, p.387). Este movimento precipitado custou a Tito um considerável revés. Os rebeldes, habitantes da cidade, conheciam melhor o terreno em que lutavam e foram auxiliados pela pequena brecha, que ao não ser alargada permitia a passagem do exército romano apenas em uma pequena coluna. Tito teve de fazer uma retirada na qual houve demasiadas baixas e sua própria vida foi posta em risco. Josefo nos conta que o próprio general teve de se juntar aos arqueiros desmontados que davam cobertura aos legionários que batiam em retirada. Esse movimento deu aos sitiados três dias de retomada da segunda muralha, porém no quarto dia um segundo assalto romano teve êxito (JOSEFO, *Guerra Judaica*, 5.304-341).

Desta vez Tito ordenou que a brecha na segunda muralha fosse alargada e que mais uma vez todas as construções que pudessem ser defendidas pelos sitiados fossem demolidas.

Após esse passo em falso, Tito demonstrou inteligência e aptidão para o comando. Determinou que os trabalhos de cerco parassem após o alargamento da segunda brecha e separou alguns dias para a cerimônia de pagamento dos legionários. Esta cerimônia, segundo Goldsworthy:

“Resultaria em cena de grande esplendor com as fileiras cerradas, com os seus escudos pintados de cores berrantes, em parada, pela primeira vez desprovidos das proteções de couro que os cobriam, bem à vista da cidade. Para os próprios romanos era um memorial do seu orgulho, neles próprios e nas suas unidades, e das recompensas tangíveis do serviço militar. Para os rebeldes, constituía uma exibição de força e do poder esmagador do exército romano” (GOLDSWORTHY, 2009, p.388).

Com este movimento Tito não apenas recobrou o ânimo de suas tropas como também intimidou os judeus sitiados. Este tipo de prática foi amplamente incentivada em ambos manuais militares objetos de estudo nesta dissertação. Este caso demonstra, mais uma vez, que as práticas incentivadas pelos manuais, apesar de virem em forma de *exempla* de um passado por tantas vezes distante, não eram de forma nenhuma ultrapassadas, irrealizáveis ou mesmo utópicas, mas consistiam em ações que poderiam sim ser postas em prática.

Observando do presente, sabemos o quanto esta injeção de ânimo foi necessária para as legiões, pois a parte mais dura do cerco ainda os aguardava: a fortaleza Antônia e o Grande Templo. As legiões tiveram de trabalhar em rampas de madeira para alcançar a fortaleza, num trabalho que levou cerca de 17 dias e consumiu os bosques da circunvizinhança, pois cada uma das 4 rampas construídas tinha cerca de 13 metros de comprimento. Durante todo este tempo, os trabalhadores das divisões de cerco atuaram protegidos por divisões armadas graças às constantes surtidas dos sitiados. Quando as rampas estavam prontas pra que os aríetes subissem, um tremendo revés se acometeu

sobre os romanos. João de Gischala havia ordenado a construção de túneis, que partiram da própria torre da fortaleza e se estenderam por debaixo das rampas romanas. Os túneis, sustentados por colunas de madeira, foram besuntados com betume e cheios de matérias inflamáveis, quando os romanos estavam subindo com suas máquinas de cerco os sitiados atearam fogo aos túneis que ao desabar destruíram todo o trabalho dos romanos juntamente com suas respectivas máquinas de cerco. Os judeus ainda tentaram atacar um dos acampamentos romanos, mas suas surtidas eram muito ineficientes contra a carga das alas de cavalaria romanas. Apesar de muitos homens perdidos para o contra-ataque das *alae*, o sucesso desta operação de João de Gischala era inegável (JOSEFO, *Guerra Judaica*, 5.356-380, 460-490).

Depois deste pesado revés, as tropas precisavam de certo descanso e de uma nova motivação. Tito, depois de ouvir o seu conselho de oficiais, resolveu construir uma linha de circunvalção, uma espécie de pequena muralha que, ao ser construída em volta de uma cidade, ajudava a evitar a fuga e as surtidas dos sitiados. Segundo Goldsworthy, ao dividir o trabalho da construção desta circunvalção por centúrias, Tito incentivou os homens à competição e ofereceu a eles uma oportunidade de ter uma determinada tarefa cumprida. Tal sensação pode ter reanimado os soldados para voltarem mais confiantes de sucesso ao cerco da fortaleza Antônia. Tito supervisionou os trabalhos de perto, incentivando seus homens a competirem sabendo que os olhos que os poderiam recompensar estavam de fato presentes (GOLDSWORTHY, 2009, p.390-391). Este padrão, do general que está de fato próximo a seus homens, é constantemente exortado em diversos *exempla* ao longo dos manuais militares, como pode ser visto no capítulo III.

Os romanos retomaram a construção das rampas para acessarem a fortaleza Antônia e desta vez com muito mais dificuldades. Legionários tiveram de andar cerca de 18 quilômetros para retirar madeira, necessária para a construção dessas rampas. Com 21

dias de trabalho, as rampas ficaram prontas, e desta vez, quando João saiu com seus comandados para tentar incendiá-las, os romanos estavam com um poderoso esquema de segurança que impediu as rampas de serem queimadas ao repelir o ataque judeu. Os aríetes romanos chegaram finalmente às torres da fortaleza Antônia, porém depois de um dia inteiro martelando não pareciam estar causando o dano esperado, além disto a artilharia inimiga estava dificultando em muito o procedimento. No entanto, a noite, para surpresa dos romanos, a grande torre ruiu aparentemente sozinha. O que aconteceu foi que os túneis que o zelotas cavaram para derrubar as primeiras rampas romanas agiram contra eles próprios, enfraquecendo a torre da fortaleza. Os homens de João ativeram esta possibilidade e construíram uma muralha por trás da própria torre, no entanto, a grande quantidade de escombros formou a rampa que as tropas de assalto romanas utilizaram para invadir a fortaleza (JOSEFO, *Guerra Judaica*, 5.522-526, 6.1-32).

Mas a partir deste ponto, a vitória não foi rápida e segura. Os judeus defenderam ardentemente o pátio do Grande Templo e por dias a fio resistiram às tropas romanas. Foi necessário que Tito mandasse terraplanar os escombros da fortaleza Antônia e construir mais rampas para que uma espécie de tropa de elite, selecionada de modo a conter os 30 mais bravos e experientes homens de cada centúria, pudesse finalmente chegar ao pátio do Grande Templo, porém nem mesmo esta força conseguiu transpor o pátio (JOSEFO, *Guerra Judaica*, 6.93-95, 118-163). Dias de escaramuças se seguiram, com pesados revezes morais para os romanos, que perderam vários estandartes após uma má sucedida tentativa de invasão por escadas que contava com diversos porta-estandartes. Apesar destes revezes, o contingente romano era grande demais para que os sitiados conseguissem resistir; paulatinamente os judeus foram perdendo espaço no pátio do Grande Templo. Em finais de Agosto, os legionários chegaram até o Templo, ocasião em que o pilharam e queimaram. Após a queda de seu local mais sagrado, a motivação

indentitária pela qual os judeus lutavam foi perdida. A conquista da primeira muralha e consequentemente da cidade alta foi uma questão de tempo, os trabalhos de cerco não encontraram nenhuma resistência semelhante às anteriores. João de Gischala rendeu-se e foi condenado à prisão perpétua enquanto Simão Bar Giora foi mantido prisioneiro para figurar no mais importante triunfo de Tito. O cerco de Jerusalém teve seu fim já no mês de setembro (JOSEFO, *Guerra Judaica*, 6.316-413). Vasto butim foi distribuído às tropas, dada a riqueza da cidade conquistada, enquanto todos os homens que tinham executado algum feito notável na guerra eram presenteados com mais butim e honrarias em cerimônias (JOSEFO, *Guerra Judaica*, 7.5-16). À *X Fretensis* foi legada a incumbência de proteger a recém conquistada Jerusalém. Tito então voltou para Roma, onde celebrou triunfo com seu pai, o Imperador Vespasiano, ocasião na qual Simão Bar Giora foi estrangulado ritualmente (GOLDSWORTHY, 2009, p.397).

Com esta breve narrativa acerca do cerco de Jerusalém, vimos como este tipo de guerra foi importante no Mundo Antigo. Facilita-nos também a compreensão do porquê ambos, os autores analisados, Polieno e Frontino, dedicaram grande parte de seus escritos a compilar *exempla* acerca deste tipo de realizações. Ao conquistar a cidade mais importante da Judéia, Tito deu a seu pai a vitória cabal que lhe era necessária para consolidar seu poder e legou a nós, através da narrativa de Flávio Josefo, exemplos de como os *exempla* de Frontino e Polieno poderiam de fato corresponder a expectativas dos romanos do que seria um eficiente e bom general.

2.2.3 LUCIO VERO E AS LEGIÕES DISPOSTAS CONTRA O “OUTRO IMPÉRIO”

Em sete de março de 161 d.C., o então Imperador Antonio Pio veio a falecer. Deu-se a sucessão Imperial, conforme ela havia sido arquitetada desde tempos recentes à morte de Adriano. Marco Aurélio assumiu como Imperador, porém, de maneira atípica,

não assumiu sozinho. Lúcio Aurélio Vero Cômodo, também filho adotivo de Antonino Pio e filho de sangue de Lúcio Élio César, o primeiro preferido de Adriano foi associado ao poder Imperial pelo próprio Marco Aurélio (SANTO, 1996, p. 25).

No entanto, o Imperador que ficou conhecido pelo epíteto de “Filosofo” teve de enfrentar uma série de insurreições e suas conseqüentes guerras: britânicos, germânicos, marcomanos e récios deflagraram suas revoltas e invasões ao longo do extenso *limes* do Império. Porém, foi nos Partos que ambos os Imperadores, Marco Aurélio e Lucio Vero, encontraram seus maiores adversários militares. A guerra pártica foi a que mais consumiu esforços e tempo no período em que Polieno viveu e por ser *Strategica* uma obra escrita em comemoração à vitória nesta guerra, fazemos aqui uma breve narrativa da mesma.

O Imperador Lucio Vero foi o encarregado de viajar até o Oriente para confrontar o antigo problema romano: a disputa pela soberania da Armênia. Segundo Dion Cássio, Lucio Vero foi enviado “porque era fisicamente robusto e mais novo que Marco, e melhor adaptado às atividades militares” (DION CÁSSIO, *LXXI*, 1.3). Ademais, o momento exigia que um dos Imperadores permanecesse em Roma. Formou-se então um time de experientes homens, de ordem senatorial, que já possuíam alguma fama e experiência como comandantes (BIRLEY, 2008, p.160).

A comitiva de Vero seguiu caminho para o Oriente, passando por diversas cidades importantes para o Império e com certa fama de dispor de muito luxo. Segundo A. R. Birley, Lucio Vero demandou dançarinos e musicistas durante toda a jornada, além de promover festins pela maioria das cidades pelas quais passou (BIRLEY, 2008, p.161). Mais uma vez os romanos não subestimaram seus inimigos partos, três legiões inteiras foram enviadas para reforçar o contingente já estacionada no local, a saber a *I Minervia*,

deslocada da Germânia Inferior, a *II Auditrix*, advinda da Panonia Inferior, e a *V Macedonica*, que marchou da Moesia Inferior.

Em 163 d.C., Staius Priscus comandou as legiões romanas no cerco e conquistou a capital da Armênia, Artaxata. Os romanos sabiam, já que as vitórias de Córbulos não eram um passado tão distante, que a partir daquela posição o resto da campanha era bastante simplificado. Após esta conquista, foi oferecido a Lucio Vero e a Marco Aurélio o título de *Armeniacus*, título este que foi recusado por Marco Aurélio que alegou não ter tido participação direta nesta vitória e que por isso não seria merecedor de tal honraria. Segundo Birley, Lucio Vero também não participou deste cerco, estando em Antioquia neste período, no entanto, ele, ao contrário do irmão adotivo, aceitou o título (BIRLEY, 2008, p.162).

Lucio Vero, após a tomada de Artaxata, tentou negociações com o rei parto Vologases, mas sem obter sucesso. Os partos estavam certos de que queriam sua influência sobre a Armênia livre do poder romano. Ainda em 163 d.C., Priscus estava retirando suas tropas da Armênia quando os partos retiraram Mannus do comando da cidade de Osrhoene. Mannus era um governante armênio a favor da transformação da Armênia em reino cliente romano. Diante deste fato, não sobraram muitas alternativas para os romanos a não ser mover suas forças Eufrates abaixo e seguir rumo a um confronto direto com os Partos, haja vista a via diplomática previamente declinada. Já no final do ano, os romanos enfrentaram os Partos em Sura, onde as legiões conseguiram afirmar sua posição no lado oeste do Eufrates. Logo no início de 164 d.C. os romanos tiveram vitórias cruciais, conquistando Dausara e Neciphoros, duas importantes cidades ao norte do território armênio. Dessa forma, os romanos conseguiram firmar seu comando sobre a Armênia, que estrategicamente ganhou uma nova capital, Kaine Polis. Um rei cliente foi empossado; trata-se de Iulius Sohaemus. Birley nos fala acerca de uma

moeda, cunhada em 164 d.C., que mostra Lucio Vero sentado ao centro, circundado por seus generais enquanto que Sohaemus permanece em frente ao Imperador o saudando. Se esta cunhagem representa uma cerimônia que de fato ocorreu, não se sabe ao certo em que local ocorreu nem sua data, mas sabemos que seu poder simbólico foi deveras importante, pois tratou de divulgar ao povo armênio que seu novo rei era subserviente ao Imperador Romano. Desta vez, Lucio Vero persuadiu seu irmão a receber o título de *Armeniacus* (BIRLEY, 2008, p.162-163).

Os romanos pareciam estar determinados a resolver de uma vez por todas a disputa pela Armênia, pois não pararam a campanha após a deposição oficial do rei armênio e sua substituição pelo rei cliente, como foi o caso na época de Córulo. As legiões romanas seguiram avançando Mesopotâmia adentro. P. Martius Verus, legado da *V Macedonica*, foi responsável pelo comando das legiões nesta parte da campanha e a primeira cidade a cair perante as legiões sob seu comando foi Edessa. Logo em seguida, ainda em 165 d.C., Osrhoene foi tomada e Mannus, o governante armênio pró Roma foi reconduzido ao cargo do qual havia sido deposto pelos partos. O exército pártico foi perseguido até Nisibis, que também não conseguiu resistir ao cerco romano. Quando o exército pártico, já em constante retirada, alcançou o Tigre, seu general Chosrhoes teve de fugir atravessando o rio a nado e posteriormente escondeu-se em uma caverna. Enquanto estas vitórias aconteciam C. Avídio Cássio, legado da *III Galica*, liderou uma força expedicionária que desceu o Eufrates. Uma batalha de maiores proporções ocorreu em Dura, com mais uma vitória dos romanos. No segundo semestre de 165 d.C., Avídio Cássio seguiu descendo a Mesopotâmia para atacar as que eram conhecidas como cidades gêmeas, Ctesiphonte e Selêucia, que assim eram chamadas por estarem uma ao lado da outra, separadas pelo rio Tigre, uma a esquerda e a outra a direita, respectivamente. Selêucia era uma cidade de colonização grega e abriu seus portões às legiões, recebendo-

as sem oferecer resistência. Segundo Birley, a cidade de Selêucia era imensa para os padrões da época e mantinha ainda fortes características helênicas. Foi com o suporte de Selêucia que Avídio Cássio conseguiu conquistar Ctesiphonte, que por sua vez ofereceu resistência e que por isso teve seu palácio real queimado pelas legiões. A ajuda promovida pelos habitantes de Selêucia, no entanto, teve seu custo. Lá as legiões comandadas por Cássio contraíram uma peste que se alastrou por grande parte dos soldados. Apesar disto, Cassio conseguiu efetuar uma partida de volta organizada (BIRLEY, 2008, p.163-164).

Lucio Vero foi agraciado com o título de *Parthicus Maximus* e Cassio promovido a Cônsul em retribuição às diversas vitórias sob seu comando durante a campanha. No início de 166 d.C., a campanha já tinha sido dada como encerrada e Lucio Vero pode finalmente retornar a Roma. Em virtude desta vitória, que desta vez não havia se resumido a retomar o controle da Armênia, mas a também infringir sérias derrotas a cidades párticas, Polieno parabeniza os Imperadores:

“A vitória contra persas e partos, sacratíssimos Imperadores Antonino e Vero, a obtivéreis com a ajuda dos deuses, de vossa virtude e do valor dos romanos, com os que sempre, tanto antes como agora, estão acostumados a vencer as guerras nas quais se engajam” (POLIENO, *Strategica*, Livro I, Introdução).

Os triunfos pelas vitórias orientais foram celebrados em Roma a 12 de outubro de 166 d.C.. O território romano foi estendido até próximo a cidade de Dura Europos, ao passo que Lucio Vero também ficou conhecido como *propagator imperii* (BIRLEY, 2008, p.164-165). No entanto, o Imperador que fora uma espécie de “responsável pelos assuntos militares” veio a falecer no início de 167 d.C. graças à praga que as legiões adquiriram no Oriente.

Muitas outras guerras ainda tiveram de ser travadas sob o comando de Marco Aurélio, mas cremos ter sido esta a mais importante no período em que Polieno escreveu seu *Strategica*. Desta forma, por uma questão de recorte encerramos aqui nossa contextualização das mais influentes guerras travadas pelos romanos durante o período de vida de nossos autores.

Passamos agora ao capítulo seguinte, na qual analisaremos várias passagens das obras de Polieno e Frontino, de forma sucessiva, com o intuito de demonstrarmos a possibilidade de se construir uma tipologia para análise dos manuais militares romanos do tipo “Coleção de Estratagemas”, agora compreendendo melhor como estas obras estavam fortemente arraigadas ao contexto na qual foram escritas.

CAPÍTULO III - COMPARAÇÕES POSSÍVEIS: *STRATEGICA* E *STRATAGEMATA*

3.1 MÉTODO

Nesta parte do trabalho, nossa intenção é produzir uma comparação entre as principais as obras de Frontino e Polieno. O arrolamento destes trechos que são semelhantes em conteúdo e até mesmo em forma tem objetivo de demonstrar como os manuais militares formaram uma escola e uma tradição muito específicas na Roma Imperial. Sendo a obra de Frontino do final do primeiro século da era cristã e a de Polieno do final do segundo século, temos aí um intervalo de tempo interessante, pois não é por demais extenso nem deveras curto, permitindo-nos esboçar nossas inferências com mais segurança.

As correspondências entre as obras de Frontino e Polieno são muitas e fica claro o fato de que Polieno leu Frontino, haja vista a grande quantidade de trechos compilados por Polieno que aparecem em Frontino. Os nomes das obras são bastante semelhantes e muitas vezes provocam confusão se olharmos desatentamente, mas apesar da semelhança, há diferença entre os dois títulos e uma provável explicação para esta diferença. Para Krentz e Wheller, Polieno teve que se diferenciar da obra de Frontino, que havia sido lançada em um espaço de tempo recuado, porém, ainda muito curto quanto se trata de livros em uma sociedade tradicional. Segundo os autores, o diferencial que Polieno escolheu foi a universalização de sua coleção de estratégias, que tratou não apenas dos feitos romanos, cartagineses e gregos como Frontino, mas incluiu gerais e comandantes bárbaros e mulheres, além de estratégias creditados a etnias. Segundo estes autores, isso teria refletido na escolha do nome que Polieno fez para sua obra, já que *Strategica* denota um sentido mais geral ao contrário de *Stratagemata* que aponta para um sentido mais particular. Krentz e Wheller (1994, p.14) apontam para uma espécie de preocupação de Polieno de se diferenciar de Frontino, evitando assim comparações entre as obras, uma

intenção que pensamos ser muito difícil de captar na documentação. Os motivos para Polieno escrever uma obra que contemplasse os estratagemas de diversos povos ao invés de somente os greco-romanos e de seus adversários, a nosso ver, passam mais pelas características identitárias de Polieno do que propriamente por um certo receio de parecer um plagiador. esta nos parece ser uma preocupação intrinsecamente nossa, principalmente tendo em vista trecho do próprio Frontino que afirma: “Tendo esta obra, como os meus escritos anteriores, sido criada para benefício de outros e não para minha própria fama, sentir-me-ei ajudado e não criticado por aqueles que lhe fizerem acrescentamentos.” (FRONTINO, *Stratagemata*, Livro I, Introdução).

Ainda, segundo Krentz e Wheller, os *Stratagemata* de Frontino e a *Strategica* de Polieno compõem ainda um sub-grupo de manuais militares: as coleções de estratagemas, que para os autores apresentam algumas especificidades que os distinguem de outros manuais, como a *Tactica* e a *Polioretica*, por exemplo. Isso se dá principalmente pela estruturação em *exempla*, nome dado pelos autores às centenas de resumos com conteúdo militar/anedótico contidos em ambas as obras (KRENTZ; WHELLER, 1994, p.8.).

O exercício ao qual nos propomos, então, é o de estabelecer padrões que se repetem em ambas as obras; padrões estes que cremos representarem a gama de conhecimentos fundamental que um comandante deveria possuir segundo esta escola de pensamento militar. A análise desses dados colhidos das duas fontes pode nos ajudar a visualizar o general ideal, pelo menos para o imaginário desta escola.

Quanto aos padrões ,observados nas fontes estamos fazendo uso aqui da tese de Brian Campbell (2004), que em seu livro “*Greek and Roman Military Writers*” demonstrou a existência de padrões na obra de Polieno. Estes padrões, por sua vez, foram por nós observados também na obra de Frontino, sendo eles: passar uma falsa impressão ao inimigo, uso de recursos naturais, conduta de retirada de tropas, conduta de um bom

general, manutenção da moral das tropas e conduta ao proceder o cerco de uma cidade ou fortificação.

Pretendemos, então, corroborar e comentar o padrão proposto por Campbell, adicionando a ele os comentários e impressões decorrentes da nossa pesquisa. Procedemos da seguinte maneira: selecionamos resumos estratégicos das duas fontes que acreditamos elucidar o padrão proposto, procurando sempre que possível apresentar trechos de vários volumes de ambas as coleções de estratagemas, afim de comprovar que se forma um padrão pela repetição de determinado acontecimento. Terminada a transcrição de nossa versão dos trechos, seguirá um comentário por nossa parte com a intenção de apresentar nossas contribuições aos estudos acerca dos manuais militares. Os padrões observados nas duas obras e aqui corroborados obviamente possuem uma fluidez intrínseca entre si. Nosso objetivo de forma nenhuma é separá-los uns dos outros, mas apenas agrupá-los de maneira classificatória de tal forma que isso facilite nossas análises.

3.2 PASSAR UMA FALSA IMPRESSÃO AO INIMIGO

“Cleómenes, rei dos lacedemônios, guerreava com os argivos e havia acampado de frente para estes. Os argivos mantinham uma cuidadosa vigilância do que os inimigos faziam. Tudo quanto Cleómenes desejava ordenava ao exército mediante um arauto, e eles se apressavam em fazer o mesmo. Se se armavam, os outros se armavam; se atacava, os outros, a sua vez, atacavam; se descansava, os outros descansavam também. Cleómenes deu em segredo a ordem para que se armassem quando o arauto transmitisse a ordem de almoçar. O arauto deu a ordem, e os argivos se puseram a almoçar. Cleómenes atacou com o seus armados e matou os argivos facilmente, que estavam sem suas armas e armaduras” (POLIENO, *Strategica*, Livro I, 14).

“Atenienses e megarenses estavam em guerra por Salamina. Sólon navegou até Colíade, onde as mulheres celebravam uma festa a Deméter junto ao mar mesmo. Sólon enviou um desertor para comunicar aos megarenses: <<Se navegarem a Colíade, pegareis as mulheres

atenienses dançando; mas não se atrasem. >>. Os megarenses creram no engano. Eles, de fato, navegaram. Sólon ordenou as mulheres que se retirassem e a rapazes imberbes, disfarçados com vestidos de mulheres, enfeitados com coroas e armados com punhais escondidos, os ordenou a jogar e bailar pela praia. Os megarenses, enganados pelo aspecto dos imberbes e seus vestidos femininos, desembarcaram de seus navios e intentaram aprisionar-los, como se realmente fossem mulheres. Pelo que, eles, sacando os punhais, deixaram ver claramente que em lugar de mulheres eram homens; mataram seus inimigos, embarcaram nos navios e se apoderarão de Salamina” (POLIENO. *Strategica*, Livro I, 20. 2).

“Gelón, tirano dos sicilianos, havendo acampado frente a Himilcón, rei dos catargineses, que havia navegado contra a Sicília; e não se atreviam a travar combate. Depois de vestir com suas roupas de tirano a Pediarco, que era comandante dos arqueiros, semelhante a ele em porte físico, o ordenou sair do acampamento e sacrificar nos altares e que o acompanhassem arqueiros vestidos de branco com ramos de mirto que ocultaram arcos e flechas em seu interior, e que quando vissem a Himilcón que saiu também a sacrificar, o assassinassem. Fato é que Himilcón saiu sem suspeitar de nada e celebrou seu sacrifício; de sorte que, ao receber de repente muitos disparos, enquanto fazia suas libações e sacrifícios, morreu” (POLIENO. *Strategica*, Livro I, 27.2).

“Os atenienses levantavam as muralhas da cidade. Os lacônios viram isto com maus olhos. Temístocles os enganou. A forma de enganá-los foi a seguinte: chegou a cidade como embaixador e negava perante os lacônios que o muro estivesse levantado: <<Mas se desconfias, retenham-me aqui e enviem os melhores observadores>>. Eles os enviaram. Temístocles enviou aos atenienses um recado secreto e os encarregou de reter os observadores até que levantassem a muralha; e quando levantassem, não deveriam deixá-los partir a menos que o recuperassem. E isto ocorreu assim: se levantou a muralha e regressou Temístocles; foram devolvidos os observadores e foi Atenas amuralhada contra a vontade dos lacedemônios” (POLIENO, *Strategica*, Livro I, 30.5).

“Autofradatés, decidido a irromper em Pisidia, vendo o passo estreito e vigiado, fez avançar seu exercito, e de novo o retirou para trás uns noventa estadios. Chegou a noite. Os pisidios que vigiavam marcharam, pensando que os inimigos haviam se retirado, e ele, com as tropas ligeiras e hóplitas mais rápidos, correu a toda pressa, cruzou o passo estreito e saqueou o território dos pisidios” (POLIENO *Strategica*, Livro VII, 27.1).

“Nicóstrato, rei dos Etólios, estava em guerra com os Epirótas, em cujo território apenas se poderia entrar passando por estreitos desfiladeiros. Assim, apareceu num ponto, como se quisesse penetrar por aquele lugar. Quando toda a hoste dos Epirotas ocorreu ao local para o impedir, ele deixou alguns dos seus homens para trás para dar a impressão de que o exército ainda estava no mesmo lugar, e entrou com a suas tropas por outro ponto, onde não era esperado” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, IV.4).

“Alguns generais espartanos tinham planejado levar uma frota até Siracusa, mas recebiam a armada cartaginesa, que estava ancorada junto à costa. Assim, ordenaram que dez navios capturados aos cartagineses fossem na vanguarda, à guisa de vencedores, com os seus próprios navios amarrados aos flancos ou a reboque. Tendo enganado os cartagineses com este esquema, os Espartanos conseguiram passar” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, IV.10).

“Durante a guerra social, Lúcio Sula, apanhado de surpresa num desfiladeiro perto de Esérnia pelo exército de Duílio, pediu a realização de uma conferência, mas não conseguiu negociar termos de paz. Todavia, apercebendo-se de que o inimigo se descuidara e baixara a guarda por causa da trégua, efetuou uma marcha noturna, deixando apenas para trás um trompista, com instruções para dar a impressão, ao tocar para a mudança dos quartos de vigia, de que o exército ainda estava no mesmo local, devendo juntar-se a Sula depois de tocar a quarta rendição de sentinelas. Deste modo, Sula conduziu as suas tropas para um local seguro, com todas as suas bagagens e máquinas de guerra” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, V.18).

“Estando em guerra peloponésios com lacedemônios, Agis expos um plano baseado em fome [...] E, decidido a assustar os inimigos, enviou uns desertores para anunciar que uma numerosa tropa aliada lhes chegaria aos lacônios na noite seguinte. Atou as bocas do gado durante um dia inteiro e ao iniciar a noite as desatou de sorte que o gado, esfomeado e livre de suas ataduras, brincava, saltava e levantava um grande ruído por comer erva e pasto. E ressoava também pelas gargantas dos montes. E ordenou aos soldados quem, dispersando-se cada um por um local, acendessem de duas a três fogueiras. Os peloponésios, enganados com a força da gritaria e a magnitude do ruído, crendo que chegava uma grande tropa auxiliar, se marcharam correndo” (POLIENO. *Strategica*, Livro I, 46).

“Estando Postúmio na Sicília, durante o seu consulado, o seu acampamento ficava a três milhas dos Cartagineses. Todos os dias, os chefes púnicos formavam sua linha de batalha diretamente à frente das fortificações de batalhas dos Romanos, e Postúmio oferecia resistência através de escaramuças constantes, travadas por um pequeno grupo em frente dos seus entrincheiramentos. Tendo o comandante cartaginês acabado por se acomodar à situação, Postúmio preparou silenciosamente o resto das suas tropas dentro das paliçadas, resistindo ao assalto com poucos homens, de acordo com a sua prática habitual, mas desta vez mantendo-os mais tempo em combate. Passado o meio-dia, quando o inimigo exausto e esfomeado, começou a retirar, Postúmio, com tropas frescas, pô-lo em debandada” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro II, I.4).

“Quando o espartano Lisandro combateu os Atenienses em Egospotámo, começou por atacar os navios Atenienses sempre à mesma hora, chamando depois as suas embarcações de volta. Este procedimento tornou-se habitual em um dia, depois de Lisandro retirar, os Atenienses dispersaram para recolherem as suas tropas. Como sempre, parte do inimigo se dispersou, como era seu hábito, ele atacou e matou os restantes, e capturou todos os seus navios” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro II, I. 1).

“O espartano Cleândridas, que combatia contra os Lucanos, formou as suas tropas compactamente, para darem a impressão de serem um exército muito mais pequeno. Tendo assim incutido confiança ao inimigo, quando o recontro começou, abriu as fileiras, envolveu o adversário pelos flancos e pô-lo em debandada” (FRONTINO. *Stratagemata*. Livro II, II. 12).

“Em Aix-en-Provence, Mário, propondo-se travar uma batalha decisiva com os Teutões no dia seguinte, mandou sair Marcelo do acampamento, de noite, com um pequeno destacamento de cavalaria e infantaria. Para criar a ilusão completa de que se tratava de uma grande força, ordenou que fossem acompanhados por vivandeiros e palafreiros armados, e também por uma grande parte dos animais de carga, selados com se fossem montarias da cavalaria. Ordenou-lhes que caíssem sobre a retaguarda do inimigo, assim que a batalha começasse. O esquema aterrorizou os seus adversários de tal maneira que estes, apesar de sua grande ferocidade, fugiram” (FRONTINO. *Stratagemata*. Livro II, IV. 6).

“Numa ocasião, os Liburnos, posicionados entre alguns baixios, deixaram ver apenas suas cabeças à tona d’água e convenceram o inimigo de que a profundidade era grande. Deste modo, uma galera que os perseguia encalhou e foi capturada” (FRONTINO. *Stratagemata*. Livro II, V. 44).

“O mesmo Alcibíades, quando se preparava para travar uma batalha naval, ergueu vários mastros em terra, nos quais ordenou aos seus homens que içassem velas assim que o recontro começasse. Assim provocou a retirada do inimigo, que pensou tratar de outra frota que vinha em seu auxílio.

O ródio Mémnon, que possuía uma frota de duzentos navios, querendo atrair as embarcações do inimigo para o combaté, ordenou que apenas alguns dos seus navios erguessem os mastros, e colocou-os na vanguarda. Quando o inimigo contou, ao longe, o número de mastros, inferiu que se tratava de poucas embarcações e ofereceu batalha, mais foi atacado por um número muito superior de navios e foi derrotado” (FRONTINO. *Stratagemata*. Livro II, V. 46-47).

Segundo Brian Campbell, a obra *Strategica*, bem como a *Stratagemata* tem como principal tema o lidar com situações de dificuldade, onde geralmente se está em posição inferior (CAMPBELL,1987, p.16). Isto não poderia ser feito de outra forma senão explorando o uso de habilidades que podem suplantar vantagens físicas e numéricas.

Percebemos através dos *exempla* que Polieno e Frontino abertamente recomendam seus leitores que enganem seus inimigos de todas as formas que lhes forem possíveis. Nota-se que apesar de todas as situações resumidas pelos autores acontecerem em locais e com personagens diferentes, o princípio da ação diante do acontecido é muito semelhante. Em alguns casos como, por exemplo, os de Cleomenes, Postúmio e Lisandro, a ação que os *exempla* querem exortar tem o mesmo princípio, ficando as diferenciações apenas no quesito dos personagens e do local onde a ação se deu. Isso, a nosso ver, aponta para uma questão básica a respeito dos manuais militares que estamos tratando, que é a crença na possibilidade de se fazer re-acontecer uma mesma solução em diferentes contextos históricos.

A nosso ver, fica clara a intenção de Polieno em fazer apologia às práticas traiçoeiras e enganosas, pois de todos os padrões detectados por Brian Campbell os que fazem menção a passar uma falsa impressão ao inimigo são os mais numerosos juntamente com os exemplos de ataques surpresas e emboscadas (CAMPBELL, 1987, p.16). Ao longo de nossa pesquisa, decidimos por chamar as práticas de passar uma falsa impressão ao inimigo de “engano”, justamente pelo fato de esta ser a palavra mais utilizada por Polieno e Frontino quando estes descrevem uma situação de simulação maliciosa que visa a supressão do inimigo mediante o uso de confusão e/ou de mentiras. Como os trechos acima deixam claro, ambos *Strategica* e *Stratagemata* recorrem constantemente ao uso da inteligência astuciosa.

Segundo Polieno, superior é aquele que consegue a vitória sem luta, pois a principal característica de um bom general é conseguir a vitória sem risco. Se necessário ir à batalha, que o general se empenhe em antecipar o fim do combate, evitando baixas e perdas materiais. De acordo com o autor, é o próprio Homero quem encoraja a utilização dos artifícios e estratégias contra o inimigo (POLIENO. *Strategica*, Livro I, Introdução).

Frontino da mesma forma exorta a utilização dos estratégias, pois, segundo ele, se baseiam na inteligência e na perícia e servem tanto para esmagar quanto para evitar o inimigo (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, Introdução). A legitimação para exortar práticas consideradas tão sórdidas mesmo pelos romanos estaria na possibilidade de perder menos homens e recursos, além de ficar implícito nas obras que a única forma de se safar de uma situação de grande revés era através do uso dos estratégias. Entra aí um problema de choque moral, que não é nossa intenção aqui compreender ou analisar, mas que devemos apontar: é o estratégia desleal e desonroso se ele pode preservar as vidas de nossos homens? Esta é uma reflexão que Polieno e Frontino possivelmente fizeram surgir em seus leitores romanos, já que em outras fontes textuais romanas³⁵ temos claramente a condenação de tudo aquilo que *Strategica* e *Stratagemata* recomendam. Se os leitores destas obras concordavam ou não com as atitudes propostas por elas, infelizmente é algo que dificilmente um dia poderemos saber.

As situações apresentadas nos *exempla* configuram um escopo de situações adversas em que as medidas convencionais sempre levariam a choques frontais em

³⁵ Por exemplo, vejamos o que diz Tito Lívio em seu *História de Roma*: “Os antepassados não faziam a guerra com ciladas e batalhas noturnas, nem por fugas simuladas e improvisos, sobre um inimigo incauto ou se vangloriando mais da astúcia que da verdadeira virtude; estavam acostumados a declarar a guerra primeiro e movê-la depois, muitas vezes, anunciando a batalha e delimitando o local em que combateriam (...). Essa é a consciência romana e não a astúcia dos púnicos nem a esperteza dos gregos, para os quais é mais glorioso enganar do que vencer o inimigo. Às vezes hoje em dia é mais proveitoso o dolo do que a virtude; mas apenas se triunfa verdadeira e definitivamente sobre alguém, não por estratégias ou acasos, e sim quando este confessa ter sido vencido em combate justo e legítimo” (TITO LÍVIO, *História de Roma*, livro XLII.47).

situações de utilização máxima de recursos. Vejamos por exemplo o caso de Sólon, que ao invés de proceder a uma causticante guerra de cerco por Salamina, que sabemos poderia durar até mesmo um semestre ou mais, utilizando-se do disfarce de seus homens, toma a cidade sem mesmo a necessidade de usar um exército em sua configuração habitual. Gelón desmantela seus inimigos quando mesmo antes da batalha assassina o comandante inimigo. Ele utiliza-se do período anterior à batalha, no caso os rituais religiosos, para se livrar de Himilcón, para isso ele oculta as armas de seus comandados com ervas características dos rituais religiosos e nem ele mesmo se arrisca, pois envia um sócia vestindo suas roupas. É interessante notar como Gelón não subestima o inimigo, que pode muito bem ter tido a mesma ideia que ele. Os manuais militares não exortam apenas como vencer pelos estratagemas, mas também como não ser vencido por eles.

Para o caso de Temístocles, Polieno ensina uma jogada diplomática. Uma característica interessante dos manuais militares do tipo coleção de estratagemas é a ocorrência de estratagemas que não acontecem necessariamente num campo de batalha. Por isso postulamos que para ambos, Polieno e Frontino, a arte da estratégia não se resume aos aspectos bélicos, mas sim também à vida política. Esta característica é fácil de compreender quando olhamos para um contexto no qual as carreiras militares e políticas não eram separadas como no mundo moderno. Tanto em Roma, quanto nas pólis gregas, o homem que fora eleito para uma magistratura administrativa poderia ser subsequentemente eleito para uma magistratura militar e vice-versa.

Autofradatés faz seu inimigo ter uma impressão errada da situação, pela qual é induzido a crer que uma retirada parcial das tropas fosse uma retirada definitiva. O inimigo, então, paga o preço de não conferir com escoltas a “retirada” do adversário e conseqüentemente tomar uma decisão precipitada. Nicóstrato, por sua vez, se aproveita do descuido do inimigo, que frente a uma divisão de tropas insiste em manter formação

única, note, mais uma vez, que há a intenção de passar uma falsa impressão ao inimigo. Quando o comandante crê no engano promovido pela falsa impressão, ele dificilmente conseguirá reparar a situação em que se deixou envolver.

O caso dos generais espartanos, narrado por Frontino, exorta a inteligência inventiva aos leitores. Ao invés de chegar até o inimigo ostentando seus companheiros derrotados, o que o próprio Frontino ensina mais à frente, pode abalar mas também pode instigar o combater com mais furor, passa-se a falsa impressão de se estar derrotado. A simples mudança de ordem das naus garantiu passagem livre aos espartanos, que enganando os siracusanos, evitaram baixas humanas e prejuízos com a perda de navios de guerra em uma batalha que não era o objetivo da frota.

O *exemplum* protagonizado por Sula apresenta um padrão muito recorrente em ambas as coleções de estratagemas: o uso do som e do fogo para passar uma falsa impressão. Aproveitando-se da cobertura da noite, o comandante movimenta seu exército, mas tem o plano de fazer com que o inimigo creia que ele ainda está acampado naquele local. Para conseguir esse efeito Sula joga com as percepções inimigas. Durante a noite, os exércitos antigos só podiam detectar um acampamento inimigo através de dois meios, a luminescência emitida pelas fogueiras e os sons produzidos pelo acampamento, como o zurrar e relinchar dos animais de carga e as trombetas soadas com diversas ordens e anunciações. Se um comandante conseguisse manipular esses emissores de localização, ele poderia enviar esses sinais ao inimigo de forma que este tivesse a impressão que seu acampamento estivesse em outro lugar, ou que ainda estivesse no mesmo lugar. A manipulação astuciosa dos sons e do fogo ainda pode fazer com que o inimigo imagine que seu exército é maior do que realmente é, como aparece no *exemplum* de Agis, compilado por Polieno. Ele induz a agitação do gado (todos os animais de carga e destinados à alimentação que viajam para logística do exército) e ordena que fogueiras

“falsas” sejam acesas em diversos locais. A visão e audição noturna de uma planície configurada desta forma passa brilhantemente a falsa impressão da existência de um imenso exército que acabou de chegar em socorro de seus aliados, os animais agitados em busca de pasto, depois de um dia exaustivo de viagem, e as centenas de fogueiras acesas apontando para milhares de homens preparando suas refeições e se aquecendo.

O *exemplum* de Mário, narrado por Frontino, também apresenta esse padrão. Ele utiliza-se do gado e de pessoas ordinárias para passar a impressão de que seu exército é muito maior do que aparenta, induzindo o inimigo a acreditar que será atacado na retaguarda por um destacamento de cavalaria que estava oculto até o início da batalha; de fato o exército inimigo foge desesperado de um bando de mulas e cavalos despreparados para guerra montados por homens igualmente despreparados. Alcíbiades, por sua vez, ordena que se finquem postes na praia e nele se hasteiem velas, como as de navios de guerra. A visão ao longe era a de que ele comandava uma frota sumariamente maior do que a que de fato possuía, vale lembrar que as batalhas navais sempre aconteciam em águas relativamente rasas sempre com as praias à vista.

Deduz-se dos manuais militares em questão que o julgamento do comandante é essencial, pois de acordo com situação deve-se fazer com que o inimigo pense que o exército é menor e não maior do que o é de fato, caso apresentado no *exemplum* protagonizado por Cleândridas, que formou suas tropas de maneira compacta para dar ao inimigo a impressão de que lutaria com um exército menor. O mesmo fez Mémnon, quando ordenou que a maioria de suas naus recolhesse as velas, atraindo o inimigo para uma verdadeira emboscada. Aqui o caso se inverte com relação aos exemplos comentados anteriormente, pois o objetivo não é espantar o inimigo do campo de batalha, mas sim incentivá-lo a lutar, obtendo assim uma vitória fácil perante um exército muito menor do que o seu.

Os casos de Cléomenes, Postúmio e Lisandro compõem um dos padrões que mais se repetem em ambas as obras. Esse estratagema consiste em imprimir um padrão através da insistência em determinadas práticas e horários e, quando o inimigo aceitar o padrão, quebrá-lo de repente. Dessa forma, um fator surpresa que antes não existia foi forjado pelo comandante. Este é dos padrões estratégicos mais interessantes presente nas duas obras, pois ele exige uma alta aposta por parte do comandante executor. Caso o exército inimigo não assuma o padrão sugestionado o estratagema não dará certo. Porém, quando o comandante inimigo cai no truque e passivamente pratica o padrão sugerido são geradas as condições ideais para um ataque surpresa, mesmo que os exércitos estejam se vendo e saibam de seus posicionamentos há dias. Os textos apresentam expressões como “acomodado” e “habitado” para descrever a atitude dos exércitos que aceitaram o padrão imposto, assim ao mesmo tempo que ensina um estratagema os manuais pincelam as atitudes que não devem ser esperadas de um general. Nos casos apresentados a vitória foi obtida explorando a falta de iniciativa e de criatividade dos comandantes inimigos.

Representando toda uma guisa de estratagemas que não formam nenhum sub-padrão, mas que da mesma forma exortam o ato de enganar o inimigo através de uma falsa impressão, selecionamos o exemplo dos Liburnos que de forma brilhante fizeram encalhar uma nau que os perseguia simplesmente fazendo seus perseguidores crerem que determinado ponto do rio era navegável, quando na verdade não era. Esse padrão, assim como todos os outros apontados aqui, se repete claramente ao longo dos oito compêndios de *Stratégica*, bem como dos quatro volumes de *Stratagemata*, e a nosso ver nos permite afirmar que a prática de passar uma falsa impressão ao inimigo mais que narrada e registrada é exortada em ambas as obras. Como já argumentamos a favor de uma interpretação didática dos manuais militares, só podemos concluir que Polieno e Frontino

de fato criam que essas são as melhores maneiras de se lidar com os assuntos, sejam eles bélicos ou mesmo políticos.

3.3 CONDUTA DE RETIRADA DAS TROPAS

“Quando Clearco, caído Ciro, se retirava com os gregos e ia acampar em uma aldeia que tinha abundantes provisões, Tisafernes, enviando-os embaixadores, consentia em que os gregos se estabelecessem ali e entregassem as armas. Clearco fingiu aceitar suas palavras para que Tisafernes, com a esperança do acordo, despedisse a maioria dos persas a suas aldeias. Este, em efeito, crendo que Clearco havia cedido, dissolveu a força. E Clearco, sacando de noite aos gregos ultrapassou a Tisafernes um dia completo e uma noite de marcha, já que este tardou a reunir os homens que haviam sido licenciados” (POLIENO. *Strategica*, Livro II, 2.2).

“Ificrates, derrotado, se refugiou com uns poucos em um lugar coberto de relva e com muitas árvores. E como estava vigiado, ordenou fazer ruído de noite em outra parte. Ao volver-se o inimigo para parte de onde saía o ruído, ele se retirou sem dificuldade pela outra” (POLIENO. *Strategica*, Livro III, 9.6).

“Ificrates, havendo irrompido na Trácia, acampou em uma planície rodeada de montes com uma estreita saída por uma ponte, pela qual os tracios iriam passar e atacar pela noite. Porém ele, depois de acender muitas fogueiras no acampamento e correr a pé do monte com os soldados e apoderar-se do bosque próximo da ponte, se manteve em calma. Os tracios, realmente, depois de cruzar a ponte, se lançaram entre as fogueiras, pensando que encontrariam ali os inimigos. Porém Ificratés, depois de recolher os soldados no bosque, se retirou cruzando a ponte tranquilamente” (POLIENO *Strategica*, Livro III, 9.50).

“Cabrias, depois de haver feito uma incursão pela Lacônia e apoderar-se de muito botim, quando lhe saíram ao passo os espartanos, a quem dirigia Agesilao, depois de concentrar seus soldados em uma colina

alta e levar as bagagens e prisioneiros à parte mais protegida, acampou; os lacônios acamparam de frente a ele a cinco estádios³⁶. Cabrias ordenou firmar muitíssimas fogueiras durante a noite e abandonar as tendas e chegando a hora da segunda guarda se retiraram pela parte detrás da colina. Eles se retiraram sem serem vistos. Os lacônios ao ver o fogo e ouvir o tremular das tendas, criam que os atenienses estavam ali, se dispuseram ao amanhecer para a luta e, depois de vestir o equipamento, se lançaram sobre a colina. E quando, ao chegarem perto, viram o acampamento vazio, gritou Agesilao: <<Magnífico general este Cabrias!>>” (POLIENO. *Strategica*, Livro III, 11.15).

“Creso, derrotado por Ciro na capadocia e decidido a escapar, ordenou aos soldados trazer muita lenha. Depois de amontoá-la em um caminho estreito, quando se fez noite retirou sua força a toda pressa, e deixou atrás os cavaleiros, que eram mais rápidos, para que ateasse fogo a madeira ao brilhar da aurora. Creso, realmente, se adiantou na fuga e Ciro não podia persegui-lo em meio as chamas” (POLIENO. *Strategica*, Livro VII, 8.2).

“Artabazo, filho de Farnaces, fugindo de Platéia chegou a Tesalia. E ao perguntarem os tesalios sobre a batalha, como por medo não se atrevia a confessar a derrota, disse que se apresava ao passar a Tracia para resolver uns assuntos secretos do rei, pois <<Mardonio vem atrás vitorioso e lhes contará os pormenores da vitória>>. Artabazo, com o engano da vitória, cruzou a Tesalia, e os tesalios logo descobriram a derrota para os persas” (POLIENO. *Strategica*, Livro VII, 33.3).

“Mitrídatés estava bloqueado por Pompeu, e planejava retirar no dia seguinte. Desejando esconder este objetivo, forrageou numa grande área, inclusive nos vales adjacentes ao inimigo. Para afastar mais ainda qualquer suspeita, marcou reuniões com vários dos seus adversários para uma data subsequente, e ordenou que se acendessem numerosas fogueiras por todo o acampamento. Depois, no segundo quarto de vigia, fugiu com as suas forças, passando mesmo ao lado do inimigo” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, 6).

³⁶ Um Estádio Romano correspondia aproximadamente a 185 metros.

“Ao ser derrotado, Trífon, rei da Síria, espalhou dinheiro ao longo da sua linha de retirada. Enquanto a cavalaria de Antíoco se retardava a recolhê-lo, ele conseguiu escapar” (FRONTINO. *Stratagemata*. Livro II, XIII. 2).

“Quinto Sertório, batido em combate por Quinto Metelo Pio e convencido de que nem uma retirada organizada seria segura, ordenou aos seus soldados para se dispersarem e fugirem, informando onde desejava que se reunissem” (FRONTINO. *Stratagemata*. Livro II, XIII. 3).

“Numa ocasião, em que os Cartagineses foram derrotados numa batalha naval. Desejando iludir a perseguição dos Romanos, que estavam muito próximos, fingiram que os seus navios tinham encalhado em baixios e imitaram os movimentos de galés encalhadas. Deste modo, fizeram com que os vencedores, receando incorrer num desastre semelhante, lhes dessem uma oportunidade de fuga” (FRONTINO. *Stratagemata*. Livro II, XIII.10).

Polieno e Frontino afirmam que os estratégias são de grande serventia para se obter vitórias, como pudemos perceber no primeiro padrão elencado, mas e quando a situação não favorece o comandante, ou seja, e em face da derrota?

Sendo a guerra o lugar da fluidez máxima, das possibilidades flutuantes, faz completo sentido que um manual, que tenha como objetivo formar comandantes, trate também de situações nas quais não se alcançou a vitória e se tem de lidar com as conseqüências da derrota. É interessante notar ainda que a rendição nunca é uma alternativa elencada por Polieno ou por Frontino, salvo que ela seja apenas parte de um engano para uma posterior fuga. Os autores, a nosso ver, deixam claro que a astúcia artilosa aliada à inteligência e à pró-ção podem ser também a melhor solução para quando o exército precisa viver para lutar outro dia.

A conduta de retirada de tropas exposta em *Strategica* e *Stratagemata* consistiu basicamente na utilização do mesmo princípio de passar uma falsa impressão ao

inimigo, só que dessa vez de forma defensiva. Em outras palavras, usar-se da astúcia e do engano mesmo após a derrota, efetuando retiradas inteligentes que preservem o máximo possível o exército derrotado para um possível embate posterior. Diante de uma situação de revés total, toda espécie de truque é válida, pois estamos falando da vida dos soldados e dos poucos recursos que ainda restam. Fica implícito que, para Polieno e Frontino, ficar para travar uma batalha que redundaria em derrota certa não deve estar nos planos de um bom general. Vale lembrar a introdução de *Strategica*, já citada anteriormente, em que o valor de um general pode ser medido não só por sua capacidade de vencer batalhas, mas igualmente pela sua capacidade de evitá-las (POLIENO. *Strategica*. Livro I, Introdução).

Ao analisarmos os trechos, observamos que os truques para passar uma falsa impressão ao inimigo, antes usados para garantir um elemento de ataque surpresa, nesses *exempla* tornam-se subterfúgios para se obter uma vantagem de marcha sobre o inimigo perseguidor. No mundo antigo toda perseguição a exércitos exigia uma logística tremenda, sendo necessário encurralar o inimigo em outra área onde fosse possível oferecer combate, dependendo do tipo de táticas praticadas pelo exército perseguidor isso envolveria uma vasta planície. Isso exigia dos comandantes e de seus conselheiros um bom conhecimento da região em que se estava, pois era necessário consultar mapas e antever a geografia dos locais para onde se dirigia a perseguição. Soma-se a esta dificuldade a necessidade de levantar acampamentos sempre que os homens estivessem exaustos de sua marcha. Isto criava, como podemos observar nos dois autores, situações intensas, que exigiam muito dos comandantes, já que fica claro na documentação que muitas vezes o acampamento do exército perseguido tinha contato visual com o acampamento do perseguidor, o que podia instaurar medo e grande apreensão nos soldados³⁷. A retirada de tropas não envolvia somente manobras táticas, mas discursos e

³⁷ Não estamos aqui aplicando anacronicamente conceitos da psicologia moderna ao mundo antigo, mas apenas comentando algo que aparece nas próprias fontes. O próprio Frontino dedica um capítulo do seu

atitudes que encorajassem as tropas, motivando-as na fuga e na possibilidade de se recompoem como força bélica novamente.

Os *exempla* acerca da retirada de tropas, que selecionamos, representam um padrão da conduta exortada pelos dois autores neste tipo de situação. O caso de Clearco ensina a se aproveitar de um tratado de paz para retirar. É interessante notar a necessidade do general grego ter paciência, pois ele necessita aguardar que o exército persa de disperse totalmente para só então concretizar o estratagema retirando-se, agora sem o risco de ser perseguido. Os persas que na confiança de que o tratado seria cumprido dispersaram seu exército, agora tinham pouquíssimas chances de alcançar os gregos, porque dada as características de seu exército, composto no seu grosso por súditos do rei vindos das mais diversas partes, como afirma o próprio Polieno, não tinha velocidade o suficiente para se mobilizar novamente e voltar a perseguir.

Ifícrates, em uma situação completamente adversa, utiliza o ambiente a sua volta a seu favor. Como seu exército já estava em número reduzido, devido à derrota, lhe era possível utilizar de um bosque para se esconder. Provavelmente ordenando a alguns de seus homens gerar ruídos em uma outra parte do bosque, aproveitando-se da escuridão da noite passa uma falsa impressão ao inimigo, que ao cair no truque oferece fuga sem resistência a Ifícrates e seus homens. O mesmo general, que vale lembrar aparece selecionado aqui duas vezes pelo fato de Polieno compilar 63 *exempla* que os tem como protagonista, executa uma retirada complexa, na qual utiliza diversos preceitos que recorrem em *Strategica* em uma mesma ocasião. Inicialmente é detectável a boa escolha do local do acampamento por parte de Ifícrates que o monta em uma região cercada por barreiras naturais e por isso mais fácil de ser vigiada. Havendo somente um ponto de acesso ao local do acampamento, fica óbvio que os trácios atacaram por aquele local.

primeiro livro para ensinar os comandantes a lidar com o medo de seus soldados (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, XII).

Ifícrates então começa a preparar um truque que passará ao inimigo a falsa impressão de que ele e seus homens estão no acampamento quando de fato estariam escondidos em um bosque. Mais uma vez há a exortação à calma por parte do comandante que precisa esperar que os inimigos, no caso os trácios, invistam sobre o acampamento falso para só então executar sua fuga. Note que Polieno faz questão de comentar que Ifícrates cruza a ponte “tranquilamente”, um adendo retórico para provar ao leitor o quanto a forma astuciosa de se lidar com o problema é mais interessante que o confronto direto. Também fizemos este comentário na intenção de reafirmar nossa discordância com a afirmação de Francisco Martín Garcia, que diz que Polieno “[...] jamais expressa sua opinião pessoal.” (MARTÍN GARCIA, 1991, p. 162). Ao adjetivar as situações propostas nos resumos dos *exempla* compilados, Polieno já está obviamente demonstrando sua opinião acerca do narrado.

O mesmo estratagema protagonizado por Ifícrates é apresentado novamente, só que desta vez protagonizado pelo general Cabrias, que, se utilizando das fogueiras e do barulho do vento nas tendas, passa aos espartanos a impressão de que ainda está acampado com suas tropas. O interessante neste *exemplum* é Polieno ter narrado a declaração de Agesilao reconhecendo magnificência do ardil de Cabrias. Com a frase de Agesilao, o autor nos parece querer endossar o poder do estratagema, pois, diante de sua eficácia, o inimigo só pode admitir que foi enganado e louvar a astúcia alheia. Mais uma vez há nas entrelinhas a afirmação de que um general magnífico é aquele que se utiliza da astúcia e do engano.

Mitrídates, em estratagema narrado por Frontino, encobriu totalmente as suspeitas de sua retirada não só escondendo os preparativos comuns de se levantar acampamento, mas também procedendo com diversas práticas das quais podia se deduzir que ele não iria a lugar algum. Ao marcar diversas reuniões para uma data subsequente,

Mitrídates blefa sobre seu posicionamento e com as fogueiras acesas passa uma falsa impressão sobre o posicionamento de seus homens. Segundo Frontino, o efeito do blefe do comandante concede a ele a regalia de fugir passando mesmo ao lado do inimigo. Artabazo, por sua vez, escapa ileso da retaliação dos tessálios, fingindo ter assuntos urgentes e secretos a tratar com o rei da Trácia, jogando a expectativa por notícias dos resultados da guerra ao exército de Mardonio que vinha atrás. Polieno afirma que o “engano da vitória” permitiu a Artabazo cruzar a Tessália.

A astúcia também pode proporcionar uma retirada segura por outros meios que não a falsa impressão. É o caso de Creso, narrado por Polieno, que criou uma barreira de fogo no caminho, impedindo que o inimigo o perseguisse ao amanhecer. O bom conhecimento das unidades disponíveis também aparece como de fundamental importância. O sucesso do estratagema de Creso concentra-se na utilização dos cavaleiros que ficam para trás com a função de atear o fogo. Eles são as únicas unidades do exército capazes de tirar o atraso decorrente de terem ficado para trás. É claro que em algum momento os homens de Ciro conseguiriam controlar aquele fogo, no entanto, os homens de Creso já teriam uma vantagem de marcha praticamente intransponível para o exército de Ciro. Trífon, em *exemplum* narrado por Frontino, utilizou um princípio de ação estratégica semelhante, o de impedir que o exército perseguidor avançasse, mas não se utilizou de chamas intransponíveis e sim da atração dos homens pelo dinheiro. Ao deixar dinheiro espalhado pelo caminho o rei da Síria, promoveu o caos nas fileiras inimigas, que além de pararem para recolher o dinheiro, muito provavelmente ainda lutaram entre si por ele.

E ainda há casos extremos aonde não há possibilidade mesmo de uma retirada em formação, como é o caso de Quinto Sertório, narrado por Frontino, que, a nosso ver, nessa situação, dispersou seu exército, porém, com um ponto de encontro marcado

antecipadamente. Os soldados dispersos, inúmeras vezes mais difíceis de perseguir do que um exército formado, escaparam despistando o inimigo.

O exército em retirada ainda pode passar ao inimigo a impressão de que uma perseguição pode ser a pior escolha. É o caso do *exemplum* protagonizado pelos cartagineses e narrado por Frontino. Os cartagineses passam aos seus perseguidores romanos a falsa impressão de que estão com suas naus encalhadas; os romanos, que caem no truque, fazem o mais lógico e interrompem a perseguição às naus cartaginesas, que de qualquer forma, para a impressão dos romanos, já estavam mais que derrotadas pelo encalhamento.

Podemos observar, então, que quando o assunto é retirada de tropas recorre tanto em *Strategica* quanto em *Stratagemata* a exortação ao uso de truques que passem uma falsa impressão ao inimigo quanto ao posicionamento do exército, retirando assim vantagens espaciais. O blefe e a mentira também são apresentados como armas imprescindíveis na retirada eficiente de tropas. Amarrando tudo isso a esta exortação à calma e à paciência, pois uma característica comum a todos estes estratagemas é a de que eles só surtem efeito quando executados no momento ideal, toda a cautela é pouca. Fato é que os leitores de Polieno e de Frontino puderam encontrar em seus compêndios não só exemplos de como a inteligência astuciosa e o engano poderiam servir à vitória, mas também de como estes poderiam amenizar as derrotas.

3.4 USO DE RECURSOS NATURAIS

“Alcibíades enfrentava os siracusanos. Havia no meio dos acampamentos umas samambaias secas e frondosas. Como se levantava um vento muito forte que soprava nas costas dos aténienses e nos inimigos de cara, fez com que se atésse fogo nas samambaias; e ao entrar a fumaça nos olhos dos siracusanos, conseguiu uma retirada total destes” (POLIENO. *Strategica*, Livro I, 40.7).

“Quando Timoteo acampava em torno de uma cidade, limitava a seus soldados o lugar onde forragear e deixava livre o resto da região e o quanto de aproveitável havia nela. E não permitia destruir nenhuma casa e nem granja alguma; e mais; nem cortar árvore frutífera, salvo colher seus frutos. E o resultado desta estratégia era a seguinte: se vencia, recolhia mais tributos e, se a guerra se prolongava, tinha muitíssimas provisões e acantonamentos. E o melhor de tudo: ganhava-se muita simpatia por parte dos inimigos” (POLIENO. *Strategica*, Livro III, 10.5).

“Clearco, decidiu matar muitos cidadãos, como não tinha um pretexto, recrutou homens desde os dezesseis anos até os sessenta e cinco para uma campanha em plenos dias nefastos, como se fosse sitiada a cidade de Ástaco. E quando chegou a Ástaco, ordenou aos cidadãos que acampassem em lugar pantanoso, sem ventilação e de águas estancadas, com o encargo de vigiar se não iriam aparecer os trácios por aquela região. E ele, como se fosse se encarregar da parte penosa do assedio, ocupando com os estrangeiros lugares altos e com boa sobra e correntes de água, acampou e prolongou o assedio até que o pântano nocivo matasse a todos no acampamento durante o verão. E quando todos morreram, então levantou o acampamento com os mercenários e atribuiu a culpa da morte dos cidadãos à peste” (POLIENO, *Strategica*, Livro III, 30.3).

“Filopomén estava sendo perseguido pelos lacedemônios. E quando estava a ponto de ser alcançado, depois de cruzar o Eurotas, ordenou a seus cavaleiros desmontar de seus cavalos e que parassem no rio, em um lugar frondoso e com muito bosque. Os lacedemônios, ao ver

que era muita ousadia, dos quais haviam desmontado dos cavalos e davam-lhes de beber, suspeitaram que muitos aliados de Filopomén estariam escondidos no bosque e, não se atrevendo a cruzar o rio, deram meia volta.” (POLIENO. *Strategica*, Livro VI, 4.2).

“Quando Mario travou combaté com os cimbrios, que vinham de lugares frios, sabia que poderiam suportar o frio e a neve, mas o calor e o sol de forma alguma. Era, realmente, o mês de agosto. Mario ocupou antes da batalha o lugar situado às costas dos inimigos; os bárbaros, ao dar a volta com o sol de cara, como não suportavam o resplendor que lhes dava de frente, suando muito por causa do calor e arquejando, colocavam os escudos diante do rosto por não suportar a força do sol, e os romanos, erigindo seus corpos sem proteção, os destroçaram.” (POLIENO. *Strategica*, Livro VIII, 10.3).

“Quando nosso exército se preparava para atravessar a floresta de Lítana, os Boémios cortaram árvores pela base, deixando-as apenas presas por um pequeno pedaço de madeira, para poderem ser empurradas. Depois, os Boémios esconderam-se no outro extremo da floresta e, assim que os nossos homens nela entraram, empurraram as árvores mais próximas, que foram derrubando as outras em cadeia. Deste modo, infligiram um desastre aos Romanos, destruindo uma grande força” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, VI.4).

“Quando Metelo Pio se encontrava em guerra com Hirtuleio, na Hispânia, este formou as suas tropas logo após o nascer do dia e conduziu-as aos entrancheamentos do adversário. Metelo manteve as suas forças no acampamento até o meio-dia, pois o tempo estava extremamente quente nessa altura do ano. Depois, quando o inimigo se viu vencido pelo calor, ele derrotou-o facilmente porque os seus homens estavam fracos enquanto os seus conservavam ainda toda a sua força” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro II, I. 2).

“Quando Gaio César se preparava para enfrentar Farnaces, filho de Mitrídates, formou a sua linha de batalha numa colina. Esta ação facilitou-lhe a vitória, já que os dardos, lançados de uma posição superior

sobre os bárbaros, que carregavam encosta acima, provocaram uma debandada imediata” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro II, II. 3).

“Em Numistrão, prevendo Aníbal uma batalha contra Marcelo, assenhorou-se de uma posição onde tinha o flanco protegido por vales e caminhos à beira de precipícios. Assim, ao transformar o terreno numa defesa, saiu vitorioso sobre um comandante muito afamado” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro II, II. 6).

“Na sua batalha contra o ateniense Hípias, o espartano Cleómenes descobriu que a força principal do inimigo estava em sua cavalaria. Deste modo, derrubou árvores e encheu com elas o campo de batalha, tornando-o intransponível pela cavalaria” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro II, II.9).

Para um homem que possuísse alguma posição de comando militar na Antiguidade, conhecer os recursos naturais e utilizá-los com astúcia era de fundamental importância, pois, lembremo-nos, tratamos aqui de um mundo completamente cercado pelo natural. Os ambientes naturais foram o palco da quase totalidade dos combates travados no mundo antigo, salvo as batalhas de cerco, que se davam inicialmente em torno dos muros e posteriormente no interior das cidades, todas as batalhas aconteciam em ambientes naturais como planícies e mares. Essas observações, a nosso ver, tornam claro o motivo da escolha por parte de Frontino e Polieno de tornar a utilização de recursos naturais um dos padrões que se repetem ao longo de suas obras.

Os recursos naturais estão dispostos para ambos os lados em situações de guerra, por isso mesmo é mérito do comandante tomar posse desses recursos antes de seu adversário. Mais do que se antecipar é necessário também que o comandante saiba tirar proveito destes recursos. Ao longo de *Strategica* e *Stratagemata* são compilados diversos *exempla* sobre os usos astuciosos da natureza, que poderiam ser emulados pelos leitores. As formas de fazê-lo, indicadas pelos autores, são as mais diversas. Alcibíades

combinando duas forças naturais, o fogo e o vento, com folhas secas de samambaias presentes no local da batalha, cria uma cortina de fumaça móvel que dispersa eficientemente o inimigo. Mais uma vez percebemos a batalha sendo evitada, desta vez por uma medida astuta que soube combinar vários recursos naturais a seu favor.

Há também exemplos de como aproveitar melhor os recursos naturais em guerras de cerco, como é o caso de Timóteo, que não permitia que seus soldados devastassem as regiões circunvizinhas à cidade cercada, pelo contrário estabelecia planos de utilização dessas áreas de forma a aproveitar os recursos naturais do local de maneira sustentável. Isso garantia ao comandante uma maior autonomia de cerco, além de maior butim ao fim da guerra e da admiração dos sitiados, fator de fundamental importância na hora de se estabelecer o governo da cidade recém-conquistada. Observem-se quantas vantagens Polieno demonstra, através do *exemplum* de Timóteo, ser possível obter apenas com uma boa estratégia de conservação do local.

Filopomén, por sua vez, utilizou-se dos recursos naturais para passar uma falsa impressão a seus inimigos. Demonstrando calma e tranquilidade frente a uma situação de perseguição, ele faz com que seus inimigos criam que ele está armando uma emboscada, tendo uma pretensa força aliada escondida no bosque, que de fato não existe. Este jogo de impressões é extremamente recorrente em *Stratégica* e, para Polieno, o general ideal é aquele que domina as regras e as execuções deste jogo.

Clearco e Mário utilizaram o ambiente para provocar baixas aos inimigos. Clearco direcionou a insalubridade dos pântanos contra seus inimigos políticos. Os homens utilizando-se de águas putrefatas, comuns aos pântanos, para suas necessidades básicas, foram vitimados não por uma, mas muito provavelmente, por diversas doenças decorrentes de falta de condições básicas de saneamento. Já Mário se aproveitou da falta de costume dos címbrios quanto ao calor e assumindo uma posição contrária a da luz

solar penalizou-os com a incidência direta dos raios que os forçavam a erguer seus escudos, deixando o tronco sem guarda, conseqüentemente expondo a parte mais vulnerável de seus corpos.

Por parte de Frontino também temos diversos *exempla* que podem ser emulados para produzir destruição no exército inimigo utilizando-se de recursos naturais. Os boêmios destruíram uma grande força romana criando uma armadilha que mais parece um dominó de árvores. Prevendo a chegada dos romanos, eles cortaram centenas de árvores até o ponto em que apenas o peso vertical da madeira sustentasse a árvore. Quando os romanos penetraram na floresta bastaram alguns empurrões para que a floresta da Lítana literalmente desmoronasse sobre os legionários. Exorta-se também a utilização do sol como arma no trecho que narra o *exemplum* de Metelo Pio, que não ofereceu combate logo pela manhã, mas manteve-se no seu acampamento até que os soldados inimigos estivessem esturricados pelo forte sol do meio dia que brilhava nessa época do ano. Assim seu exército obteve grande vantagem, lutando descansado e fresco contra um exército desgastado pelo calor.

Os *exempla* de César e Aníbal são elencados por Frontino para demonstrar como o terreno pode ser utilizado de maneira vantajosa. No caso de César a estratégia está em posicionar-se em terreno elevado, o que por motivações de ordem física faz com que todo o arremesso de projéteis por parte dos legionários se torne mais eficiente quanto ao dano que causa, além desta vantagem soma-se ainda o fato dos homens de Farnaces terem de subir a colina para dar combate corpo a corpo aos legionários, oportunidade esta em que eram igualmente alvejados pelos *pila* arremessados pelos legionários. Já Aníbal usou a geografia do local à sua volta para criar uma barreira natural que o impedia de ser flanqueado. Segundo Frontino, essa estratégia o ajudou a sair vitorioso mesmo contra Marcelo, um comandante famoso. Os desfiladeiros que poderiam ser facilmente

encarados como problemas são transformados em soluções pela inteligência inventiva do bom general. São essas as práticas que ambas as coleções de estratégias estão incentivando.

Por fim, o ambiente além de servir como uma vantagem para seu exército, pode também ser convertido pelo uso da inteligência astuciosa em um local de desvantagem para o inimigo, conforme *exemplum* apresentado por Frontino, que narra a perspicácia de Cleoménes em perceber que poderia simplesmente anular a principal unidade de batalha inimiga espalhando troncos de árvores ao longo do campo de batalha. O inimigo teve suas manobras de cavalaria totalmente prejudicadas, o exército espartano, por sua vez, característico pela infantaria pesada e não pela cavalaria, continuou detentor de sua eficiência.

Reiteramos que estas situações apresentadas e comentadas aqui não estão isoladas em alguns trechos das duas obras. Elas se repetem em seus princípios tendo sua diferença marcada apenas pelos protagonistas. Baseando-nos nisso, afirmamos que a utilização estratégica dos recursos naturais disponíveis no campo de batalha era tida como uma habilidade fundamental do comandante, totalmente necessária, pois, segundo esses autores, poderia tanto evitar a batalha quanto se tornar potente arma ou escudo durante a mesma.

3.5 CONDUTA DE UM BOM GENERAL

“Em uma ocasião em que o lacônio Arxilaidas ia percorrer com seu exército um caminho suspeito, não por saber de antemão que o era, sim porque calculava que podia ser, informou ao exército, como si previamente conhecesse; e ordenou a seus homens caminhar prontos para o combate, alegando que os inimigos estavam emboscados. Ao encontrar-se por causalidade com uma grande emboscada [...] ele, antecipando-se atacou e eliminou facilmente a todos os emboscados, a quem venceu por sua estratégia de ter-se preparado antes”.(POLIENO. *Strategica*, Livro II, 8).

“Os atenienses sitiavam Tasos. Os tasiois promulgaram esta lei <<Aquele que propor pactuar com os atenienses, seja condenado à morte>>. O tasio Hegetórida, ao ver que muitos cidadãos haviam perecido na longa guerra e na fome, colocando uma corda em volta do pescoço e entrando na assembléia, disse <<Concidadãos façam comigo o que quiserem e acharem conveniente, mas pelos cidadãos que ficam, os salvem derogando a lei com minha morte>>. Os tasiois, ao ouvir isso, não só derogaram a lei como perdoaram a vida de Hegetórida. (POLIENO. *Strategica*, Livro II, 33).

“Depois da batalha, Ificratés dividia o capturado entre cada um de acordo com seus esforços. E se recebia hospitalidade das cidades, também os repartia a cada um, não só de um em um, mas também por povos, companhias e armas, uns a cavaleiros, outros a hólitas e outros a infantaria ligeira. Antes da batalha, depois de ordenar silêncio mediante o arauto, anunciava um prêmio para o que se destacasse entre os hólitas, e o mesmo entre os cavaleiros ou peltastas, e sucessivamente entre todos os corpos. É claro, honrava com lugares de honra nas festas e espetáculos a quantos eram mais valorosos que os demais. Empregava toda esta tática para fazer os soldados mais bravos ante os perigos” (POLIENO. *Strategica*, Livro III, 9.31).

“Alexandre ganhava a simpatia de todos os homens com um stratagema: decidiu, efetivamente, chamar a todos << Alexandros>> em lugar de mortais, varões, seres humanos ou terrenos e homens” (POLIENO. *Strategica*, Livro III, 3.1).

“Felipe levava a cabo seus planos mais com trato pessoal do que com a guerra. E por Zeus! Se orgulhava mais pelo que obtinha com as palavras que com as armas; pois destas os soldados participavam com ele, enquanto naquelas ele intervinha sozinho” (POLIENO. *Strategica*, Livro IV, 2.9).

“Cassandro sitiava Salamina, e a tempo também combatia pelo mar com os atenienses. Havendo eles vencido em combate, soltou

sem resgate quantos salaminos capturou com os atenienses. E interados disto os habitantes de Salamina, se submeteram a Cassandro, confiados em sua magnanimidade” (POLIENO. *Strategica*, Livro IV, 11.1).

“Escipión, depois de tomar pelas armas Enusa, uma cidade da Ibéria, quando os encarregados do botim lhe levaram uma donzela de extraordinária beleza, mandou buscar o pai e o devolveu sua filha. E como lhe levaram presentes, ele também os doou, dizendo que era o dote para a moça. E a quantas mulheres de nobres, ou suas filhas e filhos em plena juventude foram feitos cativos, os colocou a frente dos romanos mais velhos e sensatos, que os levando as suas posições repartiam viveres entre os prisioneiros segundo sua classificação. A prudência de Escipión fez amigas e aliadas dos romanos voluntariamente muitas cidades ibéricas.” (POLIENO. *Strategica*, Livro VIII, 16.6).

“César não controlava todas as faltas dos soldados, e nem se quer castigava de uma forma adequada aos que faltavam, por considerar que o perdão engendrava valor. Mas se alguém desertasse ou abandonasse seu posto, não o deixava sem castigo” (POLIENO *Strategica*, Livro VIII, 23.21).

“Quando algumas legiões de Gaio César se amotinaram, parecendo que ameaçariam a vida do seu comandante, ele escondeu o medo e, de rosto carrancudo, avançou até junto dos soldados e desmobilizou prontamente quem assim o quis. Mas logo que estes homens se viram desmobilizados, o remorso fez-lhes pedir desculpa ao seu comandante e jurar-lhe uma maior lealdade a empreendimentos futuros” (FRONTINO. *Stratagemata*. Livro I, IX. 4).

“Quando o mesmo Sertório viu os seus homens a exigirem temerariamente o sinal de combate, e pensou que eles desobedeceriam se recebessem a ordem de não atacar, autorizou um esquadrão de cavalaria a avançar para flagelar o inimigo. Quando estas tropas se viram em dificuldade, ele enviou outras em seu socorro, salvando-as. Assim lhes mostrou, com mais segurança e sem prejuízos, qual seria o resultado da batalha que tinham exigido. Depois disto, os seus homens revelaram-se muito mais obedientes” (FRONTINO. *Stratagemata*. Livro I, X. 2).

“Numa ocasião onde as tropas hesitavam, Marco Fúrio Camilo, tribuno militar com poderes consulares, pegou num porta-estandarte³⁸ pela mão e levou-o até as fileiras dos Volscos e Latínos. As restantes tropas, envergonhadas, seguiram-nos.

Em Munda, quando as tropas cederam, o deificado Júlio ordenou que afastassem o seu cavalo e avançou para a primeira linha como um infante. Os homens, envergonhados por abandonarem o seu comandante, renovaram a peleja” (FRONTINO. *Stratagemata*. Livro II, VIII. 4-5).

A conduta de um bom general é um dos padrões de *exempla* que mais se repetem tanto em Polieno quanto em Frontino. Ao longo dos oito volumes de *Strategica* e dos quatro de *Stratagemata*, elucida-se a forma pela qual um general deve agir, não só perante suas tropas, mas também perante políticos e suas assembléias. É importante lembrarmos que na Antiguidade Clássica era um fato comum generais terem cargos políticos e participarem ativamente da vida pública de seus povos. Mediante esta constatação é de fácil compreensão o motivo pelo qual Polieno e Frontino compilaram tantos trechos referentes a discursos de generais perante assembléias e reis. É o caso de Hegetórida, narrado por Polieno, no trecho em questão os tássios haviam promulgado uma lei que impedisse qualquer cidadão de ao menos tentar propor uma negociação com os atenienses, com os quais estavam em guerra. No entanto, Hegetórida decidiu agir a

³⁸ “Uma característica peculiar do exército romano é a imensa importância simbólica do *signa*, as bandeiras: Estandartes e bandeiras desempenharam um papel de destaque tanto no quotidiano e na vida cultural das tropas. Elas eram onipresentes em todos os rituais - o juramento de serviço era feito diante delas, os sacrifícios eram feitos em sua presença, e as paradas foram guiadas por elas. Os *signa* eram símbolos do espírito regimental e fulcros de orgulho regimental. As estandartes prendiam em seus eixos o nome do regimento e as decorações que tinham sido concedidas pelo Imperador no decurso do seu serviço. O Vexilla, assemelhando-se a padrões modernos, exemplos dos quais são conhecidos por terem sido as bandeiras de unidades inteiras, levava o nome da unidade sobre o pano. A menção, nas inscrições, de *legionis victoria* (vitórias da Legião), *honor* (honra), e *legionis virtus* (valor ou força da legião) num contexto que pertence ao culto de bandeira não são acidentais (CIL 13,6749, CIL 3,7591). As façanhas da história do regimento foram proferidas, como modelos para a emulação, como pode ser visto na *XIV Legio Martia Victrix*, que foi considerada como a conquistadora da Grã-Bretanha e considerava-se invencível (Tácito, Hist. 2.11.1; 5.16. 3)” (STOLL, 2007, p.457). O estandarte pode ser visto, então, como um objeto identitário de forte apelo para as Legiões, com conotações inclusive religiosas. A perda deste objeto, ou mesmo a possibilidade dessa perda, causaria nos homens um misto de emoções que poderia ser utilizado a favor do comandante ou mesmo poderia prejudicá-lo. Segundo Tácito, a perda de um estandarte *Aquila* é uma desgraça para a Legião (Tácito, Hist.3.22.4).

despeito da sentença de morte eminente, pois, a seu ver, a continuação da guerra era inútil haja vista o grande número de cidadãos mortos pelas batalhas e pela fome. Para tal ação, Hegetórida usa o que para Polieno é um estratagema. Com uma corda em volta do pescoço, o personagem já passa a impressão de entrar na assembléia ciente de sua pena. Ele não intenta desrespeitar a lei e sair impune, e nessa condição de humildade perante a assembléia ele propõe pactuar com os atenienses por motivos que novamente são os do conjunto e não os dele. Com este estratagema retórico, Hegetórida não só conseguiu revogar a lei que impedia as negociações como também teve sua vida conservada. Este tipo de situação apresentado como sendo um estratagema é muito comum em *Strategica*, já que seu autor foi um advogado e retórico e fazia parte da rotina de Polieno lidar com situações semelhantes (POLIENO. *Strategica*, Livro II, Introdução).

Nota-se também que ambos os manuais exortam os comandantes a tratar seus soldados com certo respeito, sempre que possível recompensando-os pelo esforço, visando com este tratamento diferenciado manter as tropas coesas e animadas. São os casos dos trechos de Alexandre e César. No caso de Alexandre, Polieno considera como sendo um estratagema o fato do general tratar seus soldados por uma nomenclatura que promovia a inclusão do indivíduo no corpo do exército. Ao se juntar ao exército de Alexandre, o soldado não seria mais um homem ordinário, mas sim um “Alexandro”. Para Polieno, isto fazia com que o general ganhasse a simpatia de todos. No *exemplum* de César, temos a exortação para que o comandante não fosse tão rigoroso com os seus soldados, pois o perdão geraria um valor diferenciado nos soldados, gerando um vínculo entre o comandante e seus comandados. Porém, deve se observar que esse perdão tem de ser administrado em certa medida, pois há faltas que se não forem castigadas podem acarretar na perda do controle moral das tropas, como é o caso das faltas que, segundo Polieno, César não deixava sem punição, a saber, deserção e abandono de posto.

Com o *exemplum* de Ifícrates, os comandantes são exortados a emular uma relação de distribuição justa do butim aos seus comandados. Polieno ressalta que todo o trabalho que Ifícrates tinha em premiar os destaques de cada companhia era revertido em soldados mais bravos ante os perigos. Ao reservar lugares de honra em festas e espetáculos para seus melhores homens, Ifícrates garantia também lealdade e desenvolvia o sentimento de pertencimento dos soldados à sua liderança. Os manuais com esses exemplos exortam os leitores a tratarem bem seus soldados e liderarem pela empatia e não pelo medo e coerção.

O agir com respeito também para com os inimigos é elucidado por Polieno, pois, como aparece em vários exemplos de *Strategica*, a dominação e a tributação as quais os inimigos eram submetidos posteriormente se tornavam mais fáceis e baratas caso os inimigos nutrissem algum tipo de respeito pelo comandante que os havia conquistado. Como podemos observar no caso de Cassandro, que ao soltar os salaminos capturados sem exigir resgate, obteve vantagem ao submeter aquele povo, que segundo Polieno, confiava em Cassandro graças à sua magnanimidade, demonstrada pela atitude anterior. Escipión, da mesma forma, conseguiu para os romanos alianças com diversas cidades ibéricas ao demonstrar prudência na administração do pós-guerra. A notícia da forma como ele tratou os nobres da cidade de Enusa correu as cidades da Ibéria, que certamente preferiram se aliar a um comandante tão prudente como Escipión a terem que enfrentar as legiões romanas.

A exortação à capacidade de resolver problemas sem a necessidade de recorrer às armas é uma constante em ambas as coleções de estratégias. Os vários trechos que incentivam essa prática encontram um bom termo no *exemplum* de Felipe da Macedônia que, segundo Polieno, se orgulhava muito mais das vitórias conseguidas com palavras, pois destas os soldados não participavam, ficando assim a glória toda para ele.

Nas obras de Polieno e Frontino, o comando de um exército não deve ser considerado como apenas o poder de vencer pela coerção física, mas também como pressuposto de negociação. É claro que sem o comando do exército macedônio Felipe não teria influência suficiente ao ponto de suas palavras terem este poder, porém a questão é: se o comando militar oferece este tipo de regalia por que não fazer bom uso desta vantagem? A nosso ver esta é uma das questões que as coleções de estratégias querem inculcar a seus leitores.

Os manuais militares em questão carregam uma visão holística da função de comandante militar. Eles trazem instruções não apenas para o momento anterior à batalha ou do próprio embate, mas para todo processo que envolve uma campanha militar, o que inclui desde sua preparação política, nas assembléias e conselhos, ao que pode ser feito mediante uma derrota e, nos casos analisados acima, mediante uma vitória. De um bom general não é exigido apenas que se vença o inimigo, mas também que se saiba administrar essa vitória. No caso de *Strategica*, que é escrita diretamente para os Imperadores, essa virtude é essencial. Um Imperador romano pode até contar com bons Cônsules na hora da guerra, mas as decisões posteriores recairiam invariavelmente em seus ombros.

Outro aspecto de liderança que as obras incentivam é o saber o momento certo de proceder ao ataque. No caso da guerra antiga isto não envolve somente perceber o momento de maior vulnerabilidade do inimigo, ou de maior eficiência das suas tropas, mas inclui também um difícil jogo de liderança das tropas. Como podemos ver no exemplo de Sertório, este comandante teve de lidar com uma ansiedade temerária de seus homens, que queriam lançar-se em combate em momento inoportuno. Às vezes esses rompantes não poderiam ser contidos mesmo pela autoridade do comandante, que precisava literalmente convencer seus homens de que aquela não era de fato a hora

correta de oferecer combate. Sertório, demonstrando conhecimento de suas unidades, seleciona as mais ligeiras e as envia ao combate, como uma espécie de exemplo. A cavalaria, como já antevisto por Sertório, precisa de ajuda e é socorrida, ao ponto que prova na prática para seus comandados que de fato ainda não era a hora correta de atacar. Polieno, então, afirma que ao ver na prática que seu comandante estava certo em sua cautela, os soldados passaram a obedecer mais ainda a Sertório, que de certa forma convenceu seus homens com bons argumentos, ao invés de simplesmente coagi-los. Antever o momento do combate também é um dos padrões que se repetem nos manuais. A precaução de Arxilaidas lhe rendeu vitória contra a emboscada. Ele blefa com seus homens sobre o ataque surpresa que lhes aguarda e assim os deixa realmente atentos, diferente de dizer que poderia vir a acontecer um ataque, pois a possibilidade suscitaria o descaso. Como o local oferecia condições para a emboscada, Arxilaidas apostou em uma probabilidade para qual não teria prejuízos. Caso o ataque não tivesse acontecido, ele só precisaria dizer que os inimigos, frente à grandeza do seu exército, desistiram da tocaia. Esse jogo de blefe e probabilidades é uma constante em ambos os manuais militares.

Um problema oposto a um dos que foram observados acima também pode ser resolvido fazendo-se uso da inteligência astuciosa. No caso, e quando as tropas não querem atacar, o que fazer? Os manuais também apresentam *exempla* que sugerem atitudes de comandantes famosos que passaram por esta situação e saíram dela com êxito. Basicamente os autores exortam a constranger os soldados, colocar suas dignidades de guerreiro em jogo. É o caso de Marco Fúrio Camilo, que diante de suas tropas hesitantes, puxou um porta estandarte pela mão, assim dando ele mesmo início ao combate. Frontino narra que, diante da atitude de seu comandante, as tropas envergonhadas seguiram-no. De modo muito semelhante, Julio César ao ver suas tropas cederem ao medo desceu de

seu cavalo e lançou-se à primeira fileira como um soldado de infantaria. As tropas ao verem seu comandante tomando tal atitude constrangeram-se e voltaram a combater.

Das práticas elucidadas a um bom general, temos ainda nos compêndios o lidar com os motins que surgem no interior das tropas. Frontino apresenta mais uma vez Júlio César, que diante de um motim, esconde o medo, e com uma expressão severa caminha em direção aos amotinados para os desmobilizar pessoalmente. É interessante notar que o comandante não precisa de fato ter uma coragem inabalável, mas sim manter em segredo os sentimentos que não convém transparecer, como no caso o medo, e agir prontamente, não esperando ou ordenando que outros enfrentem os rebeldes, mas fazendo isso pessoalmente. Segundo Frontino, a atitude de César fez com que os soldados se desculpassem e ainda lhe rendeu maior lealdade destes em eventos futuros.

Assim, a conduta de um general, no padrão das obras de Polieno e Frontino, está diretamente ligada às possibilidades de comando tanto militar como político, que aconteciam anteriormente e posteriormente às batalhas. Como já dito antes, a estratégia para estes autores extravasa os campos de batalha e alcança também a lida cotidiana com os soldados nos acampamentos, nos locais de estacionamento de tropas e nas longas e penosas viagens de campanha.

3.6 MANUTENÇÃO DA MORAL DAS TROPAS

“Agesilao estava a ponto de entrar em combate em Coronêa. Chegou um anunciado: <<Pisandro jaz morto, e o almirante dos lacedemônios, derrotado por Farnabazo>>. Pois bem, para que o desânimo e o medo de nenhum modo tomassem o exército, Agesilao ordenou aos mensageiros: <<Anunciai aos soldados o contrário: os lacedemônios venceram no mar>>. Mas também avançou coroando, sacrificou pela boa nova e distribuiu entre seus amigos porções das vítimas. Os soldados, ao ouvir e ver isto, recobrando mais ânimos, entraram em combate em Coronêa com maior ardor” (POLIENO. *Strategica*, Livro III, 1.3).

“Vendo Ificrates a oportunidade de um ataque com o frio e o gelo, queria sacar os soldados ao combate. Porém como não estavam dispostos a isto por causa da pouca roupa e do frio, ele, depois de colocar uma vestimenta ruim e mais pobre que o dos demais, indo pelas tendas, animava a atacar os inimigos. E eles, ao ver que o general, vestido e calçado humildemente, se esforçava pela salvação de todos, o acompanharam com animo” (POLIENO. *Strategica*, Livro III, 9.34).

“Quando Alexandre sitiava Tiro, decidido a chegar aos muros dos tirios com um grande aterro, colheu ele o primeiro cesto de terra e colocou-o perto da margem. Os macedônios, quando viram o rei trabalhando em pessoa, arregaçando seus próprios mantos, levantaram rapidamente o montão de terra” (POLIENO. *Strategica*, Livro IV, 3.3).

“Alexandre, ao ver que em seu primeiro enfrentamento com os persas os macedônios se entregavam, ia percorrendo as fileiras a cavalo e gritava <<Adiante uma vez mais, macedônios, adiante com valentia uma vez mais!>> E ao produzir-se, efetivamente, uma grande investida os bárbaros foram postos em fuga. De tão pouco [se disse], dependeu então a vitória” (POLIENO. *Strategica*, Livro IV, 3.8).

“Como os peloponésios vigiavam as fronteiras, Polisperconte animava seus soldados ante o perigo. Depois de por um chapéu arcádio, vestir uma capa e um broche velhos e pegar um bastão, lhes disse: <<Tais precisamente são, camaradas, contra quem vamos combater.>> E retirando estas coisas e voltando a por a armadura, disse: << E os que vão guerrear contra eles são estes que até agora tem vencido em muitas e importantes contendas>>. Os soldados, ao ouvi-lo, o pediram que não se atrasasse, senão que os levasse ao local do combate” (POLIENO. *Strategica*, Livro IV, 14).

“O etólio Timarco, depois de desembarcar em um lugar populoso da Ásia, para que não fugissem os soldados perante o numero dos inimigos, queimou os navios. E eles, como não tinham esperanças de fugir, lutaram valentemente e venceram” (POLIENO. *Strategica*, Livro V, 25).

“César, se via inquietos os soldados por esperar-se uma força maior de inimigos, de nenhuma forma negava o fato, senão que, dando ênfase e até mesmo exagerando, os animava, por ser preciso lutar mais valentemente quando são mais os contrários” (POLIENO *Strategica*, Livro VIII, 23.19).

“Fúlvio Nobilitor, vendo-se na necessidade de combater com uma pequena força contra um grande exército de Samnitas que estava entusiasmado pelos seus êxitos militares, fingiu que subornara uma legião inimiga. Para dar força a esta história, ordenou aos tribunos e a todos os centuriões que contribuíssem com todo o dinheiro, ouro e prata de que dispunham para que se pudesse pagar imediatamente aos traidores. Prometeu-lhes que, depois de conquistada a vitória, presentearia generosamente os que tivessem contribuído para esta iniciativa. Esta garantia encheu os Romanos de tamanho ardor e confiança, que eles iniciaram imediatamente o combate e obtiveram uma gloriosa vitória” (FRONTINO. *Stratagemata*. Livro I, XI. 2).

“Uma vez, quando Mário estava em campanha contra os Cimbros e os Teutões, os seus engenheiros escolheram tão mal o local para o acampamento, que os bárbaros controlavam o abastecimento de água. Em resposta aos pedidos de água dos soldados Mário apontou para o inimigo, e disse: <<É ali que têm que a obter.>> Assim inspirados, os Romanos expulsaram imediatamente os bárbaros do local” (FRONTINO. *Stratagemata*. Livro II, VII. 12).

“Quando as legiões de Sula cederam perante as hostes de Mitrídatés, comandadas por Arquelau, Sula avançou para a primeira linha de espada na mão e, dirigindo-se às tropas, disse-lhes que se lhes perguntassem onde tinham deixado o seu general, deveriam responder: <<A combater na Beócia.>> Envergonhados por estas palavras, todos os seguiram” (FRONTINO. *Stratagemata*. Livro II, VIII. 11).

“Gaio César, preparando-se para combater os Germanos e o seu rei, Ariovisto, numa altura em que os legionários se encontravam em pânico, reuniu os soldados e declarou à assembléia que pretendia utilizar apenas a X Legião no ataque. Deste modo, fez com que os soldados dessa

legião ficassem motivados por este tributo ao seu heroísmo singular, enquanto que os restantes ficaram mortificados ao pensarem que não tinham uma reputação de coragem” (FRONTINO. *Stratagemata*. Livro IV, V. 11).

Os exemplos estratégicos que elucidam o ato de recobrar e/ou manter o ânimo das tropas são uns dos padrões mais recorrentes em *Strategica* e *Stratagemata*. Ao longo dos compêndios, Polieno e Frontino exortam os comandantes a se utilizarem de todos os métodos possíveis para animarem seus soldados.

O medo disseminado entre as tropas desfazia facilmente as formações, que eram essenciais para se vencer uma batalha. No mundo antigo sobrepujar um exército inimigo consistia basicamente em quebrar a formação de suas tropas. Daí percebe-se a importância de manter o pânico afastado das tropas antes e no momento da batalha. Manter as tropas auto-confiantes, no contexto da guerra antiga, era muitas vezes o fiel da balança entre a derrota e a vitória, já que toda tecnologia de combate nesse mundo era diretamente dependente da capacidade de manobra humana. Do escudo à espada, aos dardos e às formações de combate junto a seus companheiros de armas, tudo passava pela habilidade pessoal dos soldados, o que tornava uma moral elevada imprescindível para o funcionamento dos exércitos.

Os trechos estratégicos apresentados em *Strategica* mostram exemplos de generais que usaram desde o engano, como Agesilao, até a sinceridade extrema e exagerada, como no caso de César. Porém, a maioria dos trechos arrolados por Polieno a respeito da manutenção da moral das tropas se configura em uma aproximação do general com seus soldados. Ao dar-lhes um tratamento mais digno, ou mesmo tomando parte de suas tarefas, Alexandre e Ificrates traziam os seus comandados para mais próximos de seus objetivos.

É interessante notar que nessas práticas a presença da retórica é essencial. As palavras corretas na hora certa poderiam mudar os rumos de uma batalha, como é o caso de vários exemplos que citam César e Alexandre, o Grande. Cremos que o fato dos autores darem tanta importância aos trechos estratégicos que apresentam o uso da retórica deva-se ao fato de que eles tenham sido, respectivamente, um advogado e o outro um homem público, sendo que Brian Campbell chega a classificar Polieno como um retórico, mediante a ênfase que o macedônio confere a estes trechos ao longo de sua obra (CAMPBELL, 1987, p. 15).

Iniciando nossa análise mais específica dos *exempla*, começamos com Agesilao, que se utiliza de uma mentira para não desanimar suas tropas. Ao receber mediante mensageiro a notícia de que seus aliados haviam se perdido no mar, Agesilao pondera que tal notícia só traria à suas tropas o mesmo destino que tiveram seus aliados. O comandante, então, afasta o medo e o desânimo de suas tropas quando manda anunciar mediante os arautos a notícia ao contrário da que recebeu. Recorre nas coleções de estratagemas que estamos analisando o fato dos *exempla* compilados sempre apresentarem os autores de enganos cuidando de todos os detalhes para que suas farsas sejam realmente convincentes. Veja que Agesilao não apenas manda apregoar que os lacedemônios venceram no mar, mas sai a sacrificar pela vitória e a distribuir porções do butim dos inimigos, obviamente falsas, entre seus amigos. Dessa forma, Agesilao garante a verossimilhança de seu engano e alcança o seu objetivo que fora suscitar o ânimo e o ardor em seus soldados.

Ifícrates, por sua vez, anima seus soldados a atacarem mesmo sob o frio e o gelo, ao se colocar em uma situação ainda pior que a deles próprios, já que o texto narra que este se vestiu com uma roupa ruim e mais pobre que a dos demais. Quando o próprio Ifícrates humildemente se dispõe a passar tenda por tenda animando seus soldados, eles

interpretam sua atitude como um esforço pela salvação de todos e assim tiveram ânimo em acompanhá-lo. A estratégia de se apresentar no mesmo nível que seus soldados é uma exortação constante nestas coleções de estratagemas, nas quais percebemos que o que perpassa é o incentivo a comandar pela astúcia e inteligência e não pela força ou pela coerção. Caso semelhante vê-se no *exemplum* de Alexandre, o Grande, que ao exigir de seus comandados um esforço épico, como foi o cerco a Tiro, engajou-se ele mesmo na empreitada, demonstrando iniciativa e inspirando seus homens, já que ele sendo rei se prestava a um serviço tão puxado.

Prática muito elucidada também é a de animar os soldados com discursos inflamados. Alexandre, o Grande aparece diversas vezes em ambas as coleções de estratagemas como um mestre nessa prática. É interessante ressaltar o imaginário antigo que credita igualmente toda a glória de uma batalha, assim como toda desgraça de uma derrota, ao comandante, ficando em seus ombros tanto o bônus quanto o ônus. É perceptível, na leitura crítica das fontes, que outros fatores igualmente importantes no aspecto militar são legados a segundo plano enquanto as explicações dos eventos costumam estar fortemente baseadas na competência do general, mesmo quando se trata de uma explicação religiosa para uma derrota, recai sobre o general a irresponsabilidade de não ter conseguido lidar com os sinais divinos. Esse interessante fator pode ser detectado no trecho em questão, aonde Polieno testemunha que de tão pouco, ou seja, da evocação de Alexandre à batalha, dependeu então aquela importante vitória. Este aspecto torna mais simples a compreensão do porquê a prática destes discursos é tão elucidada ao longo das duas coleções, refletindo a importância que o imaginário romano dava às virtudes pessoais de seus líderes. Segundo Jonh Lendon os romanos da época imperial, período no qual os nossos dois compêndios foram escritos, creditavam avanços e retrocessos do Império diretamente às virtudes de seus Imperadores. Se os impostos do

Império subiam, isso ocorria por que o Imperador era um homem ganancioso e não por que faltaram chuvas e a produção foi prejudicada, ou porque uma guerra de fronteira se prolongou mais que o planejado. Da mesma forma, se o valor dos impostos são reduzidos, isso se deu pela virtude do Imperador, que é um homem liberal e desapegado aos bens e não em virtude de uma boa colheita ou de uma guerra que rendera muito butim. Mesmo que se cite a boa colheita ou a vitória na guerra no imaginário romano, ambas ocorreram pela mesma virtude do Imperador, que tem uma boa relação com os deuses e é um bom general (LENDON, 2000). Assim entendemos que os manuais militares muito podem nos contar a respeito do que os romanos esperavam de seus líderes, justamente porque eles apresentam, cremos, aquilo que os romanos desejavam que seus líderes fizessem e soubessem. Em uma sociedade aristocrática como a romana, o prestígio do qual desfrutavam os magistrados era proporcional à cobrança que se tinha em cima deles.

Selecionamos o *exemplum* de Polisperconte para representar vários outros que carregam o mesmo ensinamento, que é o de elevar o moral das tropas pela exposição do inimigo ao ridículo. São vários os trechos nos quais, na semelhança deste, os manuais exortam seus leitores a desmistificar seus adversários perante suas tropas. Faz parte da didática construída por Polieno e Frontino demonstrações palpáveis, tendo a criatividade de usar como exemplo coisas que fazem parte do cotidiano de um acampamento militar. No caso específico, Polisperconte desdenha da falta de aparatos militares dos arcádios, fazendo seus soldados perceberem a imensa vantagem diante da qual eles anseiam que se inicie o combate ao invés de temê-lo. O fornecer exemplos palpáveis, que não exigissem muito da capacidade de abstrair dos soldados, é uma das características mais marcantes da didática dos manuais militares coleção de estratagemas.

Medidas mais radicais também foram sugeridas por nossos autores em questão. No *exemplum* de Timarco, temos uma exortação a impossibilitar totalmente a fuga de seu exército de forma que ele fique ciente de que terá de lutar até a morte, pois não há outra alternativa. Ao queimar as embarcações, Timarco não comandava mais um exército que lutava apenas por determinada causa, mas sim um exército que lutava pela própria vida. Polieno narra que de fato o exército venceu valorosamente frente a um contingente muito maior de inimigos. Outra medida pouco ortodoxa era tomada por César, que segundo Polieno, não escondia de seus legionários que lutariam com um exército maior. Pelo contrário, usando um estratagema de exagero, afirmava que o inimigo era ainda maior do que de fato era, animando os soldados por um misto de confiança na eficiência de suas tropas com uma oportunidade de demonstração e desenvolvimento de sua valentia. Esse misto de exortações a práticas tão diferentes demonstra o quanto estes autores entendiam a guerra como um campo de fluidez extrema, onde ocorria uma suspensão momentânea da maioria das regras, valendo qualquer artifício que fosse necessário para manter o moral das tropas elevado, conservando assim toda sua eficiência.

A prática do engano não poderia deixar de figurar também dentro das possibilidades de se elevar o moral das tropas. O *exemplum* protagonizado por Fúlvio Nobilitor, narrado por Frontino, explica como os soldados podem ser enganados para serem motivados. Nobilitor emplacou a mentira de que teria subornado uma legião inimiga e que por conta disto seus homens poderiam lutar certos da vitória. Mais uma vez podemos observar todo o cuidado do protagonista para imprimir verossimilhança ao seu engano. Ele manda recolher dinheiro, ouro e prata entre o próprio exército, de forma que seria praticamente impossível para algum soldado deduzir que tal informação, a de que haviam inimigos subornados, era um blefe. Quando se está sustentando uma informação

que não condiz com o real, diversos elementos de verossimilhança devem ser adicionados e toda cautela é pouca, pois, se o engano não emplacar, tão pouco o efeito esperado emplacará também. Conseguindo o efeito planejado, Frontino afirma que graças a esta garantia os romanos se encheram de ardor e confiança e obtiveram uma gloriosa vitória, graças a esta artimanha que poderia ser classificada, para fins didáticos, como uma espécie de “efeito placebo” antigo.

Temos ainda espalhados pelos compêndios instruções de como tornar um revés a seu favor. No caso de Mário, o leitor tem a oportunidade de aprender como a má escolha do local de acampamento, por parte dos engenheiros de Mário, foi por ele usada como pretexto para animar o exército. Diante das reclamações de sede dos seus soldados, Mário os instigou a resolver eles mesmos o problema da falta de água combatendo os bárbaros que a controlavam. Segundo Frontino, inspirados por seu general, e muito provavelmente instigados por uma necessidade básica do corpo humano, lutaram expulsando os bárbaros imediatamente do local. É sempre bom ter em mente que para a didática do manual militar não importa se esta situação tenha de fato ocorrido ou não, mas sim interessa que o leitor creia que este princípio é replicável e aplicável às situações que ele vivencia.

A demonstração da sua coragem pessoal também é artifício com o qual o comandante deve contar, de acordo com Polieno e Frontino. Vários *exempla*, aqui representados por Sula, exortam o general a lançar-se sozinho em batalha caso suas tropas hesitem em fazê-lo. Em todos eles, os soldados são constrangidos pela atitude de seu comandante e o seguem à batalha. Quando Sula dá entender, através do recado que recomenda que ficaria para lutar, Frontino afirma que, envergonhados pelas palavras de Sula, eles o seguiram. O comandante precisaria de fato de muita coragem para se utilizar

deste tipo de artifício, pois, se suas tropas não respondessem da maneira esperada a seu recuo e escape perante a linha inimiga, seria muito difícil que ele escapasse vivo.

Outro artifício disponível ao comandante leitor dos compêndios é apresentado no *exemplum* de Caio César, apresentado por Frontino, no qual o famoso personagem joga com os orgulhos das legiões para combater o medo que se instaurava entre seus homens. Ao declarar que utilizaria apenas a X Legião, César passa a, nosso ver, a dar duas impressões: a de que para vencer o inimigo se faz necessário não mais do que uma legião e em segundo lugar cria uma rivalidade proveitosa entre as legiões que agora batalhariam mais arduamente pela preferência de seu comandante. Vale lembrar que no contexto das guerras gálicas, César distribuía o butim de acordo com suas preferências, numa situação onde as legiões não prestavam mais contas ao Senado e ao Povo Romano e sim paulatinamente passaram a prestar contas ao próprio César, que obviamente usou isto a seu favor. Ao fim, a X Legião foi motivada pelo tributo à sua coragem e as outras legiões motivadas a buscar glória semelhante a da X.

Percebemos ao longo da análise desses trechos de *Strategica* e *Stratagemata* que a motivação das tropas configurava-se como um dos aspectos mais importantes na função de um comandante militar. Extremamente dependente das habilidades dos combatentes que compõem as fileiras, a guerra antiga envolvia aspectos mentais mais profundos do que nossas ferramentas de análise documental podem alcançar. Mas apesar de não podermos fazer análises psicológicas dos envolvidos na guerra antiga, obras como as de Polieno e Frontino nos dão testemunho de um avançado sistema de estratagemas de convencimento e tranquilização das tropas, que garantiam o sucesso nas batalhas. Para os autores das coleções de estratagemas em questão, todos os recursos para ter tropas motivadas e autoconfiantes eram válidos. Do engano puro, passando pelo blefe, a

exposição do inimigo e a demonstração de coragem ante o adversário, todos são planos válidos para manter o moral das tropas e assim vencer o inimigo.

3.6 CONDUTA AO SITIAR UMA CIDADE OU SER SITIADO

“Um Harmosta³⁹ lacedemônio estava sitiado pelos atenienses e lhe restavam provisões só para dois dias. Chegou um arauto espartano. Os atenienses não permitiram passar até as muralhas; ao menos que, em troca, disse-se diante das muralhas o que queria na vista de todos. O arauto disse << Os lacedemônios te pedem que tenha confiança, pois receberá ajuda em breve>> O Harmosta contestou: << Não os deis muita pressa em socorrer-me, pois tenho aqui provisões para cinco meses>>. Os atenienses, renunciando a um longo cerco no inverno [...] levantando o acampamento, marcharam” (POLIENO. *Strategica*, Livro II, 18).

“Felipe sitiava Farcedón, cidade tessália. Os farcedonios entregaram a cidade. Porém quando entraram os mercenários de Felipe, caíram em uma emboscada. Muitos, realmente, lhe arremessavam lanças e dardos dos telhados e torres. Filipe adotou rapidamente uma tática contra a emboscada. A parte traseira da cidade estava abandonada por haverem ido todos os cidadãos a emboscada. Ordenou aos macedônios se lançarem nesta parte e arrumar escadas. E quando estiveram sobre o muro, desejando os farcedonios arremessar nos mercenários, corriam a toda pressa para rechazar os que dominavam os muros. Porém estes, antes de chegarem os defensores, já haviam dominado a cidade” (POLIENO *Strategica*, Livro IV, 2.18).

“Quando Atenocles era sitiado, após fazer vigas de plomo contra os aríetes e as brocas, as estendeu horizontalmente sobre as seteiras, e ao cair contra elas, as maquinas dos inimigos eram destroçadas. Mas isto engenharam para cercar outra maquina que, golpeando precisamente a extremidade da viga, a forçava a cair verticalmente das seteiras sem que houvesse dano a nenhum dos que estavam em terra. Os inimigos, ademais, aproximando-se em formação de tartaruga, sacudiam os muros, impelidos por isto punham chumbo

³⁹ Governador militar que Esparta impunha às regiões dominadas.

derretido em vasilhas de bronze e derramavam de cima dos muros, pelo que ocorria que a formação de tartaruga se desfazia. Mas os inimigos, de algumas torres que se aproximavam, derramavam vinagre sobre a formação de tartaruga e apagavam o chumbo e demais elementos incendiários que se lançavam dos muros, pois o vinagre parece ser o melhor extintor do fogo. E a melhor defesa contra o fogo é o vinagre aplicado na superfície – pois o fogo prende-se muito pouco a ele – e uma esponja cheia de água aplicada em cima. E alguns, colocando sobre as máquinas telas estendidas contra o chumbo derramado, adicionavam também uma argamassa de barro e palha.” (POLIENO. *Strategica*, Livro VI, 3).

“Ciro sitiava Babilônia. Os Babilônios, como tinham provisões para muitos anos, riam-se do assedio. Ciro, cortando com uma sarjeta o Eufrates, que corria pelo meio da cidade, o desviou a um pântano próximo. Os babilônios, ao não terem água para beber, se entregaram a Ciro neste ponto” (POLIENO. *Strategica*, Livro VII, 6.8).

“Darío sitiava Calcedônia. Confiados os calcedônios na fortaleza dos muros e no abastecimento de provisões, não se preocupavam em nada com o assedio. Darío não aproximava o exercito dos muros; e mais, nem se quer causava dano à região, senão que, simulando aguardar uma importante tropa aliada, mantinha a calma. E enquanto os calcedônios vigiavam seus muros, os persas começaram a escavar uma mina desde a colina chamada Afasia, que dista da cidade quinze estadios. E quando em sua escavação conjecturaram que estavam debaixo dela por causa das raízes de oliveiras que havia nela, aguardando a noite, depois de abrir a mina, subiram à praça principal e tomaram a cidade por completo sem luta, enquanto os calcedônios vigiavam as muralhas” (POLIENO. *Strategica*, Livro VII, 11.5).

“Agobiado Migdonio passando por fome ante um assédio inimigo, reunindo na ágora enormes montões de terra e pedras, e cobrindo-os de barro, encima de uns jogou trigo e de outros cevada, e soltou fora do muro uns mulos muito grandes e lustrosos os quais estavam bem alimentados. Os inimigos os recolheram. E ele, após enviar um arauto, os pediu que lhe mandassem a quem tratasse do resgaté. Chegaram uns arautos, com os quais Migdonio se reuniu na àgora. E eles,

ao ver grandes montes de trigo e cevada e a servos e outros, cada um em um local, pedindo que lhes dessem sua ração, ao regressarem assim comunicaram os inimigos. E estes, que haviam visto os mulos bem alimentados e a coleta de provisões, creram nos arautos e, pensando que não poderiam tomar a cidade em muito tempo, levantaram acampamento” (POLIENO. *Strategica*, Livro VII, 36).

“O comandante ateniense Alcibíades sitiava a cidade dos Agrigentinos, muito bem fortificada. Solicitou uma conferencia de cidadãos e, como se estivesse a discutir assuntos de interesse mútuo, falou-lhes durante muito tempo no teatro, o local onde, segundo o costume dos Gregos, era habitual consultar a população. Enquanto ele entretia a multidão a pretexto de deliberações, os Aténienses, a quem ele prepara antecipadamente para o efeito, conquistaram a cidade, que ficara desprotegida” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro III, II. 5).

“Num dia sagrado para os Tegireus, quando toda a população saía da cidade para celebrar os ritos de Minerva, o espartano Aristipo enviou para Tégea varias mulas carregadas com sacos de cereais cheios de palha. As mulas eram conduzidas por soldados disfarçados de comerciantes , que abriram discretamente as portas da cidade aos seus camaradas.

Quando Antíoco sitiava a cidade fortificada de Suenda, na Capadócia, interceptou um comboio de bestas de carga que saía para obter cereais, matando os condutores, vestiu os seus soldados com as roupas deles e enviou-os para a cidade, como se regressassem com os cereais. As sentinelas caíram na armadilha, e tomando os soldados pelos condutores, deixaram as tropas de Antíoco entras nas fortificações” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro III, II. 7-8).

“Quando Alexandre se preparava para sitiar Leucádia, uma cidade bem provisionada começou por conquistar as fortalezas fronteiriças e permitiu que todos os seus habitantes se refugassem em Leucádias, para que as provisões da cidade fossem consumidas com uma maior rapidez” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro III, IV. 3).

“Encontrando-se em campanha na Sardenha, Lúcio Cipião pretendia atrair os defensores de uma cidade. Assim, abandonou o cerco e simulou fugir com um destacamento das suas tropas. Depois, quando os habitantes o seguiram desordenadamente, ele atacou a cidade com as tropas que deixara escondidas para o efeito” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro III, X. 2).

Os trechos referentes ao proceder a guerras de cerco não são tão numerosos quanto os outros, mas costumam ser sempre extensos e bem descritos, ao contrário dos outros trechos que são bem resumidos por Polieno. No caso de Frontino eles continuam tendo um número de linhas padrão.

As técnicas de cerco a cidades e fortalezas eram muito importantes na guerra do mundo antigo, já que a conquista de um território se dava efetivamente quando se tomava a principal cidade ou fortificação existente naquela região. Sendo assim, transpor muralhas e outros obstáculos, como fossos, ou mesmo os naturais, como uma cidade construída sobre uma alta colina, por exemplo, era de fator fundamental para as conquistas e por isso recebiam atenção especial. Esta atenção era dispensada no planejamento do ataque, mediante utilização de técnicas, às vezes simples e outras mais apuradas, e na construção de máquinas que utilizavam toda a tecnologia de engenharia disponível na época (CAMPBELL; HOOK, 2007, p.4-5).

Projetos mais ousados, como o de Ciro ao desviar o grande rio Eufrates, exigia um número de homens muito extraordinário, porém essa mesma técnica era constantemente usada em escalas menores. Isso significa que poderia se vencer a resistência inimiga não só transpassando as muralhas ou os portões, mas também exaurindo as provisões do adversário, principalmente sua fonte de água, o que acabava por forçar o exército da cidade assediada a sair e lutar.

Polieno e Frontino, a nosso ver, adicionam esse padrão de exemplos em *Strategica* e *Stratagemata*, pois conheciam o fato de que sem empreender uma guerra de

cercos era impossível tomar o comando de determinada região. As instruções mais uma vez passam também pelas formas de se defender de um sítio. Novamente há a exortação de se utilizar do engano e da astúcia, tanto ao se proceder o sítio de uma cidade como para se defender do assédio.

É o caso do Harmosta lacedemônio que apesar de saber ter provisões para apenas mais dois dias, por meio de um engano, convence o exército ateniense de que tem provisões para mais cinco meses. Ele consegue passar esta falsa impressão ao inimigo graças à sua capacidade de observação das oportunidades. Os atenienses exigem que o arauto fale na frente de todos e o lacedemônio usa essa quebra de direitos, que seria uma desvantagem, em vantagem, utilizando-se de um blefe, muito bem calculado. O tempo de provisões que o Harmosta afirma ainda ter envolve exatamente a chegada do inverno, o que ocasiona o conseqüente desânimo geral das tropas atenienses, que temos de lembrar, é um exército cívico, composto por centenas de homens que tem seus negócios e terras deixados para trás e por isso não podem permanecer tantos meses em um cerco.

Felipe ao cercar Farcedón serve a Polieno como um *exemplum* que caracteriza toda a fluidez que existe em um campo de batalha. O exército macedônio é vítima de um estratagema. Os farcedônios se rendem e entregam a cidade a Felipe. No entanto quando o rei entra com seus homens percebe que foi vítima de uma emboscada. Percebemos aí que o manual militar não só ensina a armar emboscadas, mas também o que fazer quando se é vítima de uma. Pensamos aqui que a narrativa de Polieno quer deixar bem claro com que rapidez Felipe tem que pensar em uma saída. Ou o comandante encontra rapidamente uma forma de contra-ataque ou a emboscada o destroçaria, como vemos acontecer *exemplum* após *exemplum*. Destacada a velocidade de reação do rei, é demonstrada a importância de se praticar emboscadas para saber se safar de uma. Podemos inferir do texto que Felipe deduz a concentração dos homens inimigos nos muros da frente, ou seja,

no local da emboscada; daí ele deduz que a parte traseira da cidade estava vazia. Como a emboscada consistia em alvejar o exército macedônio com projéteis arremessados com a vantagem da altura dos muros, não há de fato homens em formação nas ruas da cidade, o que permite a Felipe comandar seus homens a literalmente correr pelas ruas da cidade e tomar a parte de trás. Os macedônios percebem a quebra de sua linha de defesa, porém, insistem em sua tática de lutar de cima dos muros e por isso voltam para rechaçar os macedônios que estão por cima dos muros da parte detrás da cidade. No entanto, o interior da cidade já fora ocupado pelos macedônios. Com este *exemplum*, *Strategica* exorta o estar atento às oportunidades mesmo quando as situações parecem completamente perdidas. Curiosamente também aparece uma quebra no halo de invencibilidade das emboscadas, tão valorizadas em ambos os manuais. Deste modo, há de se perceber, que a emboscada engendrada com astúcia é contra-atacada com o mesmo princípio.

No *exemplum* de Atenocles temos várias informações a respeito de máquinas de guerra, desde como destruí-las a como evitar que elas sejam destruídas. Aténocles engenhou grandes vigas de madeira que eram empurradas de cima das muralhas em direção às máquinas de cerco que se aproximavam. O peso das vigas de plomo somadas à velocidade e altura da queda eram capazes de destroçar as máquinas de cerco. Contra as formações de tartaruga que se aproximavam das muralhas para solapá-las⁴⁰, o *exemplum* recomenda a utilização de cobre derretido, derramado sobre os homens, ao mesmo tempo em que já aparece uma possível solução para quando estiverem usando o cobre derretido contra o leitor, no caso, o vinagre e as esponjas com água, bem como a argamassa de barro com palha.

⁴⁰ Solapavam-se muralhas, na guerra de cerco do mundo antigo, cavando com pás e picaretas as fundações de uma muralha até que a mesma tivesse sua base abalada. Outra forma de abrir passagem através das muralhas era a construção de túneis que passavam por debaixo das muralhas aos quais depois de prontos se ateava fogo, então a madeira que dava sustentação aos túneis cedia com a ação do fogo, provocando um deslizamento de terra que fazia com que as muralhas cedessem (GOLDSWORTHY, 2007, p.192-193).

No *exemplum* protagonizado por Dario, temos exortação à paciência, porém, sempre procurando passar uma falsa impressão ao inimigo. Para que os calcedônios não suspeitassem que Darío aguardava a escavação de um túnel, ele precisava convencê-los de que seu estacionamento de tropas se tratava de outra coisa. Assim, ao não causar dano à região, simulava precisar de muitos recursos, o que indicava que aguardava um grande exército aliado. O exército em questão jamais existiu e o que Dario aguardava de fato é que o túnel chegasse ao meio da cidade fortificada. De posse da informação de que os calcedônios cultivavam oliveiras dentro de suas muralhas, os escavadores puderam determinar claramente quando seu túnel chegaria ao interior das fortificações. Somou-se ao túnel ainda o aguardo do momento certo para sua utilização, a saber, a escuridão da noite. Os calcedônios que vigiavam as muralhas foram tomados, segundo Polieno, sem luta. Note-se que quanto mais inexpugnável é uma cidade, mais astúcia, engano e inteligência são demandados do comandante.

Com o *exemplum* de Agobiado Migdonio, Polieno aplica mais uma vez o *dolo* à defesa da cidade sitiada. De fato Migdonio fez com que o inimigo tivesse uma impressão completamente avessa ao que de fato estava ocorrendo. A cidade que estava passando fome apareceu aos inimigos com abundante de provisões. O estratagema de Migdonio com certeza foi arriscado, porém, se tratava de situação desesperadora e medidas extremas eram necessárias. Migdonio manda construir falsos montes de comida, que na verdade são montes de barro que só estão cobertos por comida. Além disso, para dar verossimilhança ao seu *dolo*, solta mulos gordos e bem alimentados para pastarem, desfilando-os perante o acampamento inimigo. Quando os arautos vêem tamanho amontoado de comida sendo distribuída a toda espécie de moradores, associam a informação automaticamente aos animais bem alimentados e concluem, logicamente, que não podem manter um cerco por tanto tempo. Utilizando de maneira astuta e calculada do

pouco de provisões que ainda lhe restava. Migdonio consegue se livrar de um cerco que certamente o levaria à derrocada.

Com o trecho de Alcibíades, Frontino dá exemplo de como submeter uma cidade resistente ao sítio, utilizando-se do conhecimento de seus hábitos e costumes. Segundo o autor, Alcibíades, general ateniense, convocou os agrigentinos para uma assembléia, a se realizar no teatro, com o propósito de tratar de assuntos que interessariam a ambas as cidades. Prolongando propositalmente o discurso, Alcibíades se aproveita do fato dos exércitos gregos serem cívicos⁴¹, ou seja, os homens que defenderiam a cidade, todos cidadãos, estavam desarmados e despreocupados no teatro a ouvir Alcibíades. Podemos até inferir que nunca esperariam este ataque, já que o comandante do exército inimigo lhes falava no momento, não estando ele disponível para oferecer combate. No entanto, tudo não passou de uma cilada, pois o que o comandante ateniense de fato fazia era tomar o tempo dos agrigentinos enquanto os atenienses, já te antemão preparados para tal, tomavam Agrigento. Observamos, então, que em sua *Stratagemata*, Frontino exorta o conhecimento das peculiaridades dos inimigos para que estas possam ser usadas a favor do leitor. Note-se que este é um stratagema que não daria certo se usado contra um povo monárquico⁴², por exemplo, daí a necessidade que

⁴¹ O exército grego do VII ao IV século a.C. teve suas fileiras compostas praticamente por hoplitas. Estes eram cidadãos donos de terra que tinham as condições de pagar pelo equipamento de batalha que era exigido para se fazer parte da falange hoplítica. Esta característica cívica dos exércitos gregos lhes possibilitava vantagens e desvantagens. Segundo Victor Davis Hanson, uma das vantagens era a de que esta companhia era muito mais eficiente em defender a polis, já que se tratava de homens defendendo aquilo que era deles, os campos cultivados, os bens acumulados e o direito político adquirido seriam defendidos pelos próprios usuários destes direitos (HANSON, 2004, p.203-204). Já as desvantagens deste sistema de organização militar podem ser investigadas usando-se passagens como este trecho de Frontino na qual Alcibíades se utiliza do fato dos soldados que deveriam defender a cidade serem os mesmos homens que participavam da assembléia política. Esse acúmulo de funções por parte dos gregos políades os impôs outras diversas desvantagens táticas como, por exemplo, a impossibilidade do exército espartano de se afastar da região da Lacônia (SOUZA, 1988, p.38-44) e o amadorismo das tropas de póleis que tinham sua força concentrada em frotas navais.

⁴² Em povos de organização monárquica, como os partos, por exemplo, este stratagema jamais poderia ser aplicado haja vista não existirem assembléias que reunissem toda a capacidade militar de um reino, onde os exércitos eram formados pelos nobres, cavaleiros pesados, e seus servos, a infantaria leve (COOK;CHARLESWORTH, 1969, p. 345-348).

perpassa ambas as coleções de estratégias da capacidade de percepção das circunstâncias e demandas que deve existir por parte do comandante.

Nos *exempla* de Artispo e Antíoco há exortação ao uso de disfarces como estratégia para penetrar as defesas inimigas. Estes estratégias em, nossa opinião, são os que mais carregam a idéia central das coleções de estratégias, pois tratam exatamente da vitória sobre o inimigo com o mínimo esforço bélico e o máximo da utilização da inteligência e do *dolo*. No caso de Artispo, ainda temos a utilização dos rituais religiosos a seu favor, assunto este que vamos comentar mais detalhadamente a seguir, pois o comandante espartano engendrou a inserção de seus homens disfarçados no segmento inimigo a ser conquistado, aproveitando-se da saída dos cidadãos para a comemoração de uma festividade religiosa. Soldados disfarçados de comerciantes infiltraram-se na multidão que saiu a comemorar os ritos de Minerva. Quando a população voltou para Tégea, o “cavalo de Tróia” infiltrou-se, os portões foram discretamente abertos e Tégea caiu nas mãos do astuto Artispo e de seus homens. Já Antíoco não dispunha de uma multidão na qual pudesse infiltrar seus agentes disfarçados. No entanto, de acordo com Frontino, soube aproveitar as oportunidades que lhe apareceram, pois ao interceptar um comboio de homens de Suenda, cidade que ele cercava, matou os homens e percebeu que estes estavam à procura de cereais. Assim, Antíoco vestiu alguns de seus homens com as roupas que os homens do comboio utilizavam e os enviou de volta, com a falsa impressão de que eram os cidadãos que antes haviam saído em busca dos cereais. As sentinelas falharam em reconhecer o comboio e, caindo assim no engano, permitiram a entrada das tropas de Antíoco sem nenhuma necessidade de longas guerras de cerco, ou de uma violenta batalha perante os muros. A tônica das coleções de estratégias é sempre essa: inteligência e astúcia são os melhores meios de se obter uma vitória.

Uma outra forma interessante de se mitigar o inimigo é creditado por Frontino a Alexandre, o Grande, responsável pelo épico cerco à cidade de Tiro⁴³. Ao cercar Leucádia, uma cidade muito bem aprovisionada, Alexandre não bateu de frente com a cidade logo de início, mas saiu a conquistar as fortificações que cumpriam o papel de postos avançados leucadianos; a intenção não era apenas a de diminuir a capacidade de ação táctica leucadiana, mas sim de forçar um número cada vez maior de aliados a fugir para a cidade sitiada e assim consumir mais rapidamente suas provisões. Criar uma situação de falta de provisões era certamente uma das melhores alternativas para se submeter uma cidade muito bem fortificada. Ao longo de *Strategica* e *Stratagemata* esses exemplos são muito explorados e este de Alexandre é apenas um representante dentre vários.

E como último *exemplum* da categoria de cercos a cidades, temos um que tem como protagonista Cipião, usado por Frontino para ensinar um outro meio de se submeter uma determinada cidade. No caso, ao invés de invadir a cidade para lutar em seu interior, o comandante romano engendra um plano para atrair os sitiados para fora do segmento fortificado. O autor nos informa que Cipião simulou fugir com um destacamento de suas tropas, aparentando ser uma presa fácil para os inimigos sitiados, que saíram desordenadamente impulsionados pelo desejo de destroçar o exército que os sitiava. Cipião havia antevisto os movimentos dos cidadãos e, baseado nesta sua capacidade, escondeu parte de suas tropas, que, esperando que o inimigo saísse em perseguição à

⁴³ “A técnica de cerco de Alexandre é muitas vezes caracterizada pelo cerco espetacular em Tiro, uma cidade-ilha ao largo da costa do Líbano atual. Para levar a maquinaria até as paredes, os macedônios atravessaram o estreito com uma ponte, mas depois de passar cerca de seis meses de sua construção, Alexandre deve ter percebido que, ao atacar a cidade em frente como num estreito, ele havia dado a vantagem aos defensores. Por isso, ele ordenou a adaptação dos navios para transportar "as máquinas, especialmente, aríetes" (Curt.4.3.13; cf. Diod. Sic. 17.43.4,46.1; Arr., *Anab.*2.23.3), que permitiam coordenar ataques em toda a ilha. Tropas puderam finalmente entrar na cidade, por seu lado marítimo, através de brechas no muro, enquanto outros cruzaram em corredores prorrogados a partir de torres de cerco sobre a calçada. Embora tenha sido uma demanda de longo fôlego, os aspectos técnicos do cerco impressionaram os antigos” (CAMPBELL;HOOK, 2005, p.32).

Cipião, atacou e muito provavelmente se apossou da cidade deixada para trás sem defesa por conta do afobado ataque à tropa que, na verdade, nem estava de fato se retirando.

Ao sitiado ou ser sitiado, vemos mais uma vez que a inteligência, a astúcia, enfim o *dolo* é recomendado como a melhor arma para lidar com esta decisiva etapa das campanhas militares. Uma etapa que determinava de fato se as riquezas do butim seriam adquiridas, que determinava se uma região poderia de fato ser governada por uma delegação de magistrados do vencedor⁴⁴. A guerra de cerco certamente foi um dos assuntos que mais preocupou os comandantes antigos, dado todas as características que já apresentamos, e por isso faz todo o sentido que suas técnicas e estratégias figurem constantemente nas páginas, tanto de *Strategica* quanto de *Stratagemata*.

⁴⁴ “Roma, diante das circunstâncias históricas de determinados momentos e das especificidades apresentadas pelos territórios e cidades vencidos, estruturou dois sistemas distintos para organizar as áreas conquistadas na Itália: anexação e federação. Parte do território anexado converteu-se no *ager romanus*, ou melhor, formava as trinta e cinco tribos. Todos os seus habitantes, com exceção dos escravos, eram cidadãos romanos com plenos direitos, ou seja, possuíam os direitos políticos (*iura publica*): direito de participar das Assembléias romanas e de eleger os magistrados (*ius suffragii*) e de ser eleito (*ius honorum*). E, também, os direitos civis (*iura privata*): direito de matrimônio romano (*ius cunubii*) e direito de propriedade (*ius commercii*). Todas as cidades preservadas por Roma no território anexado foram transformadas em municípios. A criação do sistema municipal correspondeu à conscientização da política unificadora de Roma [...] O município era uma cidade autônoma com suas próprias leis, costumes, magistrados e Assembléias. Seus habitantes possuíam a *civitas sine suffragio* (cidadania incompleta, quer dizer, sem os direitos políticos). Outros municípios chamados de prefeituras eram administrados por prefeitos enviados de Roma. Estatuto aplicado, principalmente, como castigo depois de deserções. Todos os cidadãos, inclusive aqueles que possuíam a cidadania incompleta, deviam pagar impostos e ser recrutados para as legiões [...] A expansão fora da Itália implicou na criação de um sistema de que assegurasse e reforçasse a autoridade romana nestes territórios anexados, chamados de províncias. A vitória significou a perda da independência local e este estado de submissão era traduzido pela presença do governador (Pro-Cônsul ou Pro-Pretor designado para determinada província pelo Senado), representante da majestade do povo romano e pelo pagamento do imposto, cuja cobrança dependia do estatuto provincial da cidade perante Roma. As atribuições dos governadores eram amplas: controle administrativo geral da província, comando da guarnição militar permanente e administração da Justiça. Não existiu um sistema provincial unificado, nem uma homogeneidade de estatutos das cidades provinciais perante Roma. A definição do estatuto de uma província e das suas respectivas cidades dependeu das circunstâncias históricas do processo de conquista. Geralmente a organização da província dependia do pro magistrado que a conquistou, auxiliado ou não por uma comissão senatorial e passível de ratificação pelo Senado de Roma”(MENDES, 1988, p.43-45).

3.7 TRAVESSIA DE CURSOS D'ÁGUA

“Hierão, como o inimigo o impedia de cruzar um rio, colocando a seus hoplitas⁴⁵ num vau, ordenou os cavaleiros avançar rio acima, como se fossem cruzar por ali, e a infantaria ligeira, um pouco mais acima dos cavaleiros. Os inimigos se implantaram frente a eles com a intenção de impedir o passo dos cavaleiros e da infantaria ligeira. Mas Hierão fez avançar os hoplitas, forçando os poucos inimigos que haviam ficado enfrente, e ao instante deu o sinal da infantaria ligeira e cavaleiros. E estes volveram sobre seus passos e cruzaram, enquanto os hoplitas que haviam cruzado antes, interrompiam o avanço do inimigo, que seolveu” (POLIENO. *Strategica*, Livro I, 29.1).

“Clearco chegou com um grande exército a um rio vadeável, que por um lugar cobria os joelhos, e por outro ia até o peito. Primeiro intentava fazer seu exército passar pelo local mais vadeável. Ao atacarlhes os inimigos um pouco mais acima do rio, com atiradeiras e arcos, impedindo o passo dos que intentavam cruzar-lo, Clearco levou seus hoplitas pelo local mais profundo, para que a maior parte do corpo estivesse coberta pelo rio e o que sobressaísse da água fosse protegido pelo escudo. Os hoplitas, cruzando com segurança, rechaçaram os inimigos. E o resto do exército atravessou o rio sem obstáculos pela passagem mais fácil” (POLIENO. *Strategica*, Livro II, 2.1).

⁴⁵ Soldado de infantaria pesada no mundo Grego clássico. Fruto de uma mudança na forma de organização dos combatentes gregos, os hoplitas, assim chamados por causa de seus grandes *hoplons* (escudos), passaram a se organizar “inseridos em uma formação disposta em oito linhas, ombro a ombro com os companheiros de linha, buscando proteção para o lado descoberto sob o escudo do companheiro à direita. A lança é o instrumento ofensivo primário; portanto, não se destina a ser arremessada contra o adversário, como no mundo homérico. Trata-se, ao menos na falange clássica, não de um dardo, mas de uma longa e robusta lança de embate, que deve acompanhar o soldado durante toda a batalha. Aquilo que ele desferra contra o inimigo que o enfrenta no batalhão oposto, seja lançado por sobre as costas ou enviado de baixo ao alto, rente a borda do escudo, é sempre um golpe de ponta, com a arma bem segura no punho” (BRIZZI, 2003, p.14). Esta nova forma de ordenamento implicou em várias mudanças significativas também no campo político ao criar um sentimento de igualdade entre os que formam aquela companhia. Segundo Marcus Alvito Pereira de Souza: “O aparecimento dos soldados de infantaria pesadamente armados a lutarem de forma coesa, em grupo e não mais individualmente como nos tempos homéricos, teria sido, segundo alguns, o principal fator a explicar a ampliação da participação política. Isto é, se a segurança da comunidade deixava de repousar exclusivamente nas mãos de uma minoria de aristocratas, conseqüentemente, o monopólio político dos nobres também era ameaçado por uma participação crescente nos assuntos da cidade por parte dos que lutavam como hoplitas.” (SOUZA, 1988, p.27).

“Alexandre estava na Índia e se dispunha a cruzar o rio Hidaspas. Poro, rei dos índios, se opunha do outro lado do rio e era impossível cruzá-lo. Alexandre levou sua força rio acima, e Poro a sua. Alexandre, de novo, levou-a rio abaixo, e Poro igualmente rio abaixo. Isto ocorreu muitas vezes e por muitos dias, de sorte que os índios depreciaram os inimigos por sua covardia e deixaram de segui-los em seus movimentos, pensando que jamais ousariam cruzá-lo já que tantas vezes não se atreveram. Porém Alexandre, depois de lançar-se a borda do rio a toda velocidade e embarcar-se nos navios, balsas e barquetas cheias de forragem, atravessou o rio, burlando os índios com a travessia inesperada” (POLIENO. *Strategica*, Livro IV, 3.9).

“Quando Datames corria de Autofradatés, que o perseguia, chegou a um rio. E evitando vadear-lo, fingiu acampar, pondo a frente as tendas maiores e mais altas e sem permitir que descarregassem as mulas; e mais, nem sequer permitiu que seus soldados largassem de suas armas. Os inimigos ao verem as tendas acamparam também e descarregaram as mulas e soltara os cavalos para que pastassem, e começaram a prepara a ceia. Datames, com sua força preparada e disposta cruzou o rio. Enquanto os inimigos chamados, reuniam e formavam sua força dispersa e atrelavam os cavalos e se armavam, os de Datames já se foram marchando.” (POLIENO. *Strategica*, Livro VII, 21.6).

Na maioria dos casos apresentados, percebemos a utilização de uma espécie de finta para se cruzar o rio sem oferecer um ataque de oportunidade ao inimigo. A travessia de cursos d'água era um dos maiores problemas que os exércitos antigos poderiam enfrentar, pois configurava-se como momento ideal para um exército inimigo armar tocaias e mesmo estabelecer barreiras de proteção do território. Era comum que fortalezas fossem construídas utilizando o rio como um “fosso natural”, uma barreira que já é difícil de transpor naturalmente e, que então vigiada, seria ainda mais intransponível. É importante observar como a geografia é fator determinante na guerra antiga, não que não o seja na guerra moderna, ou de outros períodos, mas levando em consideração as limitações tecnológicas, a movimentação de tropas, suprimentos, enfim, a logística em

geral, e mesmo a eficácia das táticas a serem aplicadas estavam totalmente reféns das determinantes do clima e do terreno. Sabemos, por exemplo, que uma das limitações da expansão do Império Parto foi a ineficiência de suas táticas de guerra, a cavalaria pesada, em regiões que não fossem planícies, apesar de toda a eficiência que este exército demonstrava nesse tipo de terreno. Assim sendo, restava, contra as limitações tecnológicas, climáticas e de terreno, a inteligência e engenhosidade dos comandantes antigos. Polieno apresenta nestes trechos bons exemplos de como o engano astucioso poderia ser usado para reverter diversas situações de revés durante a necessidade de se locomover um exército através de um rio.

Os locais vadeáveis eram em sua maioria previamente conhecidos e se um exército invasor fosse avistado por um batedor era certo que o exército defensor usaria a barreira natural do curso d'água, posicionando-se nas vadeações no aguardo do invasor, como é possível ver nos exemplos arrolados. A tarefa de atravessar o local sem ser devastado acabava sobrando para o comandante, lembrando que esta oposição de tropas à beira de um rio poderia levar dias ou até meses, já que o próprio rio dava as condições de sobrevivência básicas ao exército. Assim, uma solução inteligente, segundo Polieno, seria a mais apropriada para evitar tamanho atraso à campanha do exército invasor.

Hierão, segundo Polieno, utilizou-se de uma finta, ao dar uma falsa impressão ao inimigo, tema tão recorrente nas coleções de estratagemas. Conseguiu atravessar inicialmente a força hoplítica que, pesadamente armadurada, tinha mais dificuldades para fazer a travessia, quando esta já se encontrava na outra margem. Graças à natureza desta tropa, conseguiu barrar o inimigo enquanto as tropas com maior capacidade de movimentação, e que por isso foram utilizadas para finta, atravessaram sem oposição. Semelhantemente, Polieno usa o exemplo de Alexandre, o Grande para ilustrar mais um caso onde a finta também é utilizada. No entanto, neste caso, o exército de Poro

abandonou o jogo de perseguição, repetido por dias, e desacreditando na coragem de Alexandre dá a este a oportunidade de aplicar um dos também recorrentes temas das coleções de estratagemas, que é a impressão de um padrão com a intenção de quebrá-lo, conseguindo assim um fator surpresa.

No caso de Clearco, temos a exortação de Polieno à observância dos recursos que o próprio rio oferece. É interessante notar como inteligentemente Clearco transforma uma dificuldade em vantagem, no caso, a parte vadeável mais funda do rio. Como seu exército era atacado por projéteis, ele utilizou a própria profundidade da água para proteger seus soldados das pedras e flechas, que ao caírem na água perdem significativamente sua força, pois a parte do corpo que restava fora d'água fora protegida pelo hóplon.

Já o caso de Datames é excepcionalmente interessante, pois nele Polieno mostra que o rio não é só uma barreira a ser vencida com a utilização do *dôlo* mas também uma barreira a ser utilizada a seu favor. Datames passa uma falsa impressão a seu inimigo, a de que está montando acampamento, quando de fato só ergueu suas maiores tendas ao alcance de visão do exército perseguidor. Dispondo de tempo para recompor suas forças, já que imagina que o inimigo a ser perseguido está acampado, o exército perseguidor de fato monta um acampamento. Quando o inimigo se desmantela, Datames atravessa sem maiores problemas o rio que certamente seria sua destruição, pois, se tentasse vadeá-lo com o inimigo às costas, certamente seria esmagado pelos projéteis.

É curioso o fato de Frontino não narrar especificamente episódios de travessias de cursos d'água, mas fica claro que os princípios ativos aqui utilizados são os mesmos referentes à inteligência astuciosa, assim se mantendo o padrão. Muitos outros exemplos desta categoria aparecem ainda em Polieno. Todavia, eles explicitam e exortam o mesmo padrão de atitudes a serem tomadas pelo comandante, que pela inteligência astuciosa,

posta em prática pelo engano da falsa impressão, deve transformar as barreiras naturais e as situações de revés em seus aliados e situações de vitória respectivamente.

3.8 UTILIZAR A CRENÇA NO SUPRA-SENSÍVEL A SEU FAVOR

“Aos beócios que habitavam Arne e estavam em guerra com os tessálios os venceu Téssalo, sem luta, com técnica⁴⁶. Aguardando uma noite sem lua e escura, ordenou a seus soldados que, depois de dispersar pelo campo cada um em um local distinto, prendessem tochas e lanternas no cume dos montes e as levantassem e logo baixassem de novo. Os beócios, ante a visão do fogo semelhante a relâmpagos que giravam, se assustaram e se dirigiram aos tessálios em atitude suplicante” (POLIENO. *Strategica*, Livro I, 12.).

“Arquídamo se dispunha a travar combate na Arcádia, e no dia anterior acendeu os ânimos dos espartanos erigindo durante a noite um altar adornado com armas refulgentes e passando em seu redor dois cavalos. Ao amanhecer, os capitães e taxiarcos, ao ver as armas novas, rastros de cavalos e um altar que antes não estava lá, espalharam rumores de que os dióscoros⁴⁷ haviam chegado para combater a seu favor. Os soldados, cobrando animo e tendo seu espírito possuído pela divindade, combateram bravamente e venceram os arcadianos” (POLIENO. *Strategica*, Livro I, 41.1).

“Epaminondas havia invadido o Peloponeso. Os inimigos estavam acampados em Oníó. Se ouviu um trovão e o medo se apoderou dos soldados. O adivinho os pediu que esperassem. Mas Epaminondas disse então: << De nenhum modo, pois os inimigos acampados em lugar

⁴⁶ No original *téknê*, diferentemente do mais corrente *dôlo* que perpassa a obra. Pela hermenêutica do texto é perceptível que se trata de uma técnica astuciosa.

⁴⁷ Os dióscoros são os filhos de Zeus, Cástor e Polux. Nasceram dos amores de Zeus e Leda e são irmãos de Helena e Clitemnestra. Cástor e Polux são dois jovens heróis combatentes. O primeiro é sobretudo guerreiro e o segundo pratica a arte do pugilismo. Nas lendas romanas, surgem como participantes na batalha do lago Regilo, ao lado dos romanos, e são eles que vão anunciar a vitória à cidade, fazendo beber seus os cavalos na fonte de Juturna, no *Forum* [...] Tinham um templo junto dessa fonte, perto de Vesta. Chamava-se “Dióscuros” aos fogos-de-santelmo de duas pontas, que os marinheiros consideravam um presságio favorável”(GRIMAL, 1951, p.123). O fogo-de-santelmo é um fenômeno físico de natureza elétrica, que como o fogo-fátuo, tinha uma explicação sobrenatural. Fisicamente é um resplendor brilhante branco-azulado que, em algumas circunstâncias, tem aspecto de fogo de faísca dupla ou tripla, que surge de estruturas altas e pontiagudas como mastros de navios, cruzes de igreja e chaminés.

como este já foram fulminados. >> As palavras do general infundiram valor nos soldados e o seguiram com animo” (POLIENO. *Strategica*, Livro II, 3.4).

“Quando Timoleón era aliado dos siracusanos, havendo chegado a uma colina que se elevava a grade altura, e ao ver cinqüenta mil cartagineses em ordem de batalha, com tempo tormentoso e um vento que soprava contra os inimigos, convocando assembléia, disse: << Agora devem cair os inimigos: pois há um oráculo segundo o qual se enfrentados nesse local serão aniquilados, e confirma esse oráculo a tormenta que se levantou de repente.>> Os gregos, com a moral muito alta, a pesar de serem poucos, venceram a muitos” (POLIENO. *Strategica*, Livro V, 12.3).

“Quando Sertório, cujos soldados bárbaros eram pouco dóceis, costumava andar pela Lusitânia com um magnífico veado branco, afirmando que ele lhe dizia, com antecedência, o que se devia fazer ou evitar. Deste modo, pretendia levar os bárbaros a obedecerem a todas as suas ordens, como se fossem divinamente inspiradas.

Este tipo de estratégia deve usar-se não apenas quando temos como simplórios aqueles a quem o aplicamos, mas, mais ainda quando o ardil inventado pode parecer de origem divina” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, XI. 14-15).

“Quando o tebano Epaminondas, na sua contenda com os Espartanos, pensou que a confiança das tropas precisava de ser fortalecida através de um apelo ao sentimento religioso, retirou, pela calada da noite, as armas que decoravam os templos, e convenceu os soldados de que os deuses marchavam com ele, para o ajudarem na batalha” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, XI. 18).

“Quando um meteoro caiu de noite e encheu de terror os corações dos que viram, o mesmo Epaminondas exclamou: <<É uma luz que nos enviam os poderes do alto.>>

Ao preparar-se Epaminondas para dar batalha aos Espartanos, a cadeira na qual se sentara cedeu e todos os soldados, muito perturbados, o interpretaram com um sinal de infortúnio. Mas

Epaminondas exclamou: <<De maneira nenhuma; estamos simplesmente proibidos de ficar sentados>>” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, XII. 6-7).

“Quando um raio atingiu o seu acampamento e aterrorizou os soldados, Péricles convocou uma assembléia e, à vista de todos os seus homens, fez fogo friccionando duas pedras. Assim os acalmou, explicando que o raio era produzido, de modo semelhante pelo contato entra as nuvens” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro I, XII.10).

“Quando Públio Cipião estava na Lídia, observou que a chuva, que caía noite e dia sem parar, desmoralizara o exército de Antíoco. Não só os homens e os cavalos estavam exaustos, como os arcos tinham ficado inutilizados devido à umidade das suas cordas. Assim, disse ao seu irmão para atacar no dia seguinte, apesar de ser um dia dedicado à observância religiosa. A adoção deste plano garantiu-lhe a vitória” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro IV, VII. 29).

“O general ateniense Címon desejava conquistar uma certa cidade da Cária. Acoberto da noite, incendiou um templo de Diana, muito venerado pelos habitantes, e um bosque sagrado que ficava fora das muralhas. Quando os cidadãos acorreram a combater a conflagração, Címon conquistou a cidade, que ficara sem defensores” (FRONTINO. *Stratagemata*, Livro III, II. 4).

Os exemplos selecionados para esta seção com certeza configuram-se como alguns dos mais interessantes e controversos das coleções de estratégias de Polieno e Frontino. É impossível não comentar o nosso espanto ao ver autores antigos incentivando tão abertamente blefes e falsas impressões que mexem com as divindades e seus sinais. O que ocorre é que a guerra é um campo de máxima fluidez, um espaço de tempo em que as leis são revogadas ou reinterpretadas, e isto acontece inclusive com a religião.

Durante a guerra, há a instituição de uma nova ordem, dada a situação caótica e movediça, da mesma forma como na política havia a instituição do ditador⁴⁸, por exemplo, em situações que centralizavam o poder mediante uma situação de calamidade. As situações, que em sua maioria, a olhos anacrônicos podem parecer de desrespeito às divindades estão de fato pondo em prática uma característica da religião clássica que é a da necessidade de se chamar a atenção das divindades para a sua petição e/ou problema. De acordo com Oliver Stoll,

“Os rituais (religiosos) tinham a função de criar, consolidar, e demonstrar lealdade para com o comandante supremo imperial - o culto ao imperador que é a base de integração política que abrangeu todo o império - embora simultaneamente promova a disciplina e a emergência de uma identidade corporativa dentro de cada regimento do exército profissional como um todo. Rituais serviram para reforçar e mostrar poder.” (STOLL, 2007, p.451).

Representações desses rituais podem ser observadas em estelas que nos apresentam imagens como a do tribuno Julio Terentius sacrificando enquanto os soldados em fila, logo atrás dele, observam o proceder do ritual. Segundo Goldsworthy, as cerimônias oficiais, comandadas pelo tribuno de cada coorte, reforçavam os laços de unidade entre os legionários e seus comandantes, pois o tribuno ao sacrificar perante a divindade o fazia representando todos os seus comandados. (GOLDSWORTHY, 2007, p.108). Ainda de acordo com este autor

“O ato se parece bastante com as cerimônias religiosas das unidades militares de nossos dias: se tratava de uma maneira de confirmar a unidade corporativa dos soldados tanto como uma manifestação de

⁴⁸ Os romanos implantaram o regime republicano afim de se prevenirem contra os abusos do poder monárquico. No entanto eles também compreendiam o fato de que mediante situações calamitosas precisavam centralizar suas decisões de forma a torná-las mais velozes, dinâmicas e eficientes. Portanto, para conseguir tal efeito sem colocar em risco as conquistas republicanas, afastando assim a tirania foi criada, tradicionalmente em 501 a.C., a ditadura, “magistratura extraordinária e absoluta, mas limitada a seis meses e vinculada à prevenção de graves crises e guerras; assim como pela adoção dos princípios de controle do poder consular através da anualidade, da colegialidade e da elegibilidade”(MENDES, 1988, p.12).

reverência religiosa. O espírito de comunidade se confirmava também nos dias em que se decoravam formalmente os estandartes da unidade” (GOLDSWORTHY, 2007, p.108).

As datas que celebravam cultos ligados à família imperial, além é claro da associação da família imperial com divindades do panteão oficial romano, de acordo tanto com Stoll (2007) quanto com Goldsworthy (2007), serviam ao propósito de reforçar a lealdade das legiões à pessoa do Imperador. Devemos lembrar que alguns homens de legiões limítrofes, já veteranos, próximos ao fim de suas carreiras no exército, poderiam nunca ter visto o Imperador pessoalmente e que por isso, sem estas celebrações não teriam ideia acerca de quem seria o chefe máximo de sua corporação. Ainda dentro da religião oficial do exército romano, é interessante ressaltar o culto a determinados valores abstratos indispensáveis as características militares romanas. É o caso, por exemplo, do culto à disciplina militar, introduzido pelo Imperador Adriano, durante suas visitas às legiões provinciais. Segundo Goldsworthy,

“Tais conceitos abstratos eram não poucas vezes objetos de adoração formal no seio da sociedade romana: neste caso, não só pretendia promover a lealdade ao Imperador como também a eficiência militar. O juramento militar (*sacramentunum*) teria associações religiosas muito significativas: em ocasiões até o espírito de juramento (*genius sacramenti*) era objeto de veneração” (GOLDSWORTHY, 2007, p.109).

Mas a religião oficial não se configurava como a única manifestação religiosa das tropas. Ambos autores Stoll e Goldsworthy concordam que, quando estavam dispensados de suas obrigações militares, os legionários poderiam prestar qualquer tipo de culto que quisessem, desde que este culto não colocasse em cheque a ordem e a lei. Essa abertura se dava em virtude das próprias características do politeísmo romano, que partia do pressuposto de que toda a divindade, mesmo as estrangeiras, poderia somar na benção e proteção da cidade de Roma e dos cidadãos romanos. Portanto, não podemos cair na

tentação da homogeneização da religião do exército romano, visto que devemos nos lembrar que legiões eram feitas de homens, e imaginar que os legionários praticassem somente a religião corporativa seria uma ingenuidade de nossa parte. Para Stoll, essas práticas religiosas diferenciadas seriam protagonizadas majoritariamente pelas legiões estacionadas em províncias limítrofes, tanto pela distância do centro do Império quanto pelo maior contato com populações locais, que tinham práticas religiosas próprias e conseqüentemente diferentes das dos itálicos. Pelos muitos anos de serviço longe de suas terras natais, os legionários acabavam por se familiarizar com os cultos e divindades das populações locais, até mesmo como uma forma de integração entre a população civil e a militar estacionada; os templos e festas religiosas certamente foram uns dos principais espaços dessas interessantes relações (STOLL, 2007). No entanto, Goldsworthy nos adverte que devemos lembrar que as manifestações religiosas às quais temos acesso através de vestígios arqueológicos representam a religiosidade de uma parte mais rica do exército romano, já que o culto particular prestado por membros mais pobres do exército infelizmente não deixou uma cultura material que resistisse ao tempo. Este culto particular e não oficial tem seus maiores vestígios em altares de pedra erigidos próximos aos acampamentos e fortes militares. Estes altares contêm inscrições de dedicação a um ou mais deuses, sendo que algumas dessas dedicações eram feitas a deuses locais. O costume de se gravar nesses altares o nome e o posto daquele que mandara os erigir demonstra que só os membros mais graduados da corporação tinham condições de prestarem culto pessoal desta forma (GOLDSWORTHY, 2007, p.109-110).

Diante do exposto, concordamos com Stoll que a religião dos exércitos romanos deve ser analisada, então, como um misto destas perspectivas. Uma religião, que ele considera estatal (culto ao Imperador e aos deuses tradicionais romanos), uma que advém das trocas culturais com os locais de estacionamento de tropas e ainda uma terceira

perspectiva que diz respeito a uma religiosidade especificamente militar, como a veneração de certas *genii*, divindades tutelares e o então chamado “culto à bandeira”⁴⁹, que apesar de se parecer bastante com o culto imperial teria características próprias que os diferenciavam. Todas essas características levam o autor a classificar a religião das legiões romanas como “um complexo sistema”, ideia da qual com certeza compartilhamos (STOLL, 2007, p.452).

É nesta multiplicidade, composta por tantos aspectos diferenciados, sejam eles formais ou informais, individuais ou grupais, que se desdobrou uma religiosidade que almejava alcançar a ajuda dos deuses para se conseguir a vitória militar. E de acordo com Polieno e Frontino, valiam a astúcia e o engano para se conseguir esse precioso e cobiçado auxílio divino. Podemos observar nos *exempla* que envolvem as relações com o supra-sensível que o jogar com essas relações e percepções também era possível, recomendável e acima de tudo eficiente.

O *exemplum* de Téssalo narrado por Polieno representa bem este astuto jogo de percepções que se apóia, para funcionar, nas crenças inimigas. Os homens de Téssalo se dispersam a noite por locais estratégicos e utilizando-se de bastões erguem lanternas e tochas em movimentos circulares. Os beócios, ante a este fenômeno que são incapazes de compreender, recuam atemorizados. Pelo que os beócios tomaram as bolas de fogo que giravam no ar é difícil saber ao certo, mas sabe-se que o fenômeno criado pelo engano de Téssalo é muito semelhante ao fogo-fátuo (*ignis fatuus*), combustão resultante da emissão de gases provocada pela decomposição de matéria orgânica em regiões pantanosas. Em diversas culturas, esse fenômeno é interpretado como sinal de mal agouro.

No caso de Arquídamo, apresentado por Polieno, temos um dos mais interessantes e intrigantes *exemplum*, com certeza um dos que mais nos tomou tempo de pesquisa e

⁴⁹ Stoll utiliza o termo “*flag cult*” usados como troféus.

reflexão. Arquídamo decidiu exaltar os ânimos dos espartanos para o combate forjando a passagem dos dióscuros por seu acampamento. Ele com rapidez faz aparecer um altar no meio do acampamento, da noite para o dia, e passa em seu derredor dois cavalos. Arquídamo não precisa então fazer mais nada, pois os próprios membros de sua tropa começam a espalhar o boato de que os dióscuros lutariam ao lado do exército espartano. Até aí nada muito diferente dos demais *exempla* que incentivam o jogo com as crenças supra-sensíveis. Porém, o intrigante é como Polieno arremata sua narração afirmando que os soldados cobraram animo e tiveram seu espírito possuído pela divindade. Como pode a divindade conceder sua benção a uma farsa? Mas esta é uma pergunta que carrega uma percepção religiosa que não é a do paganismo politeísta romano. De fato para o imaginário romano era necessário chamar a atenção da divindade para sua petição ou para suas tropas. Quando Arquídamo constrói a passagem dos dióscuros por seu acampamento esta atitude é encarada por Polieno como uma convocação, uma petição de ajuda bem sucedida em duas etapas distintas: primeiro os soldados recobram animo, pois estes pensam que de fato a divindade esteve em seu acampamento, e em segundo lugar o estratagema não deixa de ser a construção de um altar e por isso, de acordo com Polieno, os mesmos soldados tem seus espíritos possuídos pelo furor guerreiro de Cástor e Pollux.

Outra situação comum nos *exempla* acerca de como usar o supra-sensível a seu favor é a questão da interpretação dos sinais. O comandante que se adianta em uma interpretação do sinal que seja positiva e favorável a seu exército infunde de ânimo a fé de seus soldados e desfruta então de todas as vantagens que um exército motivado pode proporcionar. É o caso dos *exempla* protagonizados por Epaminondas e Timoléon, ambos narrados por Polieno. Epaminondas, diante de um trovão que atemorizou seus homens, pensa e reage velozmente à situação. Ele percebe que o adivinho que acompanhava suas tropas faz uma interpretação negativa do trovão, como se fosse um sinal para retardar o

ataque, e então intervêm suplantando a autoridade religiosa do adivinho, quando rejeita sua interpretação negativa e afirma a sua positiva. Quando Epaminondas diz: “De nenhum modo, pois os inimigos acampados em lugar como este já foram fulminados”, ele transfere o augúrio para o inimigo, fazendo com que seus soldados lutem uma batalha que creem já ter resultado pré-determinado por forças sobrenaturais.

Timoléon também usa os fenômenos naturais como sinais confirmativos de previsões a seu favor. Ao se defrontar com um exército inimigo muito maior que o seu, o comandante grego sabia que precisaria de toda espécie de vantagem que pudesse utilizar. Mais uma vez vemos as tropas do general, que se usa desse estratagema lutando com a convicção de vitória certa, convencidos de que seriam apenas os instrumentos no cumprimento de algo que já estava predeterminado pelo oráculo, confirmado pela tempestade insurgente. Note que esta mesma tempestade repentina poderia ter sido interpretada como um infortúnio para o exército de Timoléon, que vale lembrar já estava em menor número, mas é o adiantar-se, o estar sempre um movimento à frente, que caracteriza o general ideal para estas coleções de estratagemas; quando Timoléon convoca a assembléia para comunicar-lhes a sua interpretação do oráculo ele elimina os rumores de interpretações negativas, e segundo Polieno isso lhe garante a vitória de poucos sobre muitos.

Já no *exemplum* de Sertório, narrado e comentado por Frontino, temos exortação para que o comandante, sempre que possível, faça com que suas ordens pareçam divinamente inspiradas. A questão aqui não é discutir se tal veado branco poderia ao menos existir, ou se existisse como Sertório o mantinha por perto, isso pouco nos importa. O importante aqui é o ensino de Frontino ao leitor. Se os comandados de fato pensassem que suas ordens e decisões advêm de uma comunicação com forças sobrenaturais, eles o obedeceriam com muito mais vigor e sem muitos questionamentos,

porque de fato pensariam estar obedecendo a uma autoridade maior que a do comandante, a qual ele mesmo estaria sujeito também. E então vem o comentário de Frontino, uma das raras vezes onde isto acontece. Segundo o autor este é um tipo de ardil tão eficiente que não deve ser utilizado apenas quando os comandados são pessoas simplórias mas sempre que o comandante conseguir passar uma boa impressão de verossimilhança. cremos que Frontino está afirmando que o estratagema que joga com as percepções supra-sensíveis funciona com quaisquer tipos de pessoa desde que ele esteja bem articulado. Podemos ver aí a importância da religião em uma sociedade como a romana. Temos um homem do primeiro século afirmando que o comandante que conseguir aparentar ter suas ordens e decisões divinamente inspiradas sempre terá o apoio de seus comandados.

No *exemplum* protagonizado pelo general Epaminondas, Frontino afirma claramente que o comandante tebano conclui que suas tropas precisavam de um reforço em sua moral, mas não qualquer reforço e sim um específico, uma motivação religiosa. Assim, Epaminondas retira secretamente as armas que decoram os templos e convence os soldados de que as armas sumiram porque foram tomadas pelos próprios deuses que marchariam ao lado deles. Observamos mais uma vez a questão da interpretação que se faz dos sinais. Forjar um sinal é apenas o primeiro passo do estratagema. Se ele não for acompanhado de um bem elaborado e verossimilhante discurso de convencimento, o ardil pode ter efeitos completamente indesejados. Pensemos em uma situação hipotética, apenas para fins de desenvolvermos nosso argumento. Se Epaminondas não fornecesse rapidamente sua interpretação para o desaparecimento das armas, o que poderia impedir que os soldados pensassem que eles tinham simplesmente sido alvos de um roubo? Ou mais grave ainda; seria totalmente plausível a interpretação de que a ausência das armas nos templos significava que os deuses estavam retirando seu apoio do exército de Epaminondas! A exortação a esta velocidade de iniciativa fica ainda mais clara em outros

dois *exempla* registrados por Frontino e protagonizados ainda por Epaminondas. Um meteoro cruzou o céu a noite e atemorizou os homens do comandante que mais uma vez provê a sua interpretação para o evento e, se utilizando de sua posição privilegiada, torna sua interpretação a verdadeira: o meteoro é uma luz que envia poderes do alto ao exército. Aquilo que antes trazia medo é transformado em confiança. Quando se sentou em uma cadeira que cedeu, provocando sua queda em público, Epaminondas mais uma vez suplanta as interpretações alheias com a dele: ao contrário de um infortúnio, como queriam os soldados, aquilo era um sinal de que eles deveriam avançar contra o inimigo. As divindades não queriam derrubar Epaminondas, pelo contrário, desejavam tanto sua vitória que nem ao menos o permitiam ficar sentado.

Quando o sinal era óbvio demais para ser reinterpretado a favor do comandante também há a exortação a respeito do que se fazer. Frontino por meio do *exemplum* de Péricles mostra que o sinal pode ser simplesmente desacreditado, ele pode ser trazido da esfera do sobrenatural para a do natural. Dizer que um raio que caiu diretamente em seu acampamento era um bom sinal não era uma opinião disponível para Péricles, seria um ardil que contaria com pouca ou quase nenhuma verossimilhança. Péricles, então, através de uma demonstração prática (forma de explanação que conforme já vimos é um padrão nas coleções de estratagemas), explica a seus homens que o raio é um efeito natural do choque entre as nuvens, assim como a faísca é um efeito natural do choque entre as pedras, uma racionalização fantástica para época, que tranquiliza os soldados.

E por último, nos padrões que dizem respeito a jogar com as crenças no supra-sensível, temos os *exempla* que consistem simplesmente na ousadia de se desrespeitar as observâncias religiosas. Públio Cipião, segundo Frontino, tinha seus homens desgastados por uma intensa e constante chuva, que inclusive prejudicava diversos equipamentos. Percebendo que o ânimo de seus soldados se esgotaria em breve, Cipião ordena o ataque

mesmo sabendo que o dia seguinte é de observância religiosa. Cipião toma essa decisão baseado no fato de que se não a tomasse certamente seria derrotado pelo próprio desânimo de seus soldados. Címon, por sua vez, foi mais ousado ainda e incendiou um templo da deusa Diana e um bosque sagrado para atrair os cidadãos fiéis para fora de sua cidade e assim invadir e conquistá-la. Pode-se concluir que, para estes manuais militares, a guerra deveria ser vencida a qualquer custo, mesmo que esse custo fosse a inimizade dos deuses. A nosso ver essa é uma forma de pensar muito ousada para autores do primeiro e segundo século da era crista, como é o caso de Frontino e Polieno.

Nosso objetivo com este capítulo foi a criação de uma tipologia inicial dos manuais militares do tipo coleção de estratégias, mostrando algumas diferenças e principalmente as semelhanças entre *Strategica* e *Stratagemata*. Essas semelhanças, os indícios a favor da boa circulação destas obras e o razoável espaço de tempo (cerca de aproximadamente 80 anos) entre suas publicações nos levam a crer na formação de uma espécie de “escola de pensamento estratégico” no período do Principado. Soma-se a estes argumentos o de J. E. Lendon, que defende que esta perspectiva de educação militar é um desdobramento do novo tipo de educação que a elite romana teve ao longo do período do Principado, um tanto quanto diferente daquela recebida durante o período republicano, ou seja, a educação militar da elite imperial romana era muito mais voltada para a teoria, enquanto a da elite republicana pré-profissionalização era voltada para prática (LENDON, 2005, p. 282-294).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos as vidas destes autores, seus contextos históricos e diversos trechos de suas obras, chegamos a algumas possíveis considerações acerca dos manuais militares. Mas, antes de tudo, gostaríamos de ressaltar que os padrões observados nas duas obras e aqui corroborados possuem uma fluidez intrínseca entre si de forma que nosso objetivo de maneira nenhuma foi separá-los uns dos outros ou reordená-los, mas apenas agrupá-los de maneira classificatória de tal forma que isso facilitasse nossas análises.

Pensamos que inicialmente é necessário reafirmar a validade dos manuais militares como documentos históricos. A nosso ver, eles são documentos textuais que nos permitem fazer várias inferências epistemologicamente seguras acerca do mundo antigo. Basta vermos nos trechos selecionados para o capítulo III que os manuais acabam tratando de diversos outros assuntos que não somente as batalhas, o que acaba permitindo que eles configurem-se como uma vasta fonte documental para diversos outros tipos de pesquisa histórica. E diríamos mais, até mesmo para o paradigma do “onde, como e quando aconteceu?” os manuais militares apresentam sua contribuição. Assim, como o caráter mítico da poesia épica não impede as obras homéricas de nos fornecerem dados sobre um período da história grega, o caráter anedótico de muitos dos *exempla* arrolados por Polieno e Frontino não torna impossível que suas obras sejam utilizadas para este tipo de pesquisa. Como afirmaram Krentz e Wheller, parte da importância dos manuais militares do tipo coleções de estratégias está justamente em os mesmos conterem narrativas de eventos que não encontramos em nenhuma outra fonte do mundo antigo (KRENTZ; WHELLER, 1994, p.6). Porém, o mais relevante para nossa pesquisa com estes manuais militares talvez tenha sido nos deparar com uma perspectiva temporal um tanto quanto peculiar.

Ao lermos os manuais militares, percebemos que havia ali uma perspectiva muito interessante acerca do tempo, da forma como o homem lida e é afetado por ele. Especialmente no que tangia à relação passado-presente, o manual militar, parece-nos, não criava uma “ponte”, como é costumeiro se pensar sobre os escritos antigos, mas sim, lança uma “corrente” que, prendendo o passado ao presente, tenta aproximá-los, achatando-os, ao ponto de ocorrer um amálgama.

Nos manuais militares escritos por Frontino e Polieno esta “corrente” é a inteligência astuciosa manifesta na forma de estratagema. É na instrumentalização do estratagema que os tempos passado e presente se aproximam. Esta perspectiva amalgamada do tempo pode ser vista claramente na introdução do livro III do *Stratagemata* de Frontino:

“Pondo também de parte todas as considerações sobre obras e máquinas de guerra, de que já há muito tempo não há mais nada a inventar, e para as quais não vejo, nas artes aplicadas, quaisquer possibilidades de melhoramentos, reconhecerei os seguintes tipos de estratagemas relacionados com as operações de cerco” (FRONTINO, *Stratagemata*, Livro III, Introdução).

A opinião de Frontino é bastante clara, os *exempla* que ele arrolaria em sua obra poderiam ser usados sem maiores problemas por leitores de quaisquer época, pois ele está certo de que as técnicas não mudariam mais, “já há muito não há mais nada a inventar”. Neste caso, Frontino está falando especificamente de máquinas de guerra, no entanto, essa opinião se repete sistematicamente ao longo do manual e este trecho foi escolhido como um representante explícito deste tópico literário.

Como pudemos perceber ao longo dos *exempla* arrolados, diversos princípios de ação deveriam ser emulados para que o comandante obtivesse uma vitória segura. A perspectiva amalgamada do tempo permitia aos romanos imaginarem essa possibilidade. Esse imperativo de emular o passado convoca a uma atitude ativa com relação ao tempo.

O leitor do manual militar não deveria esperar pacientemente que a oportunidade de utilizar algum *exemplum* aparecesse diante dele, não, ele deveria forjar através da inteligência astuciosa as oportunidades de utilizar os princípios que já haviam sido bem sucedidos no passado.

Ocorria um interessante fenômeno com a aristocracia romana do Principado, as mudanças táticas na forma de se fazer a guerra pareciam passar despercebidas por eles, o que aumentava sua perspectiva amalgamada do tempo e facilitava o incentivo, por parte do manual militar, a uma atitude emulatória e ativa perante o passado. Lendon demonstrou como que para os romanos a política era uma questão de virtude e honra e acreditamos que isso se aplica grandemente aos aspectos militares também (LENDON, 2000, p.40-47). Esta forma de ver a “competência” de comandantes políticos e militares contribui em grande parte para esta visão estagnada da guerra. Ora, se se acredita serem os méritos próprios dos generais que vencem as batalhas, é de fácil compreensão que os aspectos técnicos fiquem ofuscados ao ponto de diversas inovações não serem notadas ou até mesmo omitidas. É interessante notar que até mesmo alguns autores modernos repetem as fontes nesse aspecto, como é o caso de Miguel Mata, que propõe na introdução de sua tradução de *Stratagemata*:

“Neste seis séculos de história militar incluídos nos *Stratagemata* pode encontrar-se algumas variações como a preponderância da cavalaria nos exércitos do Império Parto ou o recurso à guerra de guerrilha pelos povos da Península Ibérica, mas existe uma imagem recorrente: milhares de homens enfrentando-se corpo a corpo, utilizando equipamentos e sistemas táticos muito semelhantes. Daqui decorre que, em muitos casos, nenhum dos adversários possui uma vantagem decisiva que possa fazer a balança pender a seu favor. Quando assim é, talvez o fator decisivo esteja, afinal, nas mãos de um único indivíduo, o general. Na sua inteligência, na sua determinação, no seu carisma, ou apenas... nos seus estratégias” (MATA, 2005, p.27).

Vemos aqui como esta perspectiva, que desconsidera os avanços na tecnologia da guerra como tendo alguma responsabilidade real nas vitórias, foi tão praticada pelas fontes antigas que facilmente podem imprimir essa impressão em observadores modernos, caso não se tome uma atitude crítica com relação às fontes.

Assim, os leitores de manual militar trabalhavam pela repetição de determinadas situações que fossem favoráveis à utilização de princípios que haviam tido sua eficiência garantida pelas vitórias do passado, pois criam que eram esses princípios de virtude e inteligência astuciosa os verdadeiros e quase únicos responsáveis pelas vitórias. Não se trata aqui de dizer que os romanos eram avessos às modificações táticas e tecnológicas, eles as fizeram várias vezes e isso foi amplamente demonstrado no capítulo II. Trata-se de perceber como o crédito destas modificações era ofuscado pelas honras do comandante.

O estratagema era, portanto, a “corrente com gancho” da qual os comandantes romanos do Principado se utilizavam para trazer a situação do passado ao presente, no entanto, isso só era possível porque se cria que as vitórias não tinham sido obtidas por esta ou aquela inovação tecnológica, mas sim pela ousadia de se por em prática um plano astucioso e/ou inteligente. Porém, sem uma perspectiva amalgamada de tempo já existente anteriormente no seio da sociedade, o manual militar não poderia propor tal atitude ativa quanto ao passado; o manual militar como propositor de uma atitude ativa diante do passado só foi possível porque a sociedade romana já pensava o tempo em termos que permitiam imaginar seu amalgamar.

Esse raciocínio, parece-nos, também é defendido por Lendon. Segundo o autor:

"Há duas consequências intelectuais principais da educação retórica na esfera militar. Primeiro foi a tendência de conceber o passado como exemplar: a educação, o passado greco-romano não ofereceu apenas um tesouro de experiência para ser conclamado quando necessário, mas

também um cânone de ações excelentes que exigia ser imitado ou ultrapassado” (LENDON, 2005, p. 282).

Era assim que se encontrava uma aristocracia que não passava mais seus vinte e poucos anos no exército, como era o caso da aristocracia republicana. Ao contrário, no Principado, a profissionalização do exército estava mais que consolidada e grande parte dos comandantes, seja da ordem senatorial, equestre ou legados imperiais, eram homens inicialmente sem nenhuma experiência militar prática. A educação retórica da aristocracia dos séculos I e II d.C. era assumida pelos atores históricos como suficiente para todos os assuntos. Assim, o militarismo também se torna acessível pela leitura e pela retórica, e essa maneira de pensar toma forma nos manuais militares escritos neste período por Frontino e Polieno.

O treino prático ao qual os romanos do passado republicano se submeteram parecia não ser mais necessário:

"Em vez disso, o que os romanos deveriam fazer é recriar os métodos militares e regimentos de seu próprio passado, adaptado-os levemente às condições atuais. Não há nenhum argumento sistemático (geralmente argumento nenhum) sobre o porquê técnicas mais antigas são melhores do que as contemporâneas: isso é simplesmente assumido. A convicção do leitor não é formada por uma lógica convincente, mas pelo estabelecimento da autoridade do autor de cultura literária que os leitores/autores assumiram partilhar. Então Vegécio citava a poesia e o verso de Virgílio onde ele pudesse: ele ilustra a discussão de quais qualidades para se procurar em recrutas por uma passagem de abelhas a partir de Geórgicas. Para um romano educado, tais citações compeliavam: elas sinalizavam que o autor tinha a educação de elite que gerava a confiança no mundo romano. Tal exposição da educação é onipresente na escrita de produtos da cultura literária aristocrática comum" (LENDON, 2005, p.282- 283).

Ao longo de nossa pesquisa percebemos essa educação retórica como fonte de legitimidade em Polieno. Já no final de nossa dissertação descobrimos esta semelhante análise feita por Lendon com relação a Vegécio. Foi interessante para nós descobrir que

um outro autor havia chegado a mesma conclusão, apesar de analisando um manual militar diferente, tanto em autoria quanto em data de publicação. O fato de Lendon ter percebido essas características tão semelhantes em um manual do século IV a.C. só vem reforçar a ideia, por nós proposta, da existência de uma escola de pensamento estratégico entre os aristocratas romanos. As demonstrações de erudição durante a obra, a apresentação de credenciais literárias e não militares práticas, tudo isso se encaixava perfeitamente na forma como os romanos organizaram sua educação durante o Principado. O elitismo intelectual, nos parece, transmitia mais confiança aos iguais do que qualquer outro tipo de treino. Se assim acontecia no *front*, entre os legionários e centuriões, nossa pesquisa não pode afirmar peremptoriamente, mas as características da fonte e os estudos de Lendon nos permitem inferir que assim ocorrera entre a aristocracia urbana romana.

Ainda sobre os aspectos gerados por esta concepção didática assumida pela aristocracia romana do Principado, Lendon afirma:

“[...] essa educação incentivava uma concepção do passado, que foi peculiarmente achatado e desarticulado, uma concepção do passado (compartilhada com a maioria dos povos pré-modernos) [...] para ver tudo que acontecia no passado, como se acontecesse ao mesmo tempo”.
(LENDON, 2005, p. 282)

A assertiva do autor corrobora aquilo que observamos tanto em *Stratagemata* quanto em *Strategica*. Havia uma concepção do passado que via todos os eventos acontecendo quase que simultaneamente, permitindo o acesso ao evento vitorioso através do “gancho-corrente” do estrategema. O manual militar era semelhante a um script de uma peça de teatro com diversas peças sobre batalhas, que com a inteligência correta poderiam ser encenadas novamente.

Lendon também parece crer que essas obras incentivassem o surgimento de outras do mesmo tipo posteriormente. Falando sobre Vegécio, o autor comenta:

“Evidentemente, os responsáveis pelos assuntos militares pensaram que o projeto valia a pena, assim como Frontino havia incentivado Eliano dois séculos antes” (LONDON, 2005, p.282).

Esta afirmação, deste importante teórico, aliada a nossa observação de diversos trechos semelhantes, além de a tônica geral das obras serem muito semelhantes, nos permite inferir a existência de uma espécie de escola de pensamento estratégico-militar no Principado romano, cujo alguns vestígios que a nós chegaram foram estes manuais militares. O intervalo de tempo entre as publicações das obras também é, em nossa opinião, importante evidência para a existência de um círculo como este na aristocracia romana do Principado. Este intervalo de cerca de sete ou oito décadas não é curto demais nem grande demais e nos permite pensar acerca da circulação dessas ideias entre algumas gerações de aristocratas romanos. Além do mais, o argumento de Krentz e Wheller para pensarmos a leitura de *Strategicas* por parte dos próprios Imperadores, aos quais a obra foi dedicada, nos parece bastante convincente; Polieno da entender na introdução do Livro V de *Strategicas* que os Imperadores estariam acompanhando suas séries de compêndios, o que seria muito arriscado de se dizer se isso de fato não estivesse acontecendo (KRENTZ; WHELLER, 1994, p.12-14).

Se pensarmos em uma sociedade onde até mesmo cartas eram publicadas para comprovar méritos sociais, espalhar uma mentira que envolvesse uma relação com um Imperador seria muito difícil. No entanto, não poderíamos deixar de notar que Polieno já conhecia centenas de artimanhas e estratagemas no alto de seu quinto compêndio; como confiar em alguém que escreve um compêndio de ardis? Apesar desta dúvida, ainda cremos que Polieno não escreveria uma obra de tal extensão se não estivesse contando com alguma audiência que lhe incentivasse a prosseguir em um trabalho que ele mesmo disse ser tão maçante (POLIENO, *Strategicas*, Livro II, Introdução). A circulação da obra de Frontino pode ser inferida do fato dele ainda ter escrito mais outras obras de temas

variados, o que nos dá certa segurança para averiguar que havia um público para seus escritos. Além disso, o prestígio decorrente de um extenso *cursus honorum* pode ter dado aos escritos de Frontino alguma vantagem de circulação (MATA, 2005, p.12-14). Sendo assim, é plausível pensar em um tipo de escola de pensamento estratégico entre os aristocratas romanos durante o Principado. Se estas obras de fato tiveram boa circulação e aceitação, como indicam ter tido, então podemos imaginar diversos aristocratas romanos que se baseavam nestas idéias para comandar e até mesmo as reproduziam nas conversas informais de ambientes como bibliotecas particulares e banhos públicos.

Concluindo, o valor do *exemplum* na sociedade romana deve ser analisado sempre em sistema com a perspectiva amalgamada do tempo que eles tinham. A proposição de uma atitude ativa perante a temporalidade da guerra só poderia ser ensinada pelo manual militar graças a esses sistema misto de educação retórica por meio de *exempla* somada à perspectiva desarticulada do passado. Como bem afirmou Lendon sobre a credibilidade de um destes autores de manuais militares:

“A sua credibilidade geral foi bem estabelecida pela citação literária, Vegécio muitas vezes torna o seu caso com exemplos: não pertinentes exemplos contemporâneos, mas velhos, os exemplos admiráveis que compelem a atenção e imitação, não meros exemplos, mas *exempla*” (LENDON, 2005, p.283).

O autor prossegue comentando que, mesmo se tratando de táticas, manobras ou tecnologias bélicas que tivessem boas aplicações óbvias, um *exemplum* deveria ser atrelado à tática, manobra ou tecnologia:

“Mesmo boa lógica perfeitamente militar só era útil se amparada por um apelo à Antiguidade. Por que manter uma reserva no campo de batalha? Para reforçar os pontos fracos e as tropas de manobra disponíveis, naturalmente. Mas Vegécio observa também que "os primeiros a descobrir isto foram os espartanos, os cartagineses os imitaram, e os romanos posteriormente utilizaram em todos os lugares". Um pedigree longo e honroso faz mesmo uma boa tática muito mais atraente.

Novamente, não há nada incomum sobre essa lógica. Apelo - e reverência pelos – *exempla* era ensinado a todas as crianças romanas, cujos pais podiam pagar o ensino. Volumes de *exempla* foram editados e publicados para a utilização dos oradores” (LENDON, 2005, p.283).

Nessa forma de se pensar o tempo, a ordem cronológica dos eventos parecia ser o que menos importava. “História não era sistematicamente ensinada [...] conhecimento do passado adivinha muito mais de manuais de excertos do que de ser ler história contínua” (LENDON, 2005, p.284). Observamos como estes elementos, a educação retórica, os manuais e a reverência ao passado por meio dos *exempla*, estavam estruturados em um sistema que se completava para formar, entre outras coisas, uma crença na possibilidade de fazer o passado re-acontecer no presente. A chave que ativaria este processo possível era a competência do general manifesta no “gatilho” do *estratagema*, que por sua vez era contido no *exemplum*, que por sua vez estava contido no manual militar. Para estes romanos, a inteligência astuciosa na forma de *estratagema* forneceria o substrato necessário para lidar com as vicissitudes de um campo tão movediço como é o da guerra. Logo, se a guerra é um espaço incerto, caberia ao comandante organizá-la e fazê-lo de forma que seu exército vencesse. “E qual a maneira melhor para se conseguir isso se não pela emulação daquilo que já deu certo no passado?” Diriam os autores das obras aqui analisadas (FRONTINO, *Stratagemata*, Livro I, Introdução) (POLIENO, *Strategica*, Livro V, Introdução).

Os *exempla* não eram um passado a ser imitado caso fossem interessantes ou necessários. Segundo Lendon:

"A devoção ao passado não foi, em grande parte, sentimental ou doutrinária: o passado foi um guia para fazer as coisas da maneira mais eficiente, porque os homens antigos tinham, em geral, sido melhores e mais sábios do que os homens do presente" (LENDON, 2005, p.287).

Essa força que compelia a emular, em nossa opinião gerada pela sinergia entre a perspectiva amalgamada do tempo, educação retórica e admiração pelos *exempla* do

passado, foi vista por Lendon na atitude do Imperador Juliano (que apesar de ser de um período posterior ao nosso recorte apenas reforça nossa idéia de que uma escola de pensamento estratégico tenha surgido a partir do Principado romano):

"Assim sendo" bem informados sobre coisas antigas ", como Amiano afirma Juliano descrever-se (e como os próprios escritos sobreviventes de Juliano, que são colados com textos antigos, amplamente confirmados), não se limitou a dizer que Juliano tinha uma biblioteca de técnicas militares para consultar quando precisava dela, mas também significava que Juliano tinha coleções de obras famosas para emular se precisasse ou não. Para alguém com educação de Juliano, como a de Vegécio, o conteúdo dos livros antigos tinham uma perspectiva força ativa" (LENDON, 2005, p.294).

Vemos, então, que para o autor, Juliano iria emular o passado, necessitando sua vitória disto ou não! Isso confirma ainda mais a perspectiva do amálgama temporal que traz o passado de volta ao presente. Inicialmente o manual militar compele a trazer o passado porque este é útil, é uma vitória que já foi vencida, que certamente dará certo. Porém, o desenvolvimento dessa perspectiva levou: a emulação do passado a tornar-se um devir para os homens que compartilhavam da educação romana no período do Principado em diante.

Chegamos ao final deste trabalho de dissertação esperando termos dado uma contribuição ao conhecimento histórico que temos acerca do mundo antigo. Nosso desejo é o de contemplar muitos outros trabalhos que encarem a história militar em sua perspectiva cultural. No presente texto, apresentamos uma breve tipologia dos manuais militares romanos, vimos aquilo que acreditamos serem suas características mais marcantes e deste trabalho de investigação saltou-nos aos olhos que estes livros possuíam uma perspectiva temporal muito peculiar (que posteriormente detectamos que outro autor que pesquisou o manual militar de Vegécio também percebeu, a saber Jonh Lendon). Frontino e Polieno, por meio de seus escritos conservados até nossa era, contribuíram

para que pudéssemos entender melhor como seu povo pensava que conseguiam as tão vastas vitórias que fizeram com que eles construíssem o maior Império de sua época. Talvez, para que nos servisse de lição, estes dois romanos, que viveram em séculos diferentes, creram que a vitória fora conseguida por meio da inteligência, da sagacidade e principalmente do aprendizado com o passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOCUMENTOS TEXTUAIS

DION CÁSSIO, *Roman History*. Translated by Ernest Cary. Harvard: University Press, 1914 (LOEB, V.56).

ENÉIAS, o Tático. *Polieorcética*. Tradução e Introdução de José Vela Tejada. Lisboa: Sílabo, Lda, 2005.

FLÁVIO JOSEFO. *História dos Hebreus. Guerra Judaica*. Tradução de Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

FRONTINO. *Estratagemas*. Tradução e Introdução de Miguel Mata. Lisboa: Sílabo, Lda, 2005.

FRONTINUS. *Stratagemas. Aqueductis of Rome*. Translated by Charles E. Bennet. Harvard: University Press, 1914 (LOEB, V.174).

HERODOTUS, *The Persian Wars*. Volume I: Books 1-2. Translated by A.D. Godley. Harvard: University Press, 1920 (LOEB Classical Library).

JOSEPHUS. *Jewish War*. Books 1-2. Translated by H.ST.J. Thacheray. Harvard: University Press, 1927 (LOEB, N°.203).

_____. *Jewish War*. Books 3-4. Translated by H.ST.J. Thacheray. Harvard: University Press, 1927 (LOEB, N°.487).

POLIENO. *Stratagemas of War*. Tradução e Introdução de Peter Krentz e Everett L. Wheller. Chicago, Illinois: Ares Publishers, inc, 1994.

POLIENO. *Estratagemas*. Tradução de Francisco Martín García. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

TACITUS. *Annals 13-16*. Translated by John Jackson. University Press, 1937 (LOEB, V.322).

TITO LÍVIO. *History of Rome*. Tradução de B.O. Foster. Loeb Classical Library: Latin Authors, 1998 (LOEB, V.214).

VEGÉCIO. *Compêndio da Arte Militar*. Tradução e Introdução de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

OBRAS GERAIS

ANTONELLI, Di Lamberto. *Armi e Armature dell'Impero Romano*. Roma: Casa Editrice Roberto Napoleone, 1990.

BAËNA, Miguel Sanches de. Roma *Victor*: o armamento ligeiro das Legiões Romanas. In: *A Guerra na Antiguidade III*. Lisboa: Caleidoscópio, 2010. p.319-326.

BIRLEY, A. R. Hadrian to Antonines. In: *Cambridge Ancient History*. Cambridge: University Press, 2008. V.11,p.132-190

BIVAR, A.D.H. The Political History of Iran Under the Arsacids. In: *The Cambridge History of Iran*. Cambridge: University Press, 1983. p.48-58

BRIZZI, Giovanni. *O Guerreiro, o Soldado e o Legionário*. São Paulo: Madras, 2002.

CAGNIART, Pierre. The Late Republican Army (146-30 BC) In: *A Companion to the Roman Army*. Oxford, Blackwell Publishing, 2007.p. 80-95

CAMPBELL, Brian. Teach Yourself How To Be a General. *The Journal of Roman Studies*. London, V.77, 1987. p13-29

_____. *Greek and Roman military writers*. New York: Taylor & Francis e-Library, 2006.

CAMPBELL, Brian; HOOK, Adam. *Ancient Siege Warfare*. London: Osprey, 2006.

CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2002.

COOK, S. A.; CHARLESWORTH, M. P. *The Cambridge Ancient History*. London: Cambridge, 1969. V. 5.

DAY, John. *Yahweh and the Gods and Goddesses of Canaan*. London: Shaffield Academic Press, 2002.

DAWSON, Doyne. *As origens da guerra no ocidente: militarismo e moralidade no mundo antigo*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1999.

DENCH, Emma. *Romulus's Asylum: roman Identities from the Age of Alexander to the Age of Hadrian*. Oxford: University Press, 2005.

DETIENE, M.; VERNANT, J.-P. *Le astuzie dell'intelligenza nell'antica Grecia*. Roma: Laterza, 2005.

DIGNAS, Beate; WINTER, Engelbert. *Rome and Persia Late Antiquity : Neighbours and Rivals*. Cambridge: University press, 2007.

GILLIVER, Kate. The Augustan Reform and the Structure of Imperial Army. In: (edit.) ERDKAMP, Paul. *A Companion to the Roman Army*. Oxford, Blackwell Publishing, 2007.

GOLDSWORTHY, Adrian. *El ejército romano*. Madrid: Akal, 2007.

_____. *Generais Romanos*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009.

_____. *Roman warfare*. London: Orion Books, 2000.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Editoria Bertrand Brasil S.A., 1987.

GRUEN, Erich S. *Culture and National Identity in Republic Rome*. New York: Cornell University Press, 2008.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Imperialismo greco-romano*. São Paulo: Ática, 1994.

GUAL, Carlos García. Perfíles de la astúcia: la metis como categoria cultural. In: *Revista de Ocidente*. Madrid, n° 79, 1987. p. 15-27

HANSON, Victor Davis. The Modern History of Ancient Warfare. In: (edit.) SABIN, P.; WESS, V. W.; WHITBY M. *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare*. Cambridge: University Press, 2007. p. 3-21

KAGAN, Donald. *On the Origins of War: and the Preservation of Peace*. Washington: First Anchor Books Edition, 1996.

KEEGAN, John. *Uma história da Guerra*. São Paulo: Schwarcz, 2006.

KEPPIE, Lawrence. *The making of the roman army: from republic to empire*. Oklahoma: University Press, 1998.

LUTTWAK, Edward N. *La Grande Strategia Dell'Impero Romano: L'apparato Militare come forza di dissuasione*. Milão: RCS Libri, 1997.

HANSON, Victor Davis. Hoplite Obliteration: The Case of the Town of Thespias. In: (edit.) CARMAN, J.; HARDING, A *Ancient Warfare*. UK: Sutton Publishing Limited, , 2005. p. 203-218

HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: EDNUB, 2003.

_____. Invenção do Bárbaro e Inventário do Mundo. In: *Memória de Ulisses*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2004. P. 923-122.

KEPPIE, Lawrence. *The Making of the Roman Army*. Norman: University of Oklahoma Press, 1998.

- LONDON, J. E. *Empire of Honour*. Oxford: University Press, 2000. p.1-106.
- LONDON, J. E. *Soldiers and Ghosts: A history of battle in classical antiquity*. New Heaven and London: Yale University Press, 2005.
- LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MARCEL, Detienne ; VERNANT, Jean-Pierre. *Lê astuzie dell'inteligenza nell'antica Grécia*. Roma: Laterza, 2005.
- MENDES, Norma Musco. *Roma Republicanana*. São Paulo: Àtica, 1988.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.
- PESCHANSKI, Catherine. Os bárbaros em confronto com o tempo (Heródoto, Tucídides, Xenofonte). In: CASSIM, B.; LOURAU, N.; PESCHANSKI, C. *Gregos, Bárbaros, Estrangeiros. A cidade e seus outros*. Rio de Janeiro: Trinta e Quatro, 1993. p.56-74.
- PEIXOTO, Raul Vitor Rodrigues. *O Bárbaro em Estratagemas de Polieno*. In: Anais eletrônicos do IV Simpósio Internacional de História: Cultura e Identidades – ANPUH-GO, 2009.
- POLLARD, Nigel. The Roman Army. In: (edit.) POTTER, D. S. *A Companion to the Roman Empire*. Oxford, Blackwell Publishing, 2006. p.206-227.
- RAAFLAUB, Kurt A. Searching for Peace in the Ancient World. In: (edit.) RAAFLAUB, K. A. *War and peace in the Ancient World*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. p. 1-33.
- RAAFLAUB, Kurt A; Rosenstein, Nathan. *War and Society in the Ancient and Medieval Worlds*. Harvard: University Press, 1999.
- ROSENSTEIN, Nathan. Military Command, Political Power and the Republican Elite. In: (edit.) ERDKAMP, P. *A Companion to the Roman Army*. Oxford, Blackwell Publishing, 2007. p.132-147
- SABIN, Philip; WEES, Hans Van; WHITBY, Michael . *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare*. New York: Cambridge University Press, 2007.

_____. *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare 2*. New York: Cambridge University Press, 2007.

SANTO, Arnaldo do Espírito. *Marco Aurélio*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1996.

SANTOSUOSSO, Antonio. *Storming the Havens: Soldiers, Emperors and Civilians in the Roman Empire*. Oxford: Westview Press, 2001.

SIDEBOTTOM, Harry. *Ancient Warfare: a very short introduction*. Oxford: University Press, 2004.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *A segunda sofística: movimento, fenômeno ou exagero?* acessado em <http://vereda.saber.ula.ve/sol/presentia8/maria.htm> ,2007.

SOUZA, Marcos Alvito Pereira de. *A Guerra na Grécia Antiga*. São Paulo: Ática, 1988.

STOLL, Oliver. The Religion of the Arms. In: (edit.) ERDKAMP, P. *A Companion to the Roman Army*. Oxford, Blackwell Publishing, 2007. p. 451-476.

SVENBRO, Jesper. A Grécia arcaica e clássica: a invenção da escrita silenciosa. In: (org.) CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Editora Ática, 1998. p.41-69.

SYME, Ronald. *Problems with Janus*. Oxford: University Press, 1979.

TRITLE, Lawrence A. “Laughing for Joy”: War and Peace Among the Greeks. In: (edit.) RAAFLAUB, K. *War and peace in the Ancient World*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007. p. 172-190.

WEIDEMANN, T.E.J., Tiberius to Nero. In: *The Cambridge Ancient History*. Cambridge: University Press, 2008. p.198-255.

WOOLF, Greg. Inventing empire in ancient Rome. In: *Empires: Perspectives from Archeology and History*. Cambridge: University Press, 2010. p.311-322.